

ARMANDO CORRÊA DA SILVA

CINCO PARALELOS E UM MERIDIANO

Contribuição ao Discurso Geográfico Teórico

São Paulo

1979

SILVA, A.C. DA

1979

CINCO PARALELOS E UM MERIDIANO
(Contribuição ao Discurso Geográfico Teórico)

Armando Corrêa da Silva

CINCO PARALELOS E UM MERIDIANO

(Contribuição ao Discurso Geográfico Teórico)

Trabalho apresentado como Tese de Livre-
Docência ao Departamento de Geografia da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo.

São Paulo

1979

“Obviously everyone should be left free find freedom in his own way”

L. Feather

SEQUÊNCIA DE EXPOSIÇÃO

REFERÊNCIAS.....	i
INTRODUÇÃO	1
Que país é este?	1
Do espaço, ou no espaço?	6
Uma Trama de Variações	10
Aparência ou Essência.....	13
História ou Geografia?	15
Cinco Paralelos e um Meridiano	15
Notas da Introdução	16
Bibliografia	19
1. BRASIL GEOGRÁFICO	20
O Brasil pós-rural	20
Transição e Crise	28
O Brasil Pré-Urbano	39
Bibliografia	49
2. ESPAÇO E SOCIALISMO	51
O espaço de burgueses e proletários.....	51
O espaço cultural e o espaço jurídico	53
O espaço ideológico e o espaço político.....	55
O espaço do proletariado e dos camponeses.....	59
O espaço do tempo presente no espaço	59
BIBLIOGRAFIA.....	62
3. VARIAÇÕES: UNICIDADE, DEPENDÊNCIA, EQUIVALÊNCIA.	63
Unicidade	64
Variações sistemáticas e Regionais.....	66
DEPENDÊNCIA	68
Divisão do trabalho e variações.....	72
Equivalência	74
Variações de Primeira Ordem.....	75
Variações de Segunda Ordem.....	79
A contradição na abordagem sincrônica	80
Espaçode uma teoria do lugar	81

Proposição	81
Argumentos	81
BIBLIOGRAFIA.....	87
4. O ESPAÇO SOCIAL NA GEOGRAFIA FRANCESA	88
Vidal de La Blanche – O Espaço Existente	89
Max. Sorre – O Espaço Dinâmico	99
Pierre George – O Espaço Criado.	111
Paul Claval – O Espaço Valorizado.	120
Considerações	129
5. COLONIALISMO E COMPLEMENTARIDADE	133
Uma concepção Ortodoxa.....	135
“A terra, pois, há que regressar”	137
Centro e Periferia na Análise Espacial.....	139
O Fluxo da Contradição Mediada	140
BIBLIOGRAFIA.....	141
BIBLIOGRAFIA GERAL.....	142
ÍNDICE ONOMÁSTICO	144

REFERÊNCIAS

Este livro começou a ser produzido em julho de 1978, em São Paulo, bairro de Pinheiros, às 20:16 hs, quando, no dia 14 desse mês, cheguei a elaborar sua seqüência de exposição, às vésperas de uma viagem em automóvel a Fortaleza –CE, que se realizou com o objetivo de apresentar Comunicação ao 3º Encontro Nacional de Geógrafos Brasileiros.

Devo a Milton Santos o necessário estímulo inicial.

É que havia participado da 30ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, onde apresentei, em uma Mesa-Redonda, o trabalho intitulado O ESPAÇO POSITIVISTA NA GEOGRAFIA SOCIAL FRANCESA. A pretensão correu por conta do caráter do evento. Posteriormente, o texto foi retrabalhado para esta finalidade que me proponho agora, tendo sido alterado seu título, agora menos pretensioso, para o ESPAÇO SOCIAL NA GEOGRAFIA FRANCESA.

Tentei trabalhar de modo programado, mas, apesar de todos os cuidados, tive que fazer duas alterações lingüísticas na seqüência da exposição: O BRASIL GEOGRÁFICO tornou-se BRASIL GEOGRÁFICO e SOCIALISMO E ESPAÇO transformou-se em ESPAÇO E SOCIALISMO. Não obstante, essas alterações não modificaram a ordenação dos assuntos tratados, de cuja indicação analítica o leitor encontra, na Seqüência de Exposição, o detalhamento.

De outros quatro ensaios, que às vezes teimam em apresentar-se como estudos, são, pela ordem de pesquisa e redação: VARIAÇÕES: UNICIDADE, DEPENDÊNCIA, EQUIVALÊNCIA; COLONIALISMO E COMPLEMENTARIDADE; ESPAÇO E SOCIALISMO; BRASIL GEOGRÁFICO. Então, a seqüência de descoberta, *a posteriori*, foi, conforme acima, o fluxo contraditório mediado 4, 3, 5, 2, 1. O leitor, se o desejar, poderá seguir esse caminho, na leitura. Contudo, pode, também, se preferir, orientar-se pela seqüência de exposição 1, 2, 3, 4, 5; ou, ainda, 5, 2, 1, 4, 3, etc.

É importante que, qualquer que seja a seqüência, programe a relação entre esses trabalhos, de modo a estabelecer seu próprio modo de mediação e explicitá-lo.

Isto significa que este livro possui uma lógica geral e várias lógicas especiais, tantas quantas são as permutas, arranjos e combinações possíveis de 1 a 5. Ou, 6, se incluir-se a INTRODUÇÃO.

Desta complexidade, como dado do real: os textos redigidos – inferiu-se o título do livro: CINCO PARALELOS E UM MERIDIANO. Deixo ao leitor decodificar o significante e o significado, nestas referências, visto que, na INTRODUÇÃO, o assunto é esclarecido.

O trabalho intitulado COLONIALISMO E COMPLEMENTARIDADE é o que poderia chamar de resultado “final” de um longo e difícil dialogo entre José Chasin e eu. Esclareça-se: dificuldade lingüística conceitual.

VARIAÇÕES: UNICIDADE, DEPENDÊNCIA, EQUIVALÊNCIA é um original meu, um auto-estímulo. Claudio Pucci, jornalista, o denominaria depois, de um estímulo nuclear, algo assim como possuir um “reator próprio”.

ESPAÇO E SOCIALISMO, que a princípio chamava-se “Socialismo e Espaço”, é uma tentativa de interdisciplinaridade entre Geografia e Sociologia.

BRASIL GEOGRÁFICO é, neste livro, o compromisso intelectual assumido desde 1967, quando comecei a pesquisa de objeto e método geográficos.

Não conseguiria realizar este livro sem a ajuda da SONY, SANYO, PARAMONT RECORDS. Trata-se de um aparelho de som, uma TV a cores e um disco, que reproduz músicas, condicionamentos importantes na década de 50.

A datilografia dos originais foi feita em uma FACIT 1730/ 4221, com poucas modificações ortográficas, sendo a codificação técnica tipográfica a expressão do processo de produção do trabalho, reproduzido em xerox. Por isso, não a modifiquei.

Este livro pôde ser realizado, como comunicação manuscrita, em sua fase final, com a ajuda decisiva e lúcida de Pedro Paulo Uzeda Moreira, psiquiatra, um relacionamento de muitos anos.

Que a paixão não impeça o autor e o editor de obterem os ganhos líquidos, se os houver.

São Paulo, 1979.

O Autor

INTRODUÇÃO

Esta é uma introdução pouco habitual, válida, em sua forma e conteúdo, à obtenção de um título de Livre-Docência. É que ela contém o sentido geral deste livro e não apenas a sua apresentação; o que denomino, nas REFERÊNCIAS, de lógica geral. Embora só diga, também, que várias lógicas especiais são possíveis, de acordo com as permutas, arranjos e combinações de 1 a 5, ou 6, cada ensaio possui sua própria coerência interna.

O nome deste trabalho, CINCO PARALELOS E UM MERIDIANO, deu muito que fazer ao autor, em sua decodificação – pois foi imaginado depois de redigidos os manuscritos – e porque ela é passível de muitos significados. Não o tomo no sentido cartográfico. Para mim, o *Meridiano* é esta introdução, que é redigida em linguagem clara e direta. Os *Paralelos* são os cinco ensaios, porque neles travo uma discussão (na verdade várias discussões) com interlocutores que não estão sempre especificados. Cabe mesmo a pergunta: – Com quem está ele discutindo? Isso dá a impressão de um paralelismo de raciocínio, que às vezes ocorre. É que a discussão é indireta. Como se fosse necessária a presença de um tradutor para revelar o significado, mesmo quando o significante – a língua portuguesa, referência geral – é a mesma.

Procedo, metodologicamente, como nos ensaios: primeiro discuto cada um deles, explicitando o que está implícito; depois, exponho, como decorrência, a lógica geral que a eles dá sentido de conjunto.

Que país é este?

O Deputado Francelino Pereira foi o autor, durante o governo do Presidente Ernesto Geisel, da seguinte frase: - “Que país é este em que não se respeita a palavra do Presidente da República?”.

Não posso garantir qual teria sido a afirmação realmente feita. Passados os anos não é mais possível restabelecer o que foi efetivamente dito.

Para o que interessa aqui, é importante a maneira como a pergunta foi reelaborada pela imprensa e opinião pública: - “Que país é este?”, ficou famosa, como de autoria do deputado, que por isso foi elogiada por muitas pessoas.

Início BRASIL GEOGRÁFICO levantando a questão. É que, como se diz no ensaio, preocupa-me, como geógrafo, a tentativa de elaboração de uma teoria sobre o Brasil, de que esse ensaio é esforço preliminar.

Uma teoria sobre o Brasil, feita por um geógrafo, deve supor que existe, por parte desta, mais que uma linguagem. É necessário elaborar um discurso, no sentido que esse termo tem em Filosofia, significando a coerência lógica interna do que se diz ou escreve, sob o aspecto teórico. Ora, o discurso do geógrafo, para mim, deve ter como referência, nesse caso, a categoria espaço. Isto é: como em Kant, um “conceito fundamental do entendimento”. (Kant, 1975: 50). (1). É verdade que cada um utiliza as categorias como pode ou sabe; no meu caso, há uma forma de discurso, que se mantém durante todo este livro: é o que se devo chamar de uma lógica de demonstração. Coloca-se, então, também, o problema do tipo aristotélico. (Aristóteles, 1978: 20). (2).

O leitor encontrará, freqüentemente, seqüências como: “É”, “Por isso”, “Daí”, “Porque”, “Então”, “É que”, “Mas”, “Enquanto isso”, “Daí que”, “É possível, pois”, “Entretanto”, “Apesar disso”, “Eis porque”, “Pois que”, “Isso porque”.

Tratando-se de uma leitura do que considero *interpretações* de Brasil, não poderia proceder de outra maneira.

A categoria espaço expressa-se como uma tipologia que inclui identificações como “espaço comparação”, “espaço jurídico”, “espaço térmico”, “espaço étnico”, “espaço densidade”, “espaço população”, “espaço jovem”, “espaço geoeconômico”, “espaço econômico”, “espaço Brasil”, “espaço império”, “espaço continente”, “espaço região”, “espaço potência”, “espaço determinação”. Ou, “espaço Brasil geológico”, “espaço Brasil litorâneo”, “espaço Brasil climas” etc.

Trata-se, assim, de um discurso que se explicita através de termos específicos que dão à linguagem uma característica: trabalho com “conceitos fundamentais do entendimento” e com “tipos aristotélicos”, *no mesmo discurso*. Há, então, no ensaio, um movimento particular do raciocínio, que promove o fluxo contraditório de conceitos e *tipos*. É o que acredito ser possibilidade de solução para o que denominei de “impasse aristotélico-kantiano” da geografia (Hucitec, 1978: 6). (3).

Esta informação lingüística, e, por isso, epistemologia, é necessária para que , com ela, se passe ao significado temático do ensaio.

Separei esse texto em três partes: 1) o Brasil pós-rural, 2) Transição e Crise e 3) Brasil pré-urbano.

Creio que poucos dos autores de “Brasil, a terra e o homem” discordarão da afirmação de que Aroldo de Azevedo foi, nessa obra, mais do que apenas uma direção e coordenação. Acho, então, importante, sua afirmação de que os habitantes do Brasil, “enfrentam a tropicalidade do país e todas as suas conseqüências”, apesar do “baixo nível de vida”, das “grandes áreas de fome”, do “lamentável estado sanitário”, do “analfabetismo”. Não obstante, Azevedo afirma que “continuamos a ter na vida agrícola a verdadeira base em que se fundamenta a economia nacional”.

A postura desse geógrafo é, no entanto, anti-ruralista, apesar de apresentar uma proposta curiosa de evolução urbana: “Torna-se preciso cogitar da disseminação de cidades pequenas e do fortalecimento das já existentes, mas com as vantagens mínimas das cidades grandes”.

Alguma dúvida em relação à afirmação de que “Brasil, a terra e o homem” é um texto ideologicamente voltado para um Brasil pós-rural pode ocorrer. Ela basear-se á , contudo, em afirmações que possam tomar isoladamente, alguns aspectos dos itens “espaço Brasil geológico”, “espaço Brasil litorâneo” (Soares), “espaço Brasil climas”, “espaço população” (Camargo), “espaço habitação” (Keller), “espaço geoeconômico” (Andrada e Silva) e “espaço geoeconômico” (Mattos). (4).

A obra apresenta as datas de publicação 1968/1970, mas foi preparada muito antes, sendo que alguns trabalhos já estavam prontos.

Uma objeção importante, à caracterização que se faz no ensaio, é a de que diz respeito a dois ângulos da questão: 1) todos os trabalhos referem-se a um Brasil fragmentado (estudos sistemáticos, estudos regionais); e 2) o problema da escala de análise.

No primeiro caso, só o texto de Aroldo de Azevedo apresenta uma visão do todo, fazendo, aliás, referências ao fato de que a federação tem necessidade “de manter agrupado um conjunto que contém dentro de si as características simultâneas de metrópole e colônias”.

Quanto à escala de análise, o problema é complexo: a realidade é uma só, vista em várias escalas geográficas, ou existem tantas realidades quantas são as escalas? O problema ideológico tem uma especificidade aqui. Nota-se que o texto “Brasil, a terra e o homem” não se refere ao “espaço Brasil industrial”, embora esteja prevista a continuação da obra. (5).

Só uma análise geográfica que trabalhasse com a idéia de *lei de tendência* poderia, quando a obra foi escrita, optar por uma solução de Brasil pós-rural, porque – e isso os geógrafos de formação empírica-positiva-naturalista sabem bem – havia, já, dados de realidade em que se basear esse ponto de vista. Pode-se, também, supor, a predominância, no autor Azevedo, da concepção de Brasil como uma formação espacial-colonial, determinada por fatores externos, predominantemente urbano-industriais. É a noção que me vem à mente, na releitura do ensaio.

Transição e Crise é o exame macro-regional da situação intermediária entre o Brasil pós-rural e o Brasil pré-urbano. Abrange o período 1966/1968.

Por que *Transição e Crise* e, não, *Crise e Transição*? Isto envolve, no caso, uma interpretação. Assumo a posição de que os textos analisados (ordenação descritiva), por meio das manchetes e dos anunciantes, exprimem uma situação especial: trata-se de um momento de avaliação do país, com forte carga ideológica “contraditória”. Por exemplo: encontra-se o título “NA TERRA DO BOI, PEÃO ESTÁ NA MÃO”, e, a seguir (de publicações feitas no mesmo mês, agosto de 1968), anúncios da indústria Klabin do Paraná de Celulose S.A., ou Centrais elétricas de Santa Catarina S.A. – CELESC. Isto, quanto ao Grande Sul. No caso do Sudeste (em julho e agosto de 1968) informa-se: “CAFÉ COM LEITE DÁ FORÇA POLÍTICA”, “RIO, UM ESTADO QUE DESÁGUA NA BAÍA”, “MINAS ENTRE O FERRO E O BOI” e anunciam: Prefeitura Municipal de São José dos Campos, Prefeitura Municipal de Guarulhos, Light – Serviço de Eletricidade S.A., Máquinas Piratininga S.A., R.R. – Projetos Industriais – CIPLAN Coord. Invest. Planej. Econômicos Ltda, entre outros. Brasília aparece como “CIDADE NOVA, HISTÓRIA VELHA” e anuncia a Cia. Lythografica Ypiranga. Para o Centro-Oeste aparece “MATO GROSSO, MUITA TERRA POUCA GENTE” e anunciam Cia. Cimento Portland Corumbá, CIVILSAN – Engenharia Civil e Sanitária S.A., Sociedade Brasileira de Siderurgia. O Nordeste

aparece como “NORDESTE DA MONARQUIA À REPUBLICA” e anunciam Ultragaz, General Motors do Brasil S.A., Companhia Antarctica Paulista, CIBA, Eternit, Hidroserviço. Ainda o Nordeste apresenta: “NO NORDESTE, A PROFÉTICA MISSÃO DA IGREJA” e anunciam a Universidade Federal do Pernambuco e Companhia Industrial da Amazônia (CIDA). No caso da Amazônia há títulos como “DIAGNÓSTICO, UM VAZIO CHEIO DE RIQUEZAS”, “COMO VIVE O HOMEM NA AMAZÔNIA” e anunciam tecidos Votorantin, Bank of London & South America Limited, Esso, Orniex S/A, Fiação e Tecelagem de Juta Amazônica S.A., Comarsa S.A. – Máquinas e Veículos, Indústria de Papel Leon Feffer S.A.

Os exemplos, colhidos mais ou menos ao acaso, indicam o acompanhamento da evolução da situação brasileira e internacional, propondo-se uma situação de desenvolvimento e modernização que poria em crise a própria concepção de integração nacional, depois de um rápido crescimento das taxas do PNB, como de fato aconteceu, a partir de 1973.

Esse crescimento confrontou o rural e o industrial. O urbano, como mediação atual e necessária, ficou “esquecido”, gerando-se, de modo concentrado, uma grande variedade de problemas. Por isso, o interesse pela cidade e seus aspectos ganhou grande impulso.

O Brasil pré-urbano é a consideração do texto Geografia do Brasil, do IBGE, de 1977. Trata-se da compreensão sistemática e regional do PIS, em 5 volumes, que tratam das macro-regiões.

Por que pré-urbano?

Essa obra é um enorme esforço coletivo para atualizar o conhecimento da realidade brasileira e atualizar a própria geografia que se faz o Brasil. Destina-se a “divulgar o conhecimento do território brasileiro, suas diferenciações regionais e seus problemas, para uma variada gama de leitores”.

No “espaço REGIÃO NORTE” destaca-se a grandiosidade, que se expressa como “a terra, a água e a floresta”, determinação básica. Apesar do papel de Belém, da organização espacial, o quadro rural-natural possui grande força na caracterização da região.

O NORDESTE apresenta uma situação em que se ressalta a pobreza do campo mais “do que um desenvolvimento urbano verdadeiro, no sentido da instalação e elevação dos níveis dos equipamentos urbanos do crescimento industrial”.

O SUDESTE apresenta a predominância “dos deslocamentos de tipo interurbano”, com a formação, “pela primeira vez no país, (de) o que se pode designar de sistema espacial”, que se apresenta “conforme o modelo centro-periferia”.

O CENTRO-OESTE tem ocupação descontínua, em grande extensão territorial e pouca população, com frágil mercado interno.

O “espaço REGIÃO SUL” tem ainda “um contexto socioeconômico estruturado na agropecuária”. O setor primário é predominante.

Por isso, na escala Brasil, o geógrafos do IBGE – à parte suas convicções específicas, não expressas numa obra oficial, de coordenação federal – apesar do esforço realizado, o Brasil apresenta-se como pré-urbano.

O Recenseamento Geral de 1980 vai revelar a predominância absoluta nacional do urbano sobre o rural? Será preciso, então, rediscutir a geografia?

Do espaço, ou no espaço?

Discuto a realidade mundial após a consideração do espaço Brasil. Por quê? Porque o ensaio anterior, em que se examinam textos importantes e básicos de geografia, tal como está institucionalizada, mostra que, quando considerado em si mesmo, pensamento geográfico nacional apresenta-se atrasado em relação à sua própria realidade, quando deveria estar um pouco adiante dela, indicando o caminho a seguir.

É possível que esse fenômeno seja uma característica própria brasileira e, mesmo, mesmo dos países que já atualmente começam a alcançar a condição de progresso, já alcançado pelos países industrializados, há dezenas de anos. Ou teria havido uma regressão ideológica, na medida mesmo em que se expandem, no mundo, espacialmente, o desenvolvimento e a modernização?

Em 1978 elaborei a hipótese, não demonstrada teoricamente, segundo a qual foi através de uma contra-revolução, em 1964, que o Brasil pôde continuar a desenvolver a sua revolução moderna, iniciada na década de 20.

Se não se trata disso, como explicar os atuais acontecimentos no Irã, no momento em que escrevo? Lá, a revolução expressa-se, também, como “contra-revolução”?

Então, na complexidade da fragmentação e conflitos do sistema socialista mundial; na evolução de formas sociais e democráticas, nacionais, avançadas, nos países capitalistas; na eclosão de variadas manifestações de luto nos países do Terceiro Mundo, como definir uma revolução? O que é a revolução contemporânea de hoje?

E, por isso, o que nos diz passado?

Na tentativa de resposta a essas questões tomo o discurso socialista, tal como expresso em textos políticos clássicos. Eles colocam a problemática: do espaço, ou no espaço? (Cf. Costa e Moraes, 1978:10). (6).

Aqui, também, coloca-se o problema epistemológico. Como uma diferença importante: o espaço é “espaço em si”, mas, principalmente, “espaço de ocorrência” e “espaço de manifestação”. Por isso, trata-se do espaço e do lugar, vale dizer, também, de, no espaço.

O discurso refere “espaço cultural”, “espaço político”, “espaço-trabalho”, “espaço produtor”, “espaço produzido”, “espaço-momento”, “espaço-base”, “espaço complementar”, “espaço concentrado”, “espaço marginal”, “espaço instável”, “espaço-lugar”, “espaço central”.

Essa técnica, tal como surge inicialmente, é desenvolvida e utilizada na seqüência do ensaio. Os textos políticos subseqüentes são lidos procurando-se identificar as modalidades de espaço.

Trata-se de aplicação de idéia exposta em Comunicação ao 3º Encontro Nacional dos Geógrafos, realizado em Fortaleza-CE, em julho de 1978. O espaço é tratado como ser: “Pode-se optar, então, pela consideração de espaço, tempo e movimento como modos de ser da materialidade. Isto significa que o espaço, o tempo e o movimento não constituem um ‘meio’ no qual a matéria existe. O ser é ele próprio espaço, tempo e movimento desde logo. Assim também a matéria”. (AGB, UFC, 1978: 355/6).

Passo, assim, à discussão da temática do ensaio. Por que ESPAÇO E SOCIALISMO e não o contrário? Porque é disso que se trata: “É por isso que tantos geógrafos discutem tanto sobre a geografia – uma palavra cada vez mais vazia de conteúdo – o conteúdo da disciplina geográfica. Conseqüentemente, a definição deste objeto, o espaço, tornou-se difícil e a da geografia, impossível”. (Santos, 1978:91). (Cf. toda a Segunda Parte do livro desse autor).

ESPAÇO E SOCIALISMO coloca a problema do espaço como ser, diante da ação humana. (Posteriormente, no ensaio seguinte deste livro, essa contradição será discutida, propondo-se um encaminhamento de solução).

O espaço internacional é, assim, em primeiro lugar, o espaço de burgueses e proletários. É um espaço central, em que o espaço apropria-se de si mesmo. “Apropria-se para si, apropriando-se para os outros. Apropria-se do espaço e apropria-se no espaço”.

Esse espaço central é uma hipótese que, então, não se realiza. Por isso, “Inicia-se o deslocamento espacial”. Põem-se, a partir daí, inevitavelmente, o espaço cultural e o espaço jurídico. É, desde logo, um espaço periférico fragmentado. Por isso, é importante a linguagem. Daí, o espaço-linguagem e, em seguida, o espaço-leitura. Surge o problema do espaço – identidade: o espaço cultural é espaço-nacional e espaço internacional, sendo então espaço fechado e espaço aberto. “O espaço-leitura é um espaço no espaço”.

A contradição propõe o espaço autodeterminação.

Na continuidade o espaço cultural e o espaço jurídico transformam-se em espaço ideológico e espaço político.

Daí a importância do espaço nacional. Como decorrência, põe-se o espaço ontológico como “mediação de manifestação do espaço político”: o espaço-conceito “transforma-se em espaço definição”. Então, “o espaço ontológico é espaço epistemológico”. Como tal, é “espaço-forma”.

Ora, “o espaço-forma remete ao espaço-tema”.

A progressiva retração do espaço coloca o problema do “espaço do proletariado e dos camponeses”: um espaço aberto que é um espaço vazio. “Por isso, completo”. Ele se põe como “espaço de ocupação”, o que implica no “espaço-região”.

A conseqüência da fragmentação do espaço é que “o espaço cultural e ideológico transforma-se em espaço abstrato”. Se “e espaço abstrato é o espaço de articulação”, “o espaço de articulação é espaço de organização”. Por isso, “interrompe-se o espaço”.

Há, na análise que efetuo, uma ruptura. Os textos anteriores. Os textos anteriores referem-se à Rússia e à Itália, após ter sido tratado o espaço central Europa. No texto seguinte chega-se à periferia mais remota: “Ásia, África y América Latina”.

Põe-se o ESPAÇO DO TEMPO PRESENTE NO ESPAÇO. (7).

Por isso, efetiva-se o espaço-resposta, que é “espaço lógico e espaço histórico”: divergência, subdesenvolvimento, pergunta, argumento, distância, vazio. Por isso, surge o espaço-notícia.

Na seqüência, põe-se o espaço-espaço. “O espaço espaço é espaço número”. Daí, o espaço lazer. “O espaço fim é espaço consciência”, que é espaço de referência. “O espaço de referência é espaço conclusão”.

“O espaço conclusão é espaço trabalho e espaço lazer”.

A ambigüidade indicada inicialmente: ESPAÇO E SOCIALISMO ou SOCIALISMO E ESPAÇO, transforma-se em contradição. Ou: “a ambigüidade do espaço no espaço transforma-se em contradição no espaço do espaço”.

A ontologia espacial, levada ao seu termo conseqüente, esgota o discurso. Põe-se, então, novamente, o problema do método.

Não sei se o leitor pôde acompanhar até aqui. Este texto foi o demais difícil elaboração neste livro, enquanto processo de investigação e pesquisa.

Se compreendido, torna-se claro que precisava, do ponto de vista da exposição, tratar, primeiro, do Brasil, em BRASIL GEOGRÁFICO. Contudo, como se indica nas REFERÊNCIAS, o texto ESPAÇO E SOCIALISMO foi escrito antes, porque o método de exposição é o inverso do método de investigação.

Isto se dá quando se produz a descrição do real, que já é o seu entendimento, visto que as pessoas e as coisas aparecem ordenadas segundo as alcança a percepção. Mas, bem pensado o procedimento, isso é uma abstração e, como tal, o verdadeiro ponto de partida. O pensamento, então, eleva-se ao concreto, quando ocorre uma inversão do modo de ser e fazer, agora puramente mental, pois que depende apenas da inteligência do narrador. Em termos de positivismo lógico: toma-se o concreto empírico (sensível); chega-se à abstração; toma-se, a seguir, a abstração, chega-se ao concreto lógico. Este último, é a *tertia*. Ela foi construída de modo inverso à elaboração do dado ou fato, que é abstração feita a partir da percepção do mundo empírico.

Por isso, a filosofia analítica pode dizer, com rigor: “Diremos: ‘Ter algo em mente não é nenhuma imagem morta (seja qual for), mas é como se nos aproximássemos de alguém’. Aproximamo-nos do que temos em mente. ‘Quanto se tem algo em mente, tem-se a mesmo em mente’; assim, movimenta-se a si mesmo. Arremessa-se a si mesmo e não se pode, por isso, observar também o arremesso”. (Wittgenstein, 1979).

A proposição acima indica que, a inteligência dos ensaios deste livro – apreensão do paralelismo do raciocínio, já referido - só é possível quando se “mergulha” na lógica do texto.

Como cada texto é diferente do outro, põe-se ao leitor o problema de entender a variação da lógica geral.

No ensaio que se segue, considero a variações absoluta, relativa e relacional do espaço, enquanto metodologia geral. Depois, discuto estrutura. Termino expondo uma teoria do lugar, como tentativa de solução dos problemas levantados até aqui.

Uma Trama de Variações

No ensaio sobre VARIAÇÕES há uma mudança de abordagem, em relação aos dois primeiros. Enquanto naqueles o problema da linguagem, vale dizer, a questão epistemológica, se punha como assunto preliminar à consideração ontológica, aqui, o método assume a importância maior.

De há muito os geógrafos estão empenhados no que se refere como “a infundável discussão metodológica” (Hartshorne, 1978: 2). (8).

Não se trata, pois, do prosseguimento desta discussão, porque não é interpretação ou a pesquisa empírica, que estão em cena. Trato, aqui, apenas de um dos aspectos dos fundamentos do método em geral e de sua aplicabilidade à geografia.

Estudos recentes, como os de Yvas Lacoste (1979:121), (9), Davis Harvey (1973: 290), (10), e Milton Santos (1978: 171), (11), vem demonstrando que, em geografia – pelo menos no estágio em que se encontra seu conhecimento – alguma discussão estrutural é inevitável. Não fujo a essa discussão (HUCITEC, 1978:1), (12), mas tento aprofundá-la, agora, considerando o modo como alguns autores lidaram com um dos pressupostos do método: o problema das variações do real e de como resolver o que denomino de “uma trama de variações”. O significado do que quero dizer não é paralelo, e está explicito na Matriz Metodológica, que se encontra nesse ensaio, em sua apresentação.

No ensaio, fica evidente que Hartshorne trabalha com a idéia de unicidade das variações; Durkheim, com a concepção de dependência das variações; Marx, com a evolução de equivalência das variações. Assumo que se trata de soluções parciais, mesmo que referidas à especificidade de um modo de produção: o capitalismo. Parciais, porque essas soluções propõem-se, também, para outros modos de produção, em sua generalidade abstrata.

Não há ecletismo na proposição, porque não há mistura, mas alternativas, separadas, de abordagens. A estrutura matricial organiza logicamente possibilidades de relações, o que permite o estudo de partes; de mais de uma parte, ao mesmo tempo, em suas correlações; do todo.

A questão realmente difícil, que é posta de modo prático-conceitual no ultimo ensaio deste livro é a seguinte: de que natureza são as relações? Resolver isto corretamente é não produzir o ecletismo. Nada há, também, nesta formulação, de “determinismo”, em qualquer sentido, visto que se trabalha com a idéia de determinações do real. Qualquer pré-conceito, estabelecido a propósito da noção de estrutura *versus* totalidade, deve, então, ser posto de lado, pelo menos por razões heurísticas. Como é evidente, também, a proposição não nega o conhecimento anterior. Nem sequer o “atualiza”. O que se põe é um ponto de partida que leva à metodologia de investigação definida como *a posteriori*. Ora, examinar alguma coisa *a posteriori* é, por estranho que pareça, numa primeira aproximação, conhecê-la corretamente, visto que a priori suposto é o de que a consciência o é na realidade e da realidade. Por isso, posterior. O que ela pode fazer é a previsão da tendência – se $p \rightarrow q$ – ou, reconstruir a seqüência do real, em processo, do qual faz parte. Inclui-se, aqui, então, desde logo, também o estímulo, a fantasia, a imaginação, livres.

O raciocínio viezado perguntar-se-á imediatamente: neo-liberalismo? Neo-marxismo? Neo-positivismo?

Não tenho resposta, mesmo escrevendo esta introdução após a feitura dos ensaios, na ordem temporal, na ordem temporal que foram escritos, e na seqüência de exposição em que os apresento. É aqui e agora que não se perde na ideologia, no mito, na fantasia que ele próprio engendra. A vertigem, no processo de conhecimento, é inerente ao método, em que peso e choque, que com isso, leva a mente cartesiana, o pragmatismo, o naturalismo, o logicismo, ou a mente construída pela média do tipo comum ou coletivo.

Um elitismo? Não, porque o conhecimento exposto é acessível a todos os que possuem formação universitária, ou não, atual, tal como existe nos grandes centros urbanos do Brasil, ou do Exterior, com relativamente poucas exceções, que só posso supor existirem. (Refiro-me apenas ao trabalho que defino aqui como intelectual). Não, também, porque o que faço é apenas por em evidencia o que já é problema atual vivido pela mente das pessoas, que cotidianamente percebem as contradições de nosso lugar e época.

Não é um discurso histórico? Não, e tenho que ser radical, indo à raiz, é um discurso espacial, em que a História, a história, a estória e a stória, estão presentes, como ESPAÇO DO TEMPO PRESENTE NO ESPAÇO. Por isso é também discurso geográfico, embora não apenas geográfico.

Tudo o que foi dito não contradiz, no ensaio, a conclusão de que é a análise das variações, em termos de equivalência, a mais completa, porque inclui as anteriores, dando-lhes validade.

Daí, ocorre, na matriz, que há uma posição analítica central e oito posições analíticas periféricas e complementares. Todas são válidas, dependendo dos objetivos do pesquisador. Mas, e o problema da verdade?

Ele encontra solução, no ensaio, na evolução do ponto UNICIDADE-SINGULAR-ABSOLUTO-COMPREENSIDADE para a posição EQUIVALÊNCIA-UNIVERSAL-RELACIONAL-DIALÉTICA, passando, por isso, pela situação DEPENDÊNCIA-PARTICULAR-RELATIVO-FUNCIONALIDADE. As demais posições tornam-se marginais a essa seqüência. Se isto é uma especificidade da formação do pensamento geográfico não estou em condições de responder, embora esteja propenso a acreditar que sim.

Mas, se a evolução parece ser processo inerente ao desenrolar do conhecimento geográfico, como se põe o problema da contradição?

Nem mesmo Althusser parece ter resolvido a questão que, repito, implica na consideração da pergunta: de que natureza é a relação, ou são relações? Aqui, nessa insistência, já não se propõe a tipologia. O tipológico é apenas a enumeração necessária da ordenação empírica do real para fins de entendimento prático ou teórico. Ele é uma conquista a humanidade, mesmo em suas formas pretéritas mais jovens a mais simples. Há, já, todavia, o instrumento analítico: a sobredeterminação.

Para tentar encaminhar o argumento, apresento, no ensaio, um ESBOÇO DE UMA TEORIA DO LUGAR. Esboço, porque se trata de uma proposição que levanta mais problemas do que pode responder. Teoria, porque é a que se pretende chegar. Lugar, porque é esta a chave para o entendimento da Geografia. Por isso, a questão: é possível uma teoria do lugar? É fundamental, uma vez que está fora de discussão a idéia de que são possíveis teorias sobre o espaço.

Trabalho ontometodologicamente com uma afirmação, que é desdobrada, termo a termo, sob a forma de argumentos. Como não se trata de teoria do conhecimento, ou de epistemologia, não faço citações. O raciocínio encadeia-se movido pela própria lógica interna ao texto, segundo aquele sentido da análise matricial referido antes, e através de uma processo em que as idéias, destituídas de suas raízes genéticas, caminham serenamente no decorrer da demonstração ôntica. Posteriormente, verifiquei que trabalho com apoio nas seguintes teorias: a teoria das “mônadas” de Leibniz; a teoria que se refere à dicotomia “razão pura-razão prática” de Kant; a teoria sobre o movimento, vale dizer, a dialética de Hegel; a teoria sobre a dialética e a história de Marx; a teoria sobre ciências idiográficas e nomotéticas de Windelband; a teoria analítica de Wittgenstein; a teoria fenomenológica da percepção em geral; a teoria do existencialismo de Sartre; a teoria estrutural de Altheusser.

Então, há ecletismo?

Não, não há ecletismo (contra o qual nada tenho a opor). Se digo que trabalho com essas teorias, é porque elas são, agora, o instrumento de minha praxis intelectual acadêmica (e não acadêmica), científica, de pesquisa e técnica.

Um operário lida com várias ferramentas e instrumentos: não há ecletismo. Um intelectual lida com várias idéias: há ecletismo. Não me surpreendo com a discriminação que, de resto, é pré-consciente e pré-contemporânea.

Põe-se, então, a discussão substantiva.

Essa discussão envolve, no meu caso, a concepção que tenho de positivismo. Ela se desenvolve nas idéias contidas no ensaio seguinte, sobre o pensamento Frances, no que se refere ao Espaço Social na Geografia Francesa.

Aparência ou Essência

Grande parte da filosofia neo-positivista radical rejeita a preocupação com a

essência do fenômeno. Essa preocupação é considerada, pelo menos, não pertinente, desnecessária, inútil. Não obstante, a cada momento, o problema se põe. Particularmente, nas situações de crise. Crise essa que afeta a própria consistência da linguagem, portanto, a epistemologia.

Discuto os discursos de La Blache, Sorre e Claval. Verifico que o neo-positivismo teve pouco êxito na geografia francesa. O positivismo naturalista predomina lá com segurança, desde a ciência-objeto de La Blache, até a ciência-método de Claval. Terá sido isso, sempre, uma opção política? Ou, o problema franco-alemão? Ou, uma necessidade de colonialismo francês?

Ocorre-me a crise da filosofia francesa: um dos filósofos teria dito que “Deus acabou”, “Marx está morto” “Estou no fim...”. O nihilismo?

A impossibilidade de ruptura com o positivismo naturalista abre, em sua perplexidade, caminhos novos aos geógrafos, como o caso de Claval: psicologia individual, psicologia social, fenomenologia, antropologia... e a Geografia? Melhor ficar com a consistência histórica-moral de La Blache? Preferir a síntese de Sorre, muito próxima dos fascínios da Teoria Geral dos Sistemas? Aceitar o compromisso de Pierre George, que tenta conciliar o “impossível”? Ou aceitar, mesmo, o “subjetivismo” de Claval?

Aqui, a discussão inicia-se com a proposição do espaço e chaga-se ao desfecho da alternativa no espaço. Para La Blache o espaço conta em si mesmo: é o espaço existente. Para Claval o espaço é apenas suporte. Os extremos passam pelas posições de Sorre (ainda do espaço) até George (já no espaço). Metodologicamente, caminha-se da análise da síntese para a síntese da análise.

Põe-se, então, hegelianamente, a tese a antítese. No núcleo do problema está a questão das relações: relações entre lugares, em La Blache e Sorre; lugares de relações, em George e Claval.

Por isso, concluo que “o lugar determina a relação vice-versa, porque não existem lugares sem relações e relações sem lugares”. O ponto de partida é, então, um complexo, uma totalidade.

Mas, a totalidade, no caso, é, então a subtotalidade (HUCITEC, 1978: 6). (13).

Põe-se a problemática do último ensaio: a questão da formação espacial concreta.

História ou Geografia?

Início o ensaio historiando sua origem. Há historiografia e história. Há a referência ao lugar. O problema do discurso paralelo põe-se como meta-linguagem: um enigma ou uma brincadeira? Nem uma coisa, nem outra. (Cf. o texto do ensaio).

É preciso não confundir contradição com ambigüidade. A Geografia (e não só ela, também o pensamento contemporâneo) enfrenta uma contradição que não está em condições, ainda, de resolver, porque os problemas estão apenas começando a se colocar ante todos. Que dizer, por exemplo, do conflito sino-vietnamita? Quem está brigando com quem? E, porque? Qual a determinação do lugar: Ásia? Pode isso ocorrer em outros lugares, entre outros países?

Por isso, novamente, aqui, agora no próprio ensaio, a pergunta: de que natureza é a relação, ou, são as relações?

A verificação é a de que o método esgota-se, continuamente, no próprio consumo do discurso. Por isso, coloca-se, novamente, o problema ontológico inicial: “ - Que país é este?”.

José Chasin apresenta uma apresentação que denomino um “problema”, assim, entre aspas. De minha parte, minha tese põe-se como uma “solução”, também entre aspas.

Põe-se, por isso, no mesmo tempo, a contradição epistemológica e ontológica. Digo: “a comunicação é, então, o ter e o haver, que não se realizam senão como ontologia”.

Cinco Paralelos e um Meridiano

Fecha-se a seqüência da lógica geral deste livro: o discurso ontológico se põe como epistemologia; o método é a mediação para a rediscussão do objeto, que retorna ao discurso ontológico, através da epistemologia.

Por isso, o discurso, ao fechar-se, abre-se para a leitura dos ensaios.

A releitura da SEQÜÊNCIA DE EXPOSIÇÃO mostra ao autor deste livro a possibilidade de relato que escolheu. Essa possibilidade o posiciona no discurso geográfico da Geografia.

A concepção de conjunto indica a importância da determinação, que é sobredeterminação do lugar: do “lugar em si” chega-se ao “lugar de ocorrência e manifestação”.

Notas da Introdução

(1) “A capacidade de receber (a receptividade) representações dos objetos segundo a maneira como eles nos afetam, denomina-se sensibilidade. Os objetos nos são dados mediante a sensibilidade e somente ela é que nos fornece intuições; mas é pelo entendimento que elas são pensadas, sendo dele que surgem os conceitos”.

(2) 16. “As diferenças que as coisas apresentam entre si devem ser examinadas dentro de um gênero, por exemplo: ‘em que a justiça difere da coragem e a sabedoria da temperança?’ – pois todas essas coisas pertencem ao mesmo gênero; e também um gênero de outro, contanto que não estejam afastados, por exemplo: ‘em que a sensação difere do conhecimento?’ , pois no caso dos gêneros muito afastados um do outro as diferenças são perfeitamente óbvias.” 17. “A semelhança deve ser estudada, em primeiro lugar, nas coisas que pertencem a gêneros diferentes, segundo a fórmula: $A:B=C:D$ (por exemplo, o conhecimento relaciona-se com o objeto de conhecimento assim como a sensação se relaciona com o objeto de sensação), e, ‘assim como A está em B, do mesmo modo C está em D’ (por exemplo, assim como visão está no olho, a razão está na alma, e assim a calma está no mar, está a falta de vento no ar). (...) Devemos também examinar as coisas que pertencem a um mesmo gênero para ver se todos eles possuem um atributo idêntico – por exemplo, um homem, um cavalo e um cão -, pois, na medida que possuem um atributo idêntico, são semelhantes entre si.”

(3) “Figura-se, então, o tema: como resolver o impasse aristotélico-kantiano?”

(4) Confronte-se, no texto do ensaio, os termos “bacias”, “fossas”, “escudos”, “arco”; “poucos acidentes insulares pontilham, esparsos uns, agrupados outros, a imensa extensão oceânica”; “não pode perder de vista as reações combinadas dos meios sólido, líquido e gasoso”; “a diversidade regional do país”; “país em processo de povoamento e onde os ciclos econômicos sucedem”; “ciclo econômico”; “possibilidades que determinado meio geográfico oferece ao homem”.

(5) No Volume I, pg. X, diz-se: “É o seguinte o plano referente a essa etapa: Volume I – As Bases Físicas, (...), Volume II – A Vida Humana, (...), Volume III – A Vida Agrícola, (...), Volume IV – A Vida Industrial e a Circulação das Riquezas. (...)”. Para cada volume há o detalhamento respectivo.

(6) “A necessidade de distinção entre valor no espaço e valor do espaço merece uma atenção especial. No primeiro caso, nos referimos ao valor criado pelo trabalho, em que o espaço é o receptáculo da produção material. Esta, relaciona-se com os lugares, apropriando-se basicamente de sua extensão e seus limites. O espaço aparecerá no custo final dos produtos apenas como preço areolar das terras. A variação do trabalho acumulado sobre as áreas, define o valor real. A produção instala-se no espaço valorizando neste a localização e distância. Trata-se de um valor criado. Porque o trabalho também transfere valor aos objetos eu molda, e, pelo fato de se dirigir sempre sobre formas pré-existentes (frutos ou não do trabalho), podemos distinguir um valor do espaço. Este, é transferido no processo de trabalho para o produto, através das características próprias de cada lugar (singularidades). Neste caso, o espaço é diferentemente valorizado em si mesmo, não se trata tão somente de suas potencialidades naturais no processo produtivo, mas, principalmente nos dias de hoje, do valor que lhe é atribuído. Aqui ele se expressa basicamente enquanto recursos de exploração (a totalidade do meio físico e a situação). É este (o valor do espaço) que se manifesta nas formas da renda diferencial e na forma já discutida na renda de monopólio. A renda absoluta seria uma expressão do valor do espaço, o próprio capital-terra. O preço da terra relativiza-se no processo histórico da construção sobre e do espaço. Assiste-se a uma desnaturalização constante do valor. Pode-se afirmar que o valor do espaço, dado o caráter durável de suas características, impõe formas específicas de trabalho, estando na origem do processo social da divisão espacial da produção. De certo modo, podemos dizer que ele é uma mediação fundamental na determinação do uso da terra (*latu sensu*). Mas, é o valor criado (no espaço) que ad vez mais determina o seu preço”.

(7) “Pode-se falar de uma especificidade do espaço dos países subdesenvolvidos? Isso não pareceria uma tentativa artificial de discriminação? Com efeito, o espaço, seja ele qual for, não é uma realidade global que seria necessário apreender enquanto tal?” (Santos, 1978: 103).

(8) “Não visa este trabalho, entretanto, a acrescentar mais lenha à fogueira que vários autores têm deplorado como sendo ‘a infindável discussão metodológica’.”

(9) “Apreender a espacialidade diferencial e procurar estruturá-la, é substituir uma representação do mundo feita de dados de demarcações evidentes, por uma representação de mundo ‘construída’ pela combinação de conjuntos espaciais que se formam intelectualmente e que constituem instrumentos diferenciais de apreensão progressiva das múltiplas formas da ‘realidade’.”

(10) “So far, we have treated of totalities and structures as if they were synonymous and we have failed to consider how totalities and structures may be defined.” (...) “... separate structures exist within a totality and (that) these structures can be differentiated from each other.”

(11) “A natureza dessa nova forma de totalização correspondente à era da tecnologia e das multinacionais exige que o quadro nacional seja tomado como uma escala viável dessa totalidade e dá um lugar particular ao valor da estrutura interna, concreta, de cada país. É através dessa estrutura interna concreta que os chamados valores mundiais se exprimem ao nível de cada classe social, de cada lugar, de cada cidadão, que é o que conta.”

(12) “Assim como, no que diz respeito ao espaço, há algo fora do lugar, cada texto aqui impresso parece estar tentando propor o todo na parte, sem que a parte consiga encontrar seu lugar no todo.”

(13) “Isto quer dizer que cada geógrafo mantém a tradição da ciência de síntese, mas termina por abordar apenas uma parte do todo. O possível é, então, a construção da subtotalidade.”

Bibliografia

- Aristóteles (1978) “Tópicos” in Os pensadores, Vol. I, Abril Cultural, São Paulo.
- Azevedo, A. de (1968) “Apresentação” in Brasil, a terra e o homem, Vol. I – As Bases Físicas, Companhia Editora Nacional, São Paulo.
- Costa, W. H. da (e) Moraes, A. C. R. (1979) Valor, Espaço e a Questão do Método, Temas 5, Liv. Ed. C. Humanas, São Paulo.
- Editora Abril (1979) “Filosofia” in Almanaque Abril, Editora Abril Ltda., São Paulo.
- Hartshorne, R. (1978) “Palavras Preliminares” in Propósitos e Natureza da Geografia, HUCITEC-EDUSP, São Paulo.
- Harvey, D. (1973/76) “Ontology” in Social Justice and the City, Edward Arnold (Publishers) Ltd., London.
- Kant, E. (1978) “Teoria Elementar-Estética Transcendental” in Crítica da Razão Pura. Editora Tecnoprint S.A., São Paulo.
- Lacoste, Y. (1979) “Saber Pensar o Espaço para Saber nele se Organizar, para Saber nele Combater” in A Geografia Serve Antes de Mais Nada para Fazer a Guerra, Ed. do MG, São Paulo.
- Moraes, A. C. R. (e) Costa, W. M. da, op. cit.
- Santos, M. (1978) “A Especificidade do Espaço nos Países Subdesenvolvidos” in O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo, HUCITEC, São Paulo.
- Santos, M. (1978) “Totalidade e Dialética do Espaço” in Por uma Geografia Nova, HUCITEC-EDUSP, São Paulo.
- Silva, A. C. da, (1978) “O Lugar da Busca” e “O Espaço, o Processo e a Estrutura” in O Espaço Fora do Lugar, HUCITEC, São Paulo.
- Silva, A. C. da, (1978) O Conceito de Espaço de David Harvey – Implicações Ontometodológicas, AGB-UFC, Fortaleza.
- Wittgenstein, L. (1979) “Investigações Filosóficas” in Os Pensadores, Abril Cultural, São Paulo.

SP 26/02/79

1. BRASIL GEOGRÁFICO

Poucas perguntas encontraram possibilidade de respostas. Àqueles sempre atentos à solução de problemas, como a célebre: “Que país é este?”.

Não é fácil.

Esboço, aqui, uma leitura de três interpretações de Brasil:

1. Brasil, a terra e o homem, da Companhia Editora Nacional, de 1968/1970.

2. Especiais da Folha de São Paulo: Grande Sul (1º, 2º Cadernos), Sudeste (1º, 2º, 3º, 4º Cadernos), Brasília, Centro-Oeste, Nordeste: a fronteira do Brasil, Nordeste (4), Amazônia: um vazio cheio de riquezas, Amazônia (Suplementos 1, 2, 3, 4) de 21/08/66 a 25/08/68.

3. Geografia do Brasil, IBGE, 1977.

Este trabalho surgiu como necessidade prévia à elaboração de uma teoria sobre o Brasil.

O Brasil pós-rural

O Brasil é, inicialmente, um espaço comparação em que a referência preliminar é Pierre Deffontaines: “O Brasil é, de todos os países do mundo, aquele que tem o mais considerável potencial de espaço e esse é um primeiro motivo de reflexão” (pg. 4).

A expressão potencial de espaço tem a seguinte referência, do mesmo autor citado: “O Brasil se apresenta logo à primeira vista como um Estado gigante, um verdadeiro continente, uma nação-continente” (pg. 5).

A idéia de nação-continente é uma síntese mais atualizada da noção de território-Estado, expressa por Brandt, em 1926: “Hoje, porém, quando a posse territorial e o poder marcham de certo modo paralelamente e a posição de grande potência parece preservada no futuro próximo somente aos países de grande área, pode o Brasil, pela extensão continental de seu território, aspirar um lugar entre esses Estados privilegiados” (pg. 6).

Por isso, Aroldo de Azevedo afirma: “A defesa do extraordinário patrimônio herdado de nossos maiores deve constituir um motivo de constante vigilância e de permanente preocupação para os nossos homens de Estado” (pg. 06).

Essa posição, segundo esse autor, encontra-se expressa nas constituições de 1891, 1934, 1946, 1967 e, como “regime federativo”, “no campo político”, “no terreno econômico”, “no setor educacional e do ensino”, “constitui um imperativo das condições geográficas brasileiras.” (pg. 6).

A seqüência do raciocínio remete o leitor do espaço comparação ao espaço jurídico.

A seguir, o Brasil é, “em sua maior parte” (pg. 7) um espaço térmico, que fundamenta o sentidos dos conceitos de “país tropical” e de “tropicalidade”. (pg. 7).

A decorrência é um discurso como o que se segue: “O Brasil pertence, em sua maior parte, ao Mundo Tropical – eis uma verdade que precisa ser dita e muitas vezes repetida para que não venhamos persistir em certos erros, comuns no passado e ainda hoje freqüentes: procurar soluções que foram adotadas e deram certo em países de clima tipicamente temperados, senão frios; e conservar, teimosamente e em flagrante choque com a realidade geográfica, certos hábitos alimentares e referentes ao vestuário, próprios de outros climas que não o nosso, importados sem a menor reflexão e pelo simples gosto de imitar.” (pg. 8).

Ao espaço térmico sucede-se o espaço étnico: “São mais de 45 milhões de indivíduos que, em maioria, enfrentam a tropicalidade do país e todas as suas conseqüências, constituindo um formal desmentidos àqueles que ousavam afirmar que o homem branco não poderia viver na zona intertropical.” (pg. 10).

O homem branco é referido como tipo europóide, descendente de europeus, asiáticos, semitas. (pg. 10).

O espaço étnico é referido, a seguir, como espaço densidade; espaço este que tem por significado a distribuição da população e suas características.

O espaço população é heterogêneo a apresenta características como “o baixo nível de vida da maioria da população brasileira, as grandes áreas de fome existentes no país, o lamentável estado sanitário de grande parcela dos habitantes e o deprimente coeficiente de analfabetismo.” (pg. 16).

Na seqüência do raciocínio são feitas considerações geopolíticas sobre o país, enquanto espaço jovem, sendo citado Camacho: “for the purposes of world trade and from the point of view of world strategy, Brazil enjoys a highly favourable and important position.” (pg. 21).

O espaço geoeconômico, que tem como fundamento a idéia de espaço continente, apresenta a seguinte característica: “Em face dos dados numéricos, o Brasil aparece com um país industrial ou, pelo menos, agro-industrial. Na realidade, porém, continuamos a ter na vida agrícola a verdadeira base em que se fundamenta a economia nacional.” (pg. 22).

O espaço geoeconômico é, a seguir, considerado como espaço econômico. Diz Aroldo de Azevedo: “Continuamos a ser um país de economia do tipo ‘colonial’, fornecedor de produtos alimentares e de matérias-primas não essenciais.” (pg. 25).

O espaço Brasil é, depois, considerado um espaço império, que tem por referência o espaço continente (externo) e o espaço região (interno). Isto significa que a unidade do país é vista por Aroldo de Azevedo como a necessidade da federação de manter agrupado um conjunto que mantém dentro de si as características simultâneas de metrópole e colônias.

Sendo o Brasil um espaço império, a consequência do discurso é a de perguntar-se se daí decorrerá o espaço potência. Como afirma Brandt: “com direito se considera o Brasil como futura grande potência mundial”. (pg. 30).

O espaço, tal como considerado por Aroldo de Azevedo, é um espaço determinação. A Geografia é, então, uma geografia dos grandes espaços.

O espaço Brasil geológico posiciona-se como “Grandes Elementos Geotectônicos” (pg. 64). Eles são as “bacias”, as “fossas”, os “escudos”, os “maciços”, os “geossinclíneos” e o “arco”, conceitos esses que fundamentam o pensamento de Fernando F. M. de Almeida. É importante a noção de “direções estruturais” (pg. 64). Como diz: “Dentro de tal quadro apresenta-se o Brasil estendido quase inteiramente através da área cratônica, mas participando, com o Pantanal e a Amazônia ocidental, das bacias marginais pericratônicas. Só o extremo oeste do Território do Acre foi o solo brasileiro afetado diretamente pelos dobramentos andinos. Devido a tal situação geotectônica, quase dois terços do país se constituem de rochas pré-cambrianas, em maior parte admitidas como arqueozóicas, idade que longe está de ser provada.” (pg. 62).

O espaço Brasil geomorfológico classifica-se segundo a ocorrência de “planícies”, “tabuleiros”, “planaltos sedimentares”, “planaltos basálticos”, “baixos chapadões”, “chapadas, colinas e coxilhas”, “cuestas”, “campos”, “depressões periféricas”, “escudos”, “cristas” (pgs. 186/7). Essa tipologia é a referência de Aziz Nacib Ab’Sáber, a partir da “Carta hipsométrica do Brasil e de áreas vizinhas da América do Sul” (pg. 136). O Planalto Brasileiro constitui unidade média de consideração. É feita a seguinte proposição: “1) Planalto Central ou Goiano-mato-grossense, onde dominam maciças extensões de planaltos cristalinos, parcialmente recobertos por cangas, e chapadas e chapadões sedimentares, como as de Roncador e Parecis; 2) Planalto Meridional ou Gonduânico sul-brasileiro, representado por sistemas de “cuestas” de “front” externo e grandes extensões de planaltos sedimentares e basálticos, dispostos em patamares, rodeados por depressões periféricas; 3) Planalto do Meio-Norte ou do Maranhão-Piauí, representado pelo sistemas de “cuestas” e chapadões tabuliformes da bacia do Maranhão-Piauí, numa área onde se processa a violenta transição da província morfoclimática nordestina para a Amazônia Oriental; 4) Planalto Nordestino ou da Borborema e chapadas circundantes, centralizado pelo maciço antigo bombeado da Borborema e pelas depressões periferias semi-áridas e “cuestas” de front interno das chapadas isoladas adjacentes; 5) Planalto Oriental e Sul-oriental ou Planalto Atlântico do Brasil Sudeste, o mais complexo e acidentado dos cinco setores de relevo do Planalto Brasileiro, onde se desdobram as serras e planaltos do Brasil Leste e as grandes escarpas, depressões tectônicas, planaltos em blocos e “mares de morros” do Brasil Sudeste.” (pg. 200).

O espaço Brasil litorâneo de João Dias da Silveira mostra-se como “aspectos”, “modelagem” e “divisão” (pg. 253). É uma visão geral de aspectos físicos que inclui “restingas”, “lagunas”, “mangues”, “dunas”, “costas baixas”, “barreiras”, “baixadas”, “escarpas”, “enseadas”. (pg. 256). Como diz: “A simples interpretação dos grandes traços da costa brasileira exige a evocação da ação de numerosos fatos. Ao lado da grande extensão dessa costa e das condições oceanográficas, não podem ser esquecidas as influências climáticas, o ajustamento das drenagens que chegam à costa, as condições apresentadas pelas formas do relevo continental, os deslocamentos do nível do mar e, com é natural, o estado da evolução das formas litorâneas.” (pg. 257).

O espaço modelagem resulta de uma “inspeção ao longo das costas brasileiras” (pg. 267). São importantes os conceitos de “ambiente litorâneo”, “sedimentação”, “setores”, “formas de detalhe”, “recortes”, “formas de construção”, “acumulação”, “ampliação” (pg. 267). Esses conceitos posicionam o autor na afirmação: “Em quase todos os trechos do litoral assinala-se o recuo da linha costa, fato que tem servido para muitos diagnosticarem movimento positivo do continente.” (pg. 268). O espaço divisão é distinguido por “cinco grandes complexos”: I) Litoral amazônico ou equatorial; II) Litoral Nordeste ou das barreiras; III) Litoral Oriental; IV) Litoral de Sudeste ou das escarpas cristalinas; V) Litoral meridional ou Subtropical” (pg. 271).

O espaço Brasil litoral de Antônio Rocha Penteado é uma presença estranha, “pois, à primeira vista, poucas parecem ser as relações existentes entre o nosso país e a porção meridional das águas atlânticas.” (pg. 307). São importantes as evidências: “posição geográfica”, “configuração”, “área” (pg. 307). O autor trabalha com as escalas de Soukup, Böhnecke, Rouch, Le Danois, Boeuf, “Meteor”, Wüst, Schott, Azevedo, e a teoria de Weneger e outras (pp. 308/11/13/17/24/27/29/31/34 e 319/26).

O espaço Brasil litorâneo de Lúcio de Castro Soares é uma afirmação direta das poucas “culminâncias do relevo submarino do Atlântico Sul” (pg. 341). Como diz: “De fato, poucos acidentes insulares pontilham, esparsos uns, agrupados outros, a imensa extensão oceânica do hemisfério meridional compreendida entre a América do Sul e a África, fazendo com que o Atlântico Sul se apresente muito pobre em ilhas situadas fora das plataformas continentais africana e sul-americana.” (pg. 341). São observadas Fernando de Noronha e Rocas e referidas Trindade, Martim Vaz, São Pedro e São Paulo. (pg. 341). É importante o conceito cartográfico de situação. (pg. 342).

O espaço Brasil climas, de Gilberto Osório de Andrade, possui uma “estrutura complexa.” (pg. 397). Esta estrutura numera-se como Introdução geral, As condições geográficas, A circulação geral, Os climas do Brasil. Como diz, sobre os climas: “A essência dos seus elementos é atmosférica, mas a experiência de todos os tempos demonstrou a estreita dependência em que tais elementos estão das condições geográficas

sob que se registram.” (pg. 397). São preferenciais os conceitos de “fator geográfico”, “complexo geográfico” ou “combinação geográfica”: “Em outras palavras, objeto dum estudo que , sendo da atmosfera em seu conjunto, não pode perder de vista as reações combinadas dos meios sólido, líquido e gasoso, nem as resultantes formas solidárias de combinações físico-biológicas e de combinações humanas.” (pg. 397). São importantes os conceitos de “correntes”, “frentes”, “relevo”, “regime”, “massas”, “zonas” (pp. 409/12/18/19/22/28/29/30/31/39/45/48).

O espaço Brasil solos, de José Pereira de Queiroz Neto, é um “Esboço da distribuição geográfica”, a partir de uma afirmação sobre “O desenvolvimento dos estudos”, que propiciam a discussão de “Os problemas da utilização agrícola”. (pg. 463). Como diz: “A Pedologia brasileira encontra-se atualmente numa fase que poderia ser denominada da sua juventude, acompanhando com algum atraso o desenvolvimento que essa ciência alcançou nos centros de pesquisa mais avançados.” (pg. 463). É importante a definição de unidades do solo. (pg. 467).

O espaço vegetação, de Dora Amarante Romariz, apóia-se na compreensão de “tipos” e “formações” (pg. 521). Como diz: “Não somente para o geógrafo, como para todos aqueles que necessitam ter um visão geral da distribuição da vegetação do Brasil, mister se fazia estabelecer classificações que abrangessem o conjunto do nosso território.” (pg. 525). São apreciadas as “formações florestais, campestres, complexas e litorâneas” (pg. 529). São salientadas as “principais correlações existentes entre elas e as atividades humanas.” (pg. 546). Segue-se um “glossário dos nomes científicos das plantas citadas”. (pg. 549).

O espaço Brasil hidrográfico, de Maria de Lourdes P. de Sousa Rabesca, diz respeito ao traçado da “rede hidrográfica brasileira”. (pg. 573). São importantes “os estudos relativos aos leitos e regimes fluviais” (pg. 573), às “bacias”, aos “fatores”, aos “tipos”, ao “perfil”, ao “regime”, à “vazão”, aos “regimes”, à “precipitação”, às “cheias”, à “estiagem” e aos “lagos” (pp. 578/80/81/83/84/85/86/87/88/89/90/91/92/93/94/95/96 /97/98/99/600/1/2/3/4).

O espaço meio, de Antônio Rocha Penteado, é o espetáculo do “homem brasileiro”, que “tem diante de si, não só uma considerável extensão de terras para ocupar com proveito, mas um território que mais se assemelha a um verdadeiro continente” (pg. 3)

É importante “o estudo do comportamento do homem sobre a Terra; no caso brasileiro, a luta do homem contra a natureza vem sendo desenrolada desde os primórdios da colonização e oferece, por certo, nos dias atuais, num balanço geral, um expressivo saldo a seu favor.” (pp. 3/4). O autor distingue “conjuntos” e “elementos” (pg. 4).

O espaço população, de José Francisco Camargo, focaliza “as características principais da população brasileira, características que se podem resumir na própria classificação demográfica dos povos, que nos inclui entre as populações jovens do globo” (pg. 61). É importante a análise de “estimativas e recenseamentos”, que indicam o crescimento da população “através da variação das densidades demográficas” (pg. 61). Também o crescimento vegetativo, as migrações externas, migrações internas e estrutura. O estudo analítico leva o autor a concluir, “reafirmando o nosso ponto de vista, segundo o qual se torna inconsistente qualquer análise de nossa realidade geoeconômico-social sem atentar para a diversidade regional do país.” (pg. 103).

O espaço população, de Pasquale Petrone, é a consideração do “espaço brasileiro” como espaço cultural não compreendido por “geógrafos europeus” e por “até mesmo brasileiros” (pg. 127). Por isso, é importante considerar o “caráter periférico do povoamento”, o “bandeirismo”, a “ocupação do solo pela contigüidade das propriedades pastoris”, a “a mineração e as ‘ilhas’ de povoamento”, “as missões religiosas”, “A colonização” e as “frentes pioneiras” (pp. 130/33/36/38/41/44/49). A ‘marcha para o oeste’ é sintetizada como se segue: “O Brasil como que se voltou para o interior, deu as costas, ou pretendeu dar as costas para o litoral, obedecendo a um imperativo de abranger em seus quadros demográficos, econômicos, sociais e políticos vastas parcelas de suas terras. É como se o país procurasse conhecer-se melhor, radiografar-se para, com objetividade, poder encontrar aduções satisfatórias para seus problemas.” (pg. 153).

O espaço população, de Luiz Melo Rodrigues, é a consideração de espaço étnico, a partir do que se denomina “elemento branco”, “elemento mestiço”, “elemento negro”. “indígena”, “elementos mongólicos”. (pg. 159). É importante sua definição do “tipo brasileiro”, conceito com o qual trabalha (pg. 160) e que é caracterizado como europóide.

O espaço habitação, de Aroldo de Azevedo, é considerado como abrangendo “os estudos de geografia urbana no Brasil”, “a rede urbana”, “os fatores de localização”, “as origens”, “os tipos de cidades”, “a hierarquia das cidades”, “o Brasil e a urbanização” (pg. 211). Seu ponto de vista pode ser sintetizado pela seguinte afirmação: “Urge pensar seriamente no assunto em termos de planejamento. Cumpre combater a mística das grandes cidades. Torna-se preciso da disseminação de cidades pequenas e do fortalecimento das já existentes, mas com as vantagens mínimas das cidades grandes: melhores lojas comerciais, instituições educacionais condignas, serviços médico-hospitalares essenciais, centros culturais e de diversões.” (pg. 261).

O espaço habitação, de Elza Coelho de Souza Keller, abrange o “estudo do *habitat* rural”, “os tipos de povoamento rural”, “O *habitat* disperso”, “O *habitat* aglomerado”, “a casa rural” (pg. 291). Seu ponto de vista pode ser sintetizado pela seguinte afirmação: “Dentro da paisagem rural o estudo do *habitat* e seu elemento central, a casa, impõe-se, pois, pela significação geográfica, como um dos fatos de ocupação a surgir no processo de humanização da paisagem natural. No Brasil, país ainda em processo de povoamento e onde os ciclos econômicos sucedem acompanhados de formas de utilização da terra e de regimes fundiários próprios, os estudos de *habitat* têm que abranger não só as formas originais, como a sucessão dos novos padrões de povoamento resultantes das mudanças econômicas e sociais. Só deste modo é que poderá ser compreendida a dinâmica do povoamento brasileiro e só assim terá o estudo do *habitat* rural no Brasil real interesse geográfico.” (pg. 341).

O espaço geoeconômico, de Raul de Andrada e Silva, refere-se ao conceito de “ciclo econômico” (pg. 367). É, pois, um conceito temporal-espacial. Ele abrange “a extração de pau-brasil e o comércio costeiro”, “o apogeu do açúcar”, “o fastígio do ouro”, “O império do café”, “Industrialização e policultura”, “Rumos atuais da economia brasileira” (pg. 367). São importantes os conceitos de “área” e “domínio”. (pp. 372/75/84). A síntese de seu pensamento encontra-se na afirmação: “Em conclusão, a economia brasileira atravessa uma fase ativa de renovação, à busca de sua plena expansão e autonomia. Essa evolução, porém, não se apóia exclusivamente em forças internas básicas, a iniciativa empresarial, a ação supletiva do Estado, a mão-de-obra local, o fortalecimento

da capitalização e da organização creditícia, mas está muito ainda na dependência de fatores externos, como a estabilidade dos mercados compradores, as competições internacionais, o concurso do capital estrangeiro.” (pg. 426).

O espaço geoeconômico, de Dirceu Lino de Mattos, é também um espaço geopolítico. Ele refere-se às regiões “de Economia Florestal do Norte”, “de Economia Florestal e Agrícola do Meio-Norte”, “de Economia Pastoril do Sertão Semi-Árido”, “de Economia Agro-Industrial da Costa Oriental”, “de Economia Industrial e Agrícola do Sudeste”, “de Economia Agropastoril e Florestal do Sul”, “de Economia Pastoril e Agrícola do Brasil Central”. (pg. 440). É importante o conceito de “região geoeconômica” (pg. 441). Como diz o autor: “Queremos nesta oportunidade chamar a atenção dos leitores para a distinção que procuramos estabelecer entre a noção de região econômica e a de região geoeconômica. Esta última se define em função das possibilidades que determinado meio geográfico oferece ao homem, enquanto que aquela é, antes de tudo, uma criação do homem.” (pg. 471).

Transição e Crise

O Brasil especial é, em primeiro lugar, o Grande Sul: a força da terra. O espaço notícia afirma: “NA TERRA DO BOI, PEÃO ESTÁ NA MÃO”, “CARVÃO DÁ ENERGIA”, “UMA COLÔNIA DE RAÇAS”, “PLANEJAMENTO, UM PRIMOR DE DISPERSÃO”, “SUDESUL – EM TEORIA E PRÁTICA”, “PESCA DE VENTO EM POPA”, “EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO”: “Na corrida para o desenvolvimento, o Grande-Sul arrancou na frente, mas teve sua escalada detida por graves deficiências de infra-estrutura, principalmente no setor de telecomunicações. Agora, tenta recuperar o tempo perdido.” (pg. 7). Os anunciantes são: Prefeitura Municipal de Jacareinho (pg. 4), Prefeitura Municipal de Campo Mourão (pg. 6), S/A Moinhos Rio-Grandenses (SAMRIG) (pg. 11), S/A Indústria e Comércio Concordia (pg. 13), Prefeitura Municipal de Goioerê (pg. 14), Prefeitura Municipal de Ibaiti (pg. 18), Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina (pg. 19), Ministério da Fazenda do Brasil (pg. 20), Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu (pg. 21), Governo do Estado do Paraná (pg. 24), Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina S.A. (pg. 28), Companhia Paranaense de Energia Elétrica -

Copel (pg. 30), Fábrica de Cigarros Caruso S.A. (pg. 31). O Editor Geral conclui: “O futuro do Grande-Sul plasma-se agora sobre as pranchetas nos projetos de construção. Não está longe o dia em que o gaúcho, ainda de boleadeira à mão, esteja tentando laçar o progresso, embora o veja ainda em forma de miura ou de bagual.” (pg. 5).

O Brasil especial é, em segundo lugar, o Grande-Sul: o futuro da tradição. O espaço notícia informa: “CAFÉ, O FORTE”, “DESENVOLVIMENTO CONSCIENTE”, “O MEU ESTADO: o setor agropecuário, principal suporte da economia sul-rio-grandense”, “INDÚSTRIA: QUEDA E ASCENSÃO”. Os anunciantes são: Indústria Klabin do Paraná de Celulose S.A. (pg. 34), Viação Minuano S.A. (pg. 38), Nativa Construções Elétricas S.A. (pg. 39), Prefeitura Municipal de Porto Alegre (pg. 40), Centrais Elétricas de Santa Catarina S.A. – CELESC (pg. 42), FENAC – Feira Nacional do Calçado (pg. 47). Como diz Peracchi Barcellos: “Convicto de que meu Estado tem possibilidades imensas para atingir um nível acelerado de desenvolvimento, estabeleci algumas prioridades no setor de infra-estrutura – energia, transportes e comunicações – que, satisfeitas, lhe permitiram um novo e grande surto de prosperidade em todos os seus aspectos.” (pg. 43).

O Brasil especial é, em terceiro lugar, o Sudeste: a técnica e o poder. O espaço notícia informa: “ESPINHA DORSAL DO PAÍS: O Sudeste é a região mais rica e desenvolvida do Brasil, e em cinco Estados – São Paulo, Guanabara, Estado do Rio, Minas Gerais e Espírito Santo – está concentrada 85% de toda renda e 75% da produção industrial do País”, “ONDE ESTÁ O DINHEIRO”, “CAFÉ COM LEITE DÁ FORÇA POLÍTICA”, “A SEDE DA CULTURA”, “SÃO PAULO NÃO FAZ MILAGRES”, “RICOS SOFREM DE INCHAÇÃO”, “ESPÍRITO SANTO REZA PELA SUDEL”. Os anunciantes são: Construções e Comércio Camargo Corrêa S.A. (pg. 2), Prefeitura Municipal de Araras (pg. 4), Prefeitura Municipal de Fernandópolis (pg. 6), Prefeitura Municipal de Sumaré (pg. 12), Prefeitura Municipal de Jundiaí (pg. 13), Prefeitura Municipal de São José dos Campos (pg. 14), Bolsa de Valores do Estado de São Paulo (pg. 17), Confederação Nacional do Comércio (pg. 19), Organização Comércio e Indústria (pg. 20), Prefeitura Municipal de Avaré (pg. 23), Lacaze e Pisão Ltda. (pg. 24), Comissão dos Festejos do Cinquentenário de Catanduva (pg. 24), Prefeitura Municipal de Limeira (pg. 25), Societé de Sucrieries Brasiennes (pg. 29), Ministério da Fazenda do Brasil (pg. 23), Instituto do

Açúcar e do Álcool (pg. 34), Prefeitura Municipal de Votorantim (pg. 35), Prefeitura Municipal de Guarulhos (pg. 38), Banco do Estado de São Paulo (pg. 40). “Ao caracterizar a região Sudeste como a mais evoluída do País, os geógrafos Pedro Pinches Geiger, Fanny Rachel Davidovich e Hilda da Silva salientam que ai se apresentam, paralelamente, problemas de concentração metropolitana e de desnivelamento internos regionais e setoriais: concentração de movimentos, renovação ao longo das principais linhas de transportes e o contraste com áreas estagnadas.” (pg. 11).

O Brasil especial é, em quarto lugar, o Sudeste: Guanabara, Coração do Rio. O espaço notícia informa: “A FUSÃO VISTA DA PONTE: Sem qualquer problema do ponto de vista técnico quanto a sua necessidade, a fusão da Guanabara e Estado do Rio numa só unidade federativa esbarra-se com o obstáculo da resistência do poder político, principalmente de deputados fluminenses”, “Cap. II – GUANABARA, UM FUTURO APERTADO: Rio, de Janeiro a Janeiro, A Marcha para Oeste, As Quatro Vocações, O Rio está Secando, Cap. III – RIO, UM ESTADO QUE DESAGUA NA BAÍA: Em Busca de Autonomia, A Influência vem do Lado, Governo é o Maior Empresário, Terra e Mar, Riquezas Fluminenses”. Os anunciantes são: Governo do Estado do Rio de Janeiro (pg. 42), Light – Serviço de Eletricidade S.A. (pg. 46), Intrag. S.A. Corretora de Valores e Câmbio (pg. 53), Cia. Metropolitana de Construções S.A. (pg. 54), Máquinas Piratininga S.A. (pg. 71). “O Estado da Guanabara exerce marcante ação polarizadora sobre o chamado Leste Meridional do Brasil, ou seja, todo o Estado do Rio, a maior parte de Minas Gerais, parte da Bahia e o vale médio do Paraíba do Sul, em São Paulo. Mas essa ação é sensível principalmente na região fluminense que integra o chamado Grande Rio, capitaneado pela Guanabara, para o qual contribui com cerca de 65% da população e para onde se deslocam diariamente 400 mil trabalhadores do Estado do Rio.” (pg. 66). “Para o governador Geremias Matos Fontes: ‘se os cariocas almoçam 75% da produção agrícola fluminense, estes jantam a totalidade da produção intelectual carioca’.” (pg. 64).

O Brasil especial é, em quinto-sexto lugar, o Sudeste: O Estado do Espírito Santo, Minas entre o Ferro e o Boi. O espaço notícia informa: “CAP. IV – UM ESPÍRITO SANTO SEM LUZES”: O Primo Pobre, De Problema em Problema, Alternativas para o Desenvolvimento, Porto, Capital de Vitória, Um Doce Vale, O Planejamento Regional e o

Caso de Minas, “CAP. V – MINAS ENTRE O FERRO E O BOI: Eis o Estado de Minas, Pecuária, uma Hegemonia Ameaçada, Lavoura atrás dos Bois, Norte de Minas, Um Futuro de Dúvidas, Um Coração de Ferro, Um Tesouro sem Mapa, Desafio à Indústria” (pg. 75). Os anunciantes são: Prefeitura Municipal de Contagem (MG) (pg. 80), Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais (pg. 81), Governo do Estado do Espírito Santo (pg. 82), Soc. Contábil Ficha Tríplice Ltda. (pg. 95), Prefeitura municipal de Vitória (ES) (pg. 87), R.R. – Projetos Industriais – CIPLAN Coord. Invest. Planej. Econômicos Ltda. (pg. 95), Associação Brasileira de Reflorestamento (pg. 103). “O Espírito Santo é o Estado mais pobre e menos desenvolvido na região Sudeste, a mais rica e desenvolvida do país. Vive quase sempre despercebido na geografia, na economia e na política.” (pg. 75). “Minas Gerais, com seus 587.172 quilômetros quadrados, é o maior Estado da região Sudeste. No seu subsolo encontram-se as maiores reservas conhecidas do Brasil de minerais de diversos tipos. Espalhados por várias áreas de seu território, 191,1 milhões de cabeças fazem de seu rebanho bovino o maior do País. Apesar de suas potencialidades naturais, o Estado tem problemas que devem ser equacionados a curto prazo, para que Minas não fique atrás na corrida para o desenvolvimento.” (pg. 90).

O Brasil especial é, em sétimo lugar, o Sudeste: a Disparada de São Paulo. O espaço notícia informa: “CAP. VI – A DISPARADA DE SÃO PAULO: O Primo Rico, Um Bom Irmão, Presente e Futuro do Governo da Cidade, São Paulo, Ano 2000, Um Gigante de Calças Curtas, Uma Boa Iniciativa, Um Modelo de Agricultura, ESPECIAL: As Grandes Opções ao Desenvolvimento de Minas Gerais, Vantagens e Desvantagens da Fusão, Quanto custa governar o Espírito Santo”. Os anunciantes são: Prefeitura Municipal de Guarujá (pg. 115), Companhia Antártica Paulista (pg. 116), Prefeitura Municipal de Diadema (pg. 117), Prefeitura Municipal de Piraju (pg. 119), Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul (pg. 122), Interprint-Bonnier Impressora S.A. (pg. 124), Campanha contra a Febre Aftosa (pg. 126), Martini & Rossi S.A. (pg. 129), Prefeitura Municipal de Presidente Epitácio (pg. 131), Banco Francês e Italiano para a América do Sul S.A. – SUDAMERIS (pg. 132), Supergasbrás – Distribuidora de Gás S.A. (pg. 137), Light – Serviços de Eletricidade S.A. (pg. 139), Banco Mineiro do Oeste S.A. (pg. 144). “A administração de uma cidade, com as características e a grandeza de São Paulo, impõe responsabilidades que não podem ser definidas, nem exercidas apenas em funções de problemas e interesses circunscritos ao âmbito municipal. É preciso encará-los sob um prisma mais amplo, a fim de que não se perca de vista a importância e a necessidade de sua integração ao esforço comum de desenvolvimento global do país.” (pg. 118).

O Brasil especial é, em oitavo lugar, Brasília: Capital da Integração Nacional. “Apesar dos problemas de ordem política, econômica e social, a verdade é que Brasília existe onde, há poucos anos, só havia deserto e solidão. Brasília corresponde à chave de uma abóbada: pela

singularidade de sua concepção urbanística e da sua expressão arquitetônica, testemunha a maturidade intelectual do povo que a concebeu, povo tão empenhado na construção de um novo Brasil, voltado para o futuro e já senhor de seu destino.” (pg. 3). O espaço notícia informa: “O POLO DO PLANALTO”, “CIDADE NOVA, HISTÓRIA VELHA”, “BRASÍLIA, UM SONHO QUE FUNCIONA”, “INTERPRETAÇÃO DE BRASÍLIA”, “UMA CIDADE PARA HOMENS”, “CAPITAL DA INTEGRAÇÃO”, “O EXÉRCITO DO PODER”, “HISTÓRIA DE MUITAS CRISES”, “PRESIDENTE, HORA A HORA”, “A DIFÍCIL MUDANÇA”, “A EXPERIÊNCIA DE ADMINISTRAR UMA CAPITAL JOVEM”, “BRASÍLIA COMO FATOR DE SEGURANÇA”. Os anunciantes são: Companhia Antarctica Paulista (pg. 2), Ministério da Fazenda do Brasil (pg. 4), No presente, a cidade do futuro (NOVACAP) (pg. 7), O que se faz em Brasília pela Saúde da População (NOVACAP) (pg. 12), Alvorada S.A. Comércio e Representações (pg. 17), Empreendimentos N. Fernandes S.A. (pg. 20), Consolidação de Brasília (NOVACAP) (pg. 27), O Problema Educacional em Brasília (NOVACAP) (pg. 32), Mutirão (NOVACAP) (pg. 38), Cia Lythografica Ypiranga (pg. 40). “Mas é útil que falem em humanizar a nova capital, pois no permitem corrigir um engano, convocando-os para os movimentos progressistas que combatem a miséria, o privilégio e a deseducação, visando à sociedade melhor que parece desejarem.” (pg. 11).

O Brasil especial é, em nono lugar, o Centro Oeste: o Vazio em Ocupação. O espaço notícia informa: “O AVANÇO”, “DO OURO AO BOI, UMA HISTÓRIA DE CONQUISTA”, “SUDECO SEM INCENTIVOS”, “CENTRO-OESTE ABERTO AOS NORDESTINOS”, “MATO GROSSO, MUITA TERRA POUCA GENTE”, “TÃO GRANDE QUANTO RICO”, “PECUÁRIA, EACALADA DO PROGRESSO”, “A RODOVIA E O DESENVOLVIMENTO DE MATO GROSSO”, “TAMANHO É PROBLEMA?”, “CONFLITO ENTRE O PASSADO E O FUTURO”, “UM ESTADO COM TRÊS CAPITAIS”, “GOIÁS, UM SALTO NA HISTÓRIA”, “UM ESPIGÃO DE RIQUEZA”, “AGROPECUÁRIA, FORÇA E AMEAÇA DE GOIÁS”, “MARCHA PARA O NORTE TEM NÚMERO DE PROSPERIDADE”, “CAMINHOS DA CONQUISTA DA AMAZÔNIA”. Os anunciantes são: Construtora Dom Bosco Ltda. (pg. 2), Hotel Santa Rosa (pg. 3), Sabóia Campos S.A. Engenheiros Empreiteiros (pg. 6), Parecis S.A. Com. Ind. Agropecuária (pg. 8), Ministério da Fazenda do Brasil (pg. 12), OESTE – Imóveis e Administração Ltda. (pg. 15), Prefeitura Municipal de Campo Grande (pg. 17), Cia. Cimento Portland Corumbá (pg. 18), SOCEC – Soc. Campograndense de Eng. E Const. Ltda. (pg. 18), Câmara Municipal de Campo Grande (pg. 18), Andrade Gontijo Eng. E Const. S.A. (pg. 24), Cia. Engenharia Civeletro Ltda. (pg. 28), SADE-Sul America da Eletrificação S.A. (pg. 30), Blokret Pavimentações Articuladas S.A. (pg. 31), Construtora Adriano Domingues S.A. (pg. 31), Governo do Estado de Mato Grosso (pg. 34), Prefeitura Municipal de Cuiabá (pg. 38), Prefeitura Municipal de Várzea Grande (pg. 39), CIVILSAN – Engenharia Civil e Sanitária S.A. (pg. 40), FENAM – Engenharia e Construções Ltda. (pg. 41), Construtora José Mendes Junior

S.A. (pg. 42), Oeste Redes Aéreas Ltda. (pg. 44), Eurípedes Domingues – Viação Cidade Verde (pg. 44), CODRASA – Construções e Dragagens Ltda. (pg. 49), Blokret Pavimentações Articuladas S.A. (pg. 50), Cia. Cervejaria Cuiabana (pg. 50), Governo do Estado de Goiás (pg. 52), Banco do Estado do Mato Grosso S.A. (pg. 58), Construtora San Marco S.A. (pg. 59), Sociedade Brasileira de Siderurgia (pg. 59), Construmat Ltda. – Engenharia e Comércio (pg. 60), EDIMAT – Editora Cultural Matogrossense Ltda. (pg. 60), Matogrossense Turismo “Matotur” S.A. (pg. 61), Agropecuário Cravari S.A. (pg. 62), Alvorada Motel Ltda. (pg. 63), Federação das Cooperativas de Produtores de Mate Amambai Ltda. (pg. 64). “Mas, hoje o quadro é outro: o Centro-Oeste muda de face. Chaminés de fábricas, campos de pouso e vilas de cal e tijolos levantam-se, ao longo das ferrovias e estradas abertas na selva, ou ao longo de hidrelétricas e barram o curso das corredeiras e multiplicam a força das águas em energia geradora do progresso.” (pg. 7).

O Brasil especial é, em décimo lugar, o Nordeste: a nova fronteira do Brasil. O espaço notícia informa: “ONDE E COMO CRESCE O NORDESTE”, “SÃO PAULO E O NORDESTE”, “PERNAMBUCO, ESTADO LÍDER”, “GRUPO ‘PEIXE’ INOVA PARCERIA”, “CTB INTEGRA PERNAMBUCO”, “A TERRA E O HOMEM DO NORDESTE”, “NORDESTE DA MONARQUIA À REPÚBLICA”, “JOÃO DE BARRO MOTIVA O MARANHÃO”, “BANDEIRA PAULISTA E MENSAGEM DA IGREJA”, “DESCOBERTA DO NORDESTE PELA LIVRE EMPRESA”, “NORDESTE MUDOU, VELHA ÉPOCA TERMINOU”, “A CONTRIBUIÇÃO DO BANCO DO NORDESTE”, “CENORTE TEM PLANO PRÓPRIO”, “SUDEC CONSTRÓI O FUTURO”, “PORQUE O TRATAMENTO PRIORITÁRIO INTERESSA À INICIATIVA PRIVADA”, “FUNDIDOR É A PONTE NORDESTE-SUL”, “O PAPEL DO FINEDE”, “LEGISLAÇÃO DE INCENTIVOS”, “O QUE A BAHIA TEM PARA DIZER A SÃO PAULO”, “UMA POLÍTICA DE AÇÃO COMUNITÁRIA”, “A PARTICIPAÇÃO DA UNIVERSIDADE”, “O PAPEL DA IGREJA”, “POLOS DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE”, “SALGEMA E POTÁSSIO, DESAFIO MAIOR QUE O PETRÓLEO”, “CONDESE É O FRUTO DO MOMENTO DE TRANSIÇÃO”, “MUDANÇA EM ALAGOAS COMEÇOU COM NOVA MENTALIDADE”, “GENTE MOÇA EM MACEIÓ”, “AÇÚCAR TAMBÉM ESTÁ MUDANDO”, “REFORMA DA INDÚSTRIA TÊXTIL”, “ALAGOAS É O FUTURO DO AÇÚCAR”, “OBJETIVOS DO AÇÚCAR PERNAMBUCANO”, “PAULO AFONSO, ACIDENTE DE DEUS”, “CRAM É INSTRUMENTO CONTRA ESTAGNAÇÃO”, “CCN AMPLIA IMPÉRIO SALINEIRO”, “ÁGUA E ESGOTO PARA 5 MILHÕES DE NORDESTINOS”, “BOAS ESPERANÇAS LIGARÁ DOIS NORDESTES”, “PARAÍBA ACEITA DESAFIO”, “ESTALEIROS NORDESTE PIONEIROS EM PERNAMBUCO”, “RIO GRANDE DO NORTE INTEGRA-SE NA INDUSTRIALIZAÇÃO”, “J. MOTA TEM VISÃO NOVA”, “NOBRANTAS É EXEMPLO”, “MOSSORÓ, A QUE MAIS CRESCE”, “FITEMA, A OPIONEIRA DOS TECIDOS”, “AJUDA EXTERNA”. Ao anunciantes são: Lojas Ducal (pg. 2), Ultragás (pg. 17), Banco Mercantil de São Paulo (pg. 19), Companhia Antártica Paulista (pg.

22), Sambra (pg. 23), General Motors do Brasil S.A. (pg. 24), Olivetti (pg. 28), Eternit do Brasil Cimento Amianto S.A. (pg. 35), Banco Nacional do Norte S.A. (pg. 37), Esso Brasileira de Petróleo (pg. 39), Banco Industrial de Campina Grande S.A. (pg. 41), Cia. Fiat Lux, de Fósforos de Segurança (pg. 43), Caruso (pg. 44), Banco da Lavoura de Minas Gerais S.A. (pg. 44), CAIO – Companhia Americana de Ônibus (pg. 48), Cotonifício Torre S.A. (pg. 53), Deustz (pg. 54), Máquinas Piratininga do Nordeste (pg. 54), VASP (pg. 57), OSDREL – Sociedade de Redes Elétricas S.A. (pg. 58), Munck do Brasil S.A. (pg. 62), Companhia Nordeste de Industrialização (pg. 62), CESNEL (pg. 64), Rhodia – Indústrias Químicas e Têxtis S.A. (pg. 68), Arbor Acres S.A. – Avicultura (pg. 68), TV-Canal 9 (pg. 68), CONSULVEST – Consultores, Técnicos e Financeiros (pg. 70), Folha (pg. 70), Ford (pg. 70), CIBA (pg. 72), Eternit (pg. 72), Federação das Indústrias do Estado da Bahia (pg. 80), Gessy Lever (pg. 128), Hidroservice (pg. 129), Norsul – Serviços Técnicos de Economia e Finanças Ltda. (pg. 129), ASPLAN (pg. 131), Willys-Nordeste (pg. 132).

O Brasil especial é, em décimo primeiro lugar, o Nordeste: O Pleno Emprego do Homem. O espaço notícia afirma: “NO NORDESTE, A PROFÉTICA MISSÃO DA IGREJA”, “UMA QUESTÃO DE JUSTIÇA”, “NUTRIÇÃO, QUESTÃO DE VIDA OU MORTE”, “A FILA DO DESEMPREGO”, “O DESEMPREGO NA FILA”, “A VOLTA AO SERTÃO”, “AS ESTATÍSTICAS DA MORTE”. “Quando o Nordeste se abala com as estatísticas do desenvolvimento ou mesmo quando lufadas de fumaça das chaminés cobrem de um manto cinzento as grandes cidades, a conclusão é de que, depois de 400 anos de história, deu-se, afinal, um passo importante na economia. Mas se verifica que apenas poucas mãos movimentam as grandes máquinas e a maioria dos trabalhadores fica na colheita do algodão ou manejando a enxada – exatamente como há 4 séculos – conclui-se, então, que, a despeito do êxito, o homem do Nordeste ainda está à margem do desenvolvimento.” Os anunciantes são: Governo do Estado do Maranhão (pg. 106), Universidade Federal de Pernambuco (pg. 117), Governo do Estado de Pernambuco (pg. 126), Companhia Industrial da Amazônia (CIDA) (pg. 136).

O Brasil especial é, em décimo segundo lugar, a Amazônia: Um Vazio Cheio de Riquezas. O espaço notícia afirma: “AUTO-DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA”, “DIAGNÓSTICO: UM VAZIO CHEIO DE RIQUEZAS”, “RECEITA CUSTA 3 BILHÕES (NC\$) DE MUITAS FONTES”, “POLOS DE DESENVOLVIMENTO”, “ROSA DA FONSECA INICIOU NOVA HISTÓRIA DA AMAZÔNIA QUE NORDESTINOS E GAÚCHOS (COMO NO PASSADO) COMANDAM”, “COMO EU VI A AMAZÔNIA”, “A 1ª REUNIÃO DE INCENTIVO AO DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA”, “A INDÚSTRIA: UM FATOR DE DESENVOLVIMENTO”, “AMAZÔNIA EM TODAS AS DIREÇÕES: DAS FRONTEIRAS AO LITORAL”, “O HOMEM NA TERRA AMAZÔNICA”, “FOLCLORE AMAZÔNICO VALORIZA O ÍNDIO”, “POLÍTICA E ESTRATÉGIA NA GRANDE AMAZÔNIA BRASILEIRA”, “CASTELOS FOI BUSCAR ÍNDIOS, NORDESTINOS E

PORTUGUESES PARA OCUPAR O VAZIO”, “SARNEY: ‘MARANHÃO É O CAMINHO’; PEDROSSIAN: ‘MATO GROSSO É A PORTA DE ENTRADA’”, “A INTEGRAÇÃO DA AMAZÔNIA À CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA”, “AMAZÔNIA PERIFÉRICA É PONTE DE LIGAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO NACIONAL”, “PARÁ, A BOCA DE ENTRADA DA AMAZÔNIA, TEM ESTRUTURA DE PLANEJAMENTO”, “O AMAZONAS CONVIDA O BRASIL PARA PARTICIPAR DO SEU DESENVOLVIMENTO”, “O ACRE, NO FIM DO BRASIL, É A PASSAGEM PARA O PACÍFICO”, “ÁREAS DE FRONTEIRAS FORAM DIVIDIDAS EM TERRITÓRIOS PARA FACILITAR

DESENVOLVIMENTO”, “CASSITERITA TOMA LUGAR DA BORRACHA E DA CASTANHA EM RONDÔNIA”, “MARANHÃO É PASSAGEM DA OCUPAÇÃO E SARNEY A BRE O CAMINHO”, “INTEGRAÇÃO FÍSICA ENTRE O NORDESTE E A AMAZÔNIA ESTÁ NA BOA ESPERANÇA”, “MATO GROSSO REEDITA A EPOPEIA DOS BANDEIRANTES E PARTE PARA OCUPAR, POR TERRA, A AMAZÔNIA”, “BASA ENTRA COM DINHEIRO E DIZ O QUE FAZER PARA OBTÊ-LO”, “ESTADOS E TERRITÓRIOS FIZERAM O ‘POOL’ DOS INCENTIVOS”, “SOB O TÚMULO DO PIONEIRO FOI PLANTADA A SEMENTE DA INFRA-ESTRUTURA”, “APETITE INTERNACIONAL OBRIGA O BRASIL A PREPARAR-SE PARA GUERRA NA SELVA”, “FRONTEIRAS ATRAPALHAM: HUDSON INSTITUTE TEM PLANO DE AÇÃO ECONÔMICA DA AMAZÔNIA”, “O Brasil DEVE EVITAR SUSPRESAS”, “POR QUE DEVEMOS ACREDITAR NA AMAZÔNIA?”, “SEGURANÇA NACIONAL: FATOR DE DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA”, “AS GUERRAS DO PETRÓLEO: DO ACRE AO CHACO A TERRA JÁ TEVE SEU BANHO DE SANGUE”, “BATALHA DA BORRACHA FOI PERDIDA PARA A COROA BRITÂNICA”, “QUAIS SÃO E ONDE ESTÃO OS RECURSOS NATURAIS DA AMAZÔNIA”, “AMAZÔNIA OCIDENTAL FOI PIONEIRA NA INDÚSTRIA”, “ONDE ESTÁ O DESAFIO À INICIATIVA PRIVADA NACIONAL”, “GRANDES PROJETOS APROVADOS”, “ESCRITORES DE PLANEJAMENTO DO SUL ESPERAM TRABALHAR MELHOR COM SUDAM”, “RECURSOS PESQUEIROS DA AMAZÔNIA”, “CIÊNCIA E TECNOLOGIA NO DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA”, “A UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA”, “PARQUE NACIONAL DO TUMUCAMAQUE”, “TURISMO CHAMA CAPITAIS”, “A LEI DA SUDAM”, “MUNICÍPIOS PLANTARÃO BANDEIRA NA AMAZÔNIA”, “LEGISLAÇÃO DE INCENTIVOS SEGUE MODELO DO NORDESTE”, “BANCO DA AMAZÔNIA TEM NOVA LEI”, “REGULAMENTO GERAL DO PLANO DE VALORIZAÇÃO ECONÔMICA DA AMAZÔNIA”, “DE UM OBSERVADOR DE BORDO”. Os anunciantes são: CERPASA – Cervejaria Paraense S.A. (pg. 2), Banco Brasileiro de Descontos S.A. (pg. 7), Cia. Sul Americana de Investimentos, Crédito e Financiamento (pg. 13), GuaraSuco – Produtos Vitória S.A. (pg. 17), Banco Português do Brasil S.A. (pg. 19), S.A. Brasileira de Indústria Madeireira (pg. 33), Tecidos Votorantim, (pg. 43), Hotel Excel – sior Grão Pará-Belém (pg. 50), Creditec S.C. Ltda. (pg. 50), Brasil juta (pg. 50), Chevrolet (pg. 51), Bank of London & South America Limited (pg. 60), PHEBO (pg. 61), Tapiraguaia S.A. Agrícola e Pecuária (pg. 61), Cia. Fiat Lux de Fósforos de Segurança (pg. 64), Representações do Governo do Estado do Amazonas (pg. 71), S/A Mercantil Anglo Brasileira (pg. 81), Aliança do Pará (pg. 83), Ch. Lorilleux S.A, (pg. 83), Paraense (pg. 105), Cia. T, Jáner (pg. 113), Esso (pg. 121), Escritório Levy Ltda. (pg. 125), Indústria de Papel Feffer S/A (pg. 127), Editora Monumento S/A (pg. 128), CODEPAR (pg. 139), Moinho da Lapa S.A. (pg. 144), Orniex S/A (pg. 151), Indústrias Klabin do Paraná Celulose S/A (pg. 157), DESAMA (pg. 156), BNDE (pg. 158), NETUMAR, Agropecuária Xingu S/A – Agropexin (pg. 158), Proagri (pg. 160), Escritório do Estado do Maranhão (pg. 161), Ultragas (pg. 167), Emplan (pg.

170), Integração-Desenvolvimento Empresarial e de Mercado (pg. 170), Realtur-Varig (pg. 170), Progredior (pg. 170), Light (pg. 171), Banco Financial de Mato Grosso (pg. 181), Hidroservice (pg. 181), Lacta (pg. 182), Empresa Arrossensal (pg. 183). Banco Nacional do Norte S.A. (pg. 184).

O Brasil especial é, em décimo terceiro lugar, a Amazônia: A Ocupação do Vazio. O espaço notícia informa: “A OCUPAÇÃO”, “RESERVA ESTRATÉGICA E ECONÔMICA”, “COMO INVESTIR NA AMAZÔNIA”, “COMO VIVE O HOMEM NA AMAZÔNIA”, “PESQUISA, PRIORIDADE ESQUECIDA”, “O PONTE DE OURO”, “UMA POLÍTICA DE SEGURANÇA PARA A AMAZÔNIA”. Os anunciantes são: Produtos Vitória S.A. (pg. 2), Agropecuária Junqueira Vilela S.A. (pg. 3), Cia. Siderúrgica da Amazônia – Siderama (pg. 4), Indunorte – Promoções Industriais do Norte Ltda. S.C. (pg. 5), Seitec – Planejamentos Agro-industriais S.C. (pg. 8), Tecelagem T. Medeiros Imp. E Exp. S.A. (pg. 11), Tapiraguaia S.A. – Agrícola e pecuária (pg. 12/13), Companhia de Petróleo da Amazônia (pg. 14), I.B. Sabbá & Cia. Ltda. (pg. 15), Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas (pg. 16), Banco do Estado do Amazonas S.A. (pg. 16), Superintendência da Zona Franca de Manaus (pg. 23), Administração do Porto de Manaus (pg. 27), Companhia Brasileira de Fiação e Tecelagem de Juta (pg. 30), Força e Luz do Pará S.A. (pg. 31), JS – Cia. Paraense de Tubos e Móveis de Aço (pg. 32), Fiação e Tecelagem de Juta Amazônia S.A. (pg. 33), Compensa – Madeiras Compensadas da Amazônia – Cia. Agro-industrial (pg. 33), Governo do Estado do Acre (pg. 37), Consuplan – Consultoria e Planejamento S.C. (pg. 38), Navegação Atlântica S.A. (pg. 40), Departamento Rodoviário Municipal (Manaus) (pg. 41), Fábrica de Tecidos Matinha S.A. (pg. 42), Departamento de Estradas de Rodagem do Estado do Pará (pg. 46), Empresa de Navegação da Amazônia S.A. – Enasa (pg. 47), Comarsa S.A. Máquinas e Veículos (pg. 48). “São obstáculos ao desenvolvimento da região: a extensão física e a rarefação demográfica; a deficiência de transporte e comunicações, o elevado nível de analfabetismo; a insalubridade; o desconhecimento do potencial efetivo de recursos naturais; a escassez de recursos humanos para a ocupação das fronteiras econômicas e demográficas; a debilidade do abastecimento; a ausência de mentalidade agrícola; a economia extrativista; a predominância da indústria de artesanato; a falta de coordenação nas atividades dos órgãos públicos locais; a insuficiência do espírito empresarial; o nomadismo; a carência de capital; a insuficiência do mercado consumidor regional; a penúria de energia elétrica; o êxodo rural; a ausência de assistência médica; o ‘aviamento’ e diversos outros fatores.” (pg. 45).

O Brasil especial é, em décimo quarto lugar, a Amazônia, A Filosofia dos Grandes Lagos. O espaço notícia informa: “SEGURANÇA NACIONAL OU ‘NATIONAL SECURITY’?”, “NOVO FOCO SOBRE A AMAZÔNIA”, “UM SISTEMA SUL-AMERICANO DE GRANDES LAGOS”, “FOLHETOS DA SELIG BROTHERS REAL STATE CO.”, “SELIG ACUSA O BRASIL”. Os anunciantes

são: Ministério da Fazenda do Brasil (pg. 2), Irmãos Prata S.A. – Engenharia e Comércio (pg. 3), Federação das Indústrias do Estado do Pará (FIEPA) (pg. 10), Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguaí (pg. 17), CIDA – Cia. Industrial da Amazônia (pg. 40). “No caso do lago do rio Amazonas, praticamente toda a civilização criada no Estado do Amazonas e em parte do Pará, seria destruída pela inundação, e o rio Amazonas teria sua boa navegabilidade atravancada por uma barragem. Uma vez criado um tal lago, grande parte da Amazônia ficaria ainda mais isolada do resto do Brasil.” (pg. 59).

O Brasil especial é, em décimo quinto lugar, a Amazônia: Os Caminhos da Ocupação. O espaço notícia informa: “AS GRANDES PERGUNTAS DO DEBATE AMAZÔNICO”, “COMO POVOAR A AMAZÔNIA”, “CENTRO-OESTE, PORTA DA AMAZÔNIA”, “JUTA RIQUEZA MAL APROVEITADA”, “POR QUE A AMAZÔNIA DEVE SER BRASILEIRA”, “UMA REGIÃO A EXPLORAR OU DESENVOLVER”, “BORRACHA, SUA GLÓRIA E DESENCANTO”, “BORRACHA PAGA JUROS À GUERRA”. Os anunciantes são: Banco do Estado do Pará S.A. (pg. 90), Universidade Federal do Pará (pg. 95), Arrossensal Agropecuária e Industrial S.A. (pg. 96), Banco da Amazônia S.A. (pg. 100), Cohab do Estado do Amazonas (pg. 104), Governo do Estado do Maranhão (pg. 107), Governo do Estado do Amazonas (pg. 122), Vale do Xingu S.A. (pg. 128). “1) Existe uma tecnologia para fazer agricultura nas regiões úmidas dos trópicos? 2)

Que fazer com a floresta amazônica? 3) Quais são, onde estão e como explorar os tão propalados recursos naturais da região? 4) Considerando que a Amazônia Legal representa cerca de dois terços do território brasileiro, justifica-se um planejamento global para tão grande área? 5) O que é mais importante para o atual estágio de desenvolvimento da Amazônia: investir na construção de rodovias, que atravessam imensas áreas despovoadas ou incrementar um programa de valorização dos rios, vias naturais da região? 6) Qual a política mais aconselhável: concentrar recursos nas áreas povoadas ou dispersá-los em projetos espalhados por toda a Amazônia?” (pg. 91).

O Brasil especial é, em décimo sexto lugar, a Amazônia: Dinheiro e Desenvolvimento. O espaço notícia informa: “SUDAM-MISSÃO, RECURSOS E AÇÃO”, “AMAZÔNIA, DESAFIO E CONTRIBUIÇÃO”, “MANAUS, UMA ZONA FRANCA”. Os anunciantes são: Companhia Tropical e Hotéis (pg. 130), Governo do Estado do Pará (pg. 132), Centro de Pesquisas e Estudos da Amazônia (CEPEA) (pg. 133), Escritório de Representação do Governo do Estado do Maranhão (São Paulo) (pg. 135), Governo do Estado do Amazonas (pg. 136), Oleoginosas Maranhenses S.A. – OLEAMA (pg. 143), Indústria de Papel Leon Feffer S.A. (pg. 143). “A criação da Zona Franca de Manaus foi uma decisão muito discutida. Para os amazonense, a Zona Franca representa a grande oportunidade de redenção econômica; para muitos outros, uma medida perigosa, mais prejudicial do que benéfica ao desenvolvimento da região, como um todo.” (pg. 133).

O Brasil Pré-Urbano

O Brasil é, basicamente, um espaço fragmentado em que a referência principal é a grande região e sua análise: “Dentro desta tônica, embora os volumes sejam regionais, cada capítulo representa uma análise voltada de forma direta ou indireta para os objetivos acima indicados (divulgar o conhecimento do território brasileiro, suas diferenciações regionais e seus problemas, para uma variada gama de leitores) abordando os principais aspectos da organização do espaço brasileiro, orientação que é seguida deste o quadro natural, com seu corolário de recursos naturais conhecidos, até a população, aos sistemas d cidades, à energia, à atividade agrária e industrial e aos transportes, dando uma visão completa do quadro nacional.” (pg. VII, Vol. 1).

O espaço REGIÃO NORTE é caracterizado como se segue: “A região ainda se ressentia do descompasso considerável entre a grande dimensão de espaço físico e a diminuta população da área. Disso ressalta a magnitude da obra humana em realização nesse domínio da Natureza, onde tudo é grande – a terra, a água e a floresta.” (pg. IX).

Daí, dizer-se que: “Até a inauguração da rodovia Belém-Brasília, na década de 60, todo o sistema de transporte na Amazônia estava condicionado pela rede hidrográfica e, em princípios de 1974, cerca de 80% do transporte global da Região Norte eram feitos por hidrovias, o que revela o alto índice de transportes fluviais na região e a importância da hidrografia na vida regional. Não obstante, portanto, a execução de grandes projetos rodoviários na Amazônia brasileira, a rede viária desta vasta área geográfica ainda reflete as condições ambientais, isto é, baseia-se na navegação fluvial.” (pg. 156). “ Os rios têm sido e continuarão a ser, ainda por muito tempo, importantes valores na organização e valorização do espaço amazônico brasileiro.” (pg. 158).

Porque, “Região que foi ocupada sob o signo de uma economia primária exportadora, tendo como base o fornecimento de matérias-primas aos mercados industrializados nacionais e estrangeiros e daí sujeita à instabilidade econômica provocada pela demanda externa, teve seu arcabouço urbano apoiado apenas em duas cidades macrocefálicas: Belém e Manaus, nas quais se verificam a concentração quase absoluta da geração de renda, da produção e da distribuição de bens e serviços e das relações com o mundo extra-amazônico.” (pg. 168).

Por isso, “A Amazônia é melhor percebida como local de atração pelos migrantes para a região do que a percepção dos seus nativos em relação às áreas nacionais de atração, o que pode ser explicado pelo relativo isolamento e menor informação para os seus habitantes sobre as áreas atrativas ou menor recurso de seus migrantes para o deslocamento.” (pg. 208).

Na seqüência se diz: “Coloca-se, assim, a carência de efetivo humano para a ocupação territorial e a escassez de mão-de-obra para a expansão e revigoração das atividades de produção como uma das maiores dificuldades encontradas na promoção do desenvolvimento regional.” (pg. 259).

O espaço plano, então, “concentrando os investimentos e os estímulos para aplicação somente em determinadas áreas, em posição geográfica, a maior parte delas

Permitindo relações diretas com os centros dinâmicos do Sudeste, e suficiente dispersas pelo espaço amazônico poderá, realmente, resultar na ocupação produtiva desses espaços e torná-los focos de atração tanto para a população rural regional, que está se acumulando nos núcleos urbanos, quanto para populações provenientes de outras áreas do País.” (pg. 264).

São importantes, para isso, os “canais rodoviários” (pg. 288).

Mas, “Os fluxos de carga apóiam-se principalmente nas hidrovias e refletem a organização da economia regional baseada nas exportações de produtos primários, de minério de manganês e na importação de bens, todas vinculadas a mercados inter-regionais.” (pg. 298). “Os fluxos de passageiros utilizam muito mais as aerovias que possibilitam deslocamentos de pessoas em quase toda região e mantém grande dominância nos fluxos inter-regionais. As hidrovias têm papel mais restrito, limitam sua importância a certas áreas no interior da Amazônia.” (pg. 298).

Por isso, “O desenvolvimento econômico da Região Norte deverá, no futuro, propiciar até mesmo o aproveitamento do imenso caudal dos rios de planície, que quando represados por vastas reservatórios, além de fornecer água para a produção de energia hidráulica, regularizaram o regime fluvial da região.” (pg. 340).

Enquanto isso, “o quadro agrário regional aparece, ainda, definido pelo predomínio das lavouras alimentares tendo em vista sua importância espacial, e pela grande importância econômica das lavouras comerciais, apesar de sua concentração relativa à área cultivada.” (pg. 391). É que “A indústria na região Norte reflete o estado geral de desenvolvimento econômico dessa área, isto é, apresenta-se bastante defasada em relação a regiões mais dinâmicas do País.” (pg. 395).

Então, “As características encontradas entre as cidades da Região Norte traduzem, portanto, a permanência de uma elaboração espacial elaborada por Belém, resultante do jogo de forças exógenas responsáveis pelo comportamento dos núcleos regionais que apresentaram carência de hierarquia e interação entre si.” (pg. 426).

O espaço REGIÃO NORDESTE é caracterizado como se segue: “É a Região brasileira de mais antiga ocupação; sua evolução histórica, no entanto, calcada em estruturas defasadas, tem-se constituído em freio às modificações que se fazem necessárias

à implantação de padrões atuais de desenvolvimento, em contraste com outras Regiões do País que avançam mais rapidamente." (pg. VII, Vol. 2).

Daí, dizer-se que "Em virtude da precariedade dos recursos hídricos a água passou a constituir um problema fundamental para o nordestino e suscitou, na Região, a mentalidade de que a solução estaria na ampliação da capacidade de armazená-la em superfície, e como este objetivo o homem, de longa data, vem usando, na Região, diversas modalidades de captação e represamento." (pg. 124).

Por isso, "O nordeste configura-se, portanto, como área de incremento demográfico variável, de acordo com circunstâncias climáticas e econômicas e onde o grande fator de incremento é o próprio crescimento natural." (pg. 139).

Dai que, "O estudo dos deslocamentos espaciais de população no Nordeste permite caracterizá-lo como Região de forte mobilidade intra e inter-regional onde sobressai a emigração e é de expressão quase nula a imigração." (pg. 153).

Então, "o crescimento revela mais a pobreza do campo - de onde a população foi liberada não por melhoria tecnológica mas por problema sócio-econômicos - do que um desenvolvimento urbano verdadeiro, no sentido da instalação e elevação dos níveis dos equipamentos urbanos do crescimento industrial." (pg. 196).

O espaço plano indica que , "Uma das causas deste processo é a concentração da atividade industrial nos núcleos urbanos já favorecidos com melhores condições de infraestrutura de transportes e energia, isto é, as grandes cidades, condicionando um fortalecimento de seu poder de atração sobre a população rural." (pg. 204).

É que, "Vem assistindo, também a um verdadeiro ressurgimento de algumas cidades com a melhoria de sua acessibilidade rodoviária." (pg. 209). Mas, "Apesar do empenho que se vem observando no sentido de equipar o Nordeste com uma infra-estrutura viária que atenda, com mais eficiência, suas necessidades sócio-econômicas, essa infra-estrutura apresenta ainda sérios entraves ao deslocamento de cargas e passageiros." (pg. 210). Além disso, "a ampliação da rede rodoviária do Nordeste, interligando as áreas do Agreste e do Sertão do Litoral, refletiu-se na hinterlândia dos portos, modificando-os e adaptando-as às transformações que ocorreram no espaço regional." (pg. 220). Mas,

“Apesar do grande impulso rodoviário processado na Região, cabe frisar a necessidade de sua maior expansão nas áreas ainda mal servidas do oeste nordestino e, também, a pavimentação das rodovias já implantadas, tendo em vista possibilitar a circulação durante todo o ano.” (pg. 244).

Por isso, considera-se que, “na medida que se intensifica o consumo de energia hidrelétrica, surge o problema do futuro potencial hidráulico disponível da Região, o que conduzirá ao reemprego da energia térmica, dentro do sistema energético global”. (pg. 268).

É que, “O processo de desenvolvimento da agricultura nordestina tem sido retardado por uma série de fatores inibidores que tornam possível afirmar que o crescimento econômico e desenvolvimento da agricultura não se fazem no mesmo ritmo, tendo o segundo um ritmo bem mais lento do que o primeiro.” (pg. 323).

Então, “A industrialização se concentra altamente em Recife, Salvador e Fortaleza, persistindo, porém, nas demais áreas um baixo nível de renda que ocasiona limitações no mercado interno e conseqüentemente na absorção das manufaturas produzidas.” (pg. 336). Além disso, “A maioria dos projetos implantados, sobretudo aqueles relacionados ao grupo de indústrias de bens intermediários e de consumo durável, caracterizam-se pelo uso intensivo de técnicas exigentes de capital e com menos significação quanto à capacidade de criar empregos.” (pg. 336).

É possível, pois, dizer que: “o Nordeste ainda se encontra dependente de manufaturados da área mais desenvolvida do País, incluindo desde insumos básicos para as indústrias recém-implantadas até mesmo determinados produtos têxteis, de vestuário, calçados e alimentar que correspondem justamente aos gêneros tradicionais da Região.” (pg. 385).

Daí que, os centros urbanos, “com amplas áreas de influencia, não têm apoio econômico para gerar ou promover inovações dentro da estrutura urbana da Região.” (pg. 401). É que “a grande maioria dos núcleos urbanos nordestinos apresenta sensíveis manifestações de falta de eficiência urbana, uma vez que é patente a permanência de funções longamente estabelecidas e que são pouco renovadas, entre elas a função comercial e, sobretudo, a coleta de produtos rurais.” (pg. 448).

O espaço REGIÃO SUDESTE caracteriza-se como se segue: “A região se constitui uma core – área do País, isto é, no núcleo de crescimento econômico nacional e no foco de concentração das indústrias e dos serviços.” (pg. IX, Vol. 3).

É que, “Essa região nuclear tem como características principais a atração migratória, o elevado crescimento demográfico, os intensos fluxos de trocas inter-regionais, a concentração de fluxos intra-regionais, características essas que se opõem dentro do próprio Sudeste às áreas periféricas pouco dinâmicas, estagnadas ou mesmo deprimidas representadas pelo Estado do Espírito Santo, grande parte do Estado do Rio de Janeiro e quase a totalidade do Estado de Minas Gerais.” (pg. 143). Também, “A organização do espaço regional em função da presença de uma densa rede de centros urbanos e do desenvolvimento de duas áreas metropolitanas nacionais e de outra regional é uma das características demográficas de maior relevância e que condiciona basicamente a estrutura dos fluxos migratórios da Região, caracterizada pela predominância dos deslocamentos de tipo interurbano.” (pg. 197).

Por isso, “De um modo geral, os sistemas de transportes do Sudeste não têm acompanhado o ritmo de desenvolvimento da Região, daí a necessidade de ser adotada, pelos poderes competentes, uma política mais agressiva nesse setor. Assim é que se cogita de uma melhor adequação das suas diversas modalidades, o que só se tornará efetivo se houver maior integração dos sistemas ferroviário-rodoviário-hidroviário-portuário.” (pg. 342).

Mas, “As condições naturais da região Sudeste facilitaram a organização de um sistema interligado de grandes usinas para a produção de energia de fonte hidráulica, pois, na medida que se penetra para o interior da Região, encontra-se as bacias do Rio Paraná e São Francisco, cujos rios principais e subafluentes possuem não só grande extensão como elevado potencial hidráulico. Contudo, um regime de alimentação condicionado às chuvas de verão, o que resulta numa diferença no regime do rio muito acentuada entre esta estação e o inverno, exigiu das empresas de eletricidade a construção de uma sucessão de usinas a represas escalonadas para regularizá-lo.” (pg. 363).

Daí que, “Quanto à diversificação das fontes, as novas pesquisas conduzirão ao aproveitamento, em futuro próximo, da energia atômica, dando-se assim continuidade à experiência pioneira iniciada com a construção da Usina de Angra dos Reis, bem como se

levará em conta, também, o consumo dos derivados de óleo de xisto, ora em fase de industrialização pioneira em São Mateus do Sul, no Estado do Paraná.” (pg. 380).

Enquanto isso, “A organização agrária atual da Região Sudeste reflete, nos seus padrões espaciais de localização das atividades produtivas, não só as influências ecológicas e infra-estruturais de transporte como, basicamente, as influências do processo urbano-industrial, o que é responsável, também, pela evolução temporal das formas de utilização da terra e por mudanças nos regimes de exploração agrícola.” (pg. 384).

É que, “Nossa Região se encontram os maiores focos metropolitanos do País, a malha urbana mais estruturada, as redes mais densas de transporte, comunicações e energia, os mais elevados índices de produção econômica. Nessa Região a expansão industrial também se faz representar pela implantação da grande empresa e de unidades de escala que tendem a se multiplicar com a orientação atual do governo, voltada para a racionalização de custos e aprimoramento tecnológico empresarial.” (pg. 486).

Então, “Os mecanismos de articulação inter-regional que se promovem no território nacional, em função da concentração do crescimento econômico no Sudeste, vem elaborando, pela primeira vez no País, o que se pode designar de sistema espacial.” (pg. 555).

Entretanto, “a análise do sistema urbano do Sudeste revelou a existência de uma estrutura espacial que reflete a regionalização do processo de desenvolvimento ou, em outras palavras, de uma estrutura espacial conforme o modelo centro-periferia.” (pg. 644).

O espaço REGIÃO CENTRO-OESTE caracteriza-se como se segue: “A Região Centro-Oeste, embora disponha de recursos abundantes, mantém um crescimento econômico limitado por algumas condições diversas, entre as quais cabe ressaltar: a grande extensão territorial, de ocupação descontínua; o contingente populacional escasso, com baixo nível de instrução; o frágil mercado interno, acentuado pela baixa renda *per capita* e o processo comercial não modernizado, onde a capacidade empresarial é pouco inovadora.” (pg. X, Vol. 4).

Por isso, “Aos que percorrem as grandes extensões planas do Centro-Oeste, foi dado a coincidência da monotonia do relevo com o não monótono revestimento vegetal

pelas variadas nuances do Cerrado.” (pg. 81). Daí que, “a utilização agrícola dos solos do Cerrado exige colagem e considerável utilização de fertilizantes. Por isto, grande parte da Região Centro-Oeste constitui, até hoje, um grande vazio populacional e econômico, onde tentativas de aproveitamento agrícola, estão sendo incentivadas.” (pg. 81).

Mas, “As perspectivas que vêm sendo criadas recentemente no País no tocante ao aproveitamento do potencial hidráulico dos rios e à valorização da navegação interior processam-se de tal forma a estender, além dos limites do Centro-Oeste, a importância de sua hidrografia.” (pg. 86).

Por isso, “Apesar da interiorização do desenvolvimento que vem se processando, o Centro-Oeste tem, ainda, como principais características demográficas a irregularidade da distribuição populacional quantitativamente em desproporção com a área regional e um quadro demográfico muito heterogêneo com zonas pioneiras, ao lado de zonas estacionárias ou em depressão demográfica, e zonas dinâmicas e desenvolvidas.” (pg. 113).

É que, “O sistema viário de que dispõe a imensa superfície centro-oestina não coloca a Região em posição de destaque no conjunto nacional, a não ser no caso das hidrovias em que ela aparece em segundo lugar, no Brasil, quanto à extensão, sendo superada somente pela Região Norte.” (pg. 193). “Assim, no que se refere aos transportes terrestres constata-se que a Região Centro-Oeste se vê dotada de um conjunto de vias cuja extensão é ainda bem inexpressiva embora as rodovias venham, há várias décadas, sendo alvo de especial atenção por parte dos administradores.” (pg. 193).

Daí que, “Na realidade, apesar do notável progresso apresentado pela Região Centro-este, nas últimas décadas, a proporção dos diferentes setores de sua economia é bastante inexpressiva no conjunto do País.” (pg. 213).

Mas, “por ser o Centro-Oeste uma ‘região-trânsito’ para a Região Norte é utilizada como via de passagem para tal fim e, em conseqüência, beneficia-se com a construção das novas rodovias de integração nacional, que estão possibilitando a reorganização espacial regional e propiciando, entre outras vantagens, o aumento do consumo de energia pelos novos mercados consumidores em crescimento na Região.” (pg. 232).

Por isso, “o Centro-Oeste teve suas atividades estruturadas por impulsos da Região Sudeste, para onde se dirigem seus fluxos principais de produção, Do próprio Sudeste partem, atualmente, os estímulos para a reestruturação e modernização das suas atividades agrárias tradicionais e a maioria das iniciativas de implantação de atividades agrárias de tipo evoluído.” (pg. 251).

Apesar disso, “o desenvolvimento da agropecuária regional se vê retardado, não só pela carência de infra-estrutura para uma produção agrária tecnicamente conduzida, mas também por outros fatores, como a mentalidade conservadora dos fazendeiros, o fraco espírito empresarial e a acentuada concentração de terras que, dado a sua grande força de permanência, exercem papel inibidor do desenvolvimento, na medida em que enfraquecem a receptividade à adoção de inovações.” (pg. 290).

Então, “Como a industrialização constitui um dos pontos básicos do desenvolvimento regional, são justificáveis os esforços dispensados no sentido de um crescimento dessa atividade para que se obtenha um equilíbrio entre os setores produtivos, quando se fala em crescimento industrial no Centro-Oeste deve-se entender um processo compatível com o conjunto regional para satisfazer às necessidades locais e complementar as demandas nacionais.” (pg. 324).

Eis por que a “urbanização está associada a todo o conjunto de desenvolvimento-demográfico e econômico – por que vem passando a Região e mais particularmente ao das atividades comerciais e de serviços, em decorrência do incremento das atividades agrícolas (a pecuária incluída) e da expansão da rede de transportes (integração de novos espaços), sob o impulso do dinamismo do Sudeste e sob o impacto de políticas governamentais.” (pg. 321).

Mas, “Somente a partir da década de 60, com a implantação de Brasília, é que as referidas forças começaram a se dirigir para a periferia regional remota, ao mesmo tempo que se intensificaram na periferia imediata do Sudeste.” (pg. 352).

O espaço REGIÃO SUL caracteriza-se como se segue: “No panorama nacional, a Região Sul aparece como um dos espaços mais significativos, que pela sua singular participação da economia do País quer pelas peculiaridades que se constata na organização do espaço regional, oriunda do entrosamento das condições apresentadas pelo quadro natural tem que as que se manifestaram no decorrer de sua evolução econômica, social e cultural.” (pg. VII, Vol. 5).

Por isso, “Foi considerada a questão do aproveitamento dos rios lindeiros em condomínio com as nações vizinhas, como o projeto de construção da hidrelétrica de Itaipu, já em fase inicial de implantação.” (pg. IX). É que “A Região Sul, tem ainda um contexto sócio-econômico estruturado na agropecuária. A proeminência do setor primário, dinâmico e em fase de modernização, abastecendo de matérias-primas e gêneros alimentícios as demais Regiões e particularmente o Sudeste, tem ainda repercussão na estruturação do quadro demográfico, no qual nota-se a predominância dos habitantes rurais sobre os urbanos.” (pg. IX). No entanto, nota-se “a proeminência de Porto Alegre que comanda, como cidade primaz, um sistema articulado no qual se inserem tradicionais e modernos centros industrializados, ao lado de uma multiplicidade pequenos centros regionais relacionado ao povoamento colonial característico das áreas florestais do Sul do País, secundada por Curitiba, metrópole dinâmica, porém recente, que comanda uma rede ainda pouco estruturada em estágio inicial de organização.” (pg. X).

Pois que, “o desenvolvimento econômico e o adensamento da rede de circulação – com influência direta sobre o crescimento das cidades – e a ocupação recente das últimas áreas vazias da porção oeste da Região, levando à implantação de números novos assentamentos urbanos, são os fatores principais para esse crescimento dos quadros urbanos regionais.” (pg. 226).

Por isso, “Levando-se em conta que a Frente Pioneira vinda do Rio Grande já extravasa do Paraná para o sul de Mato Grosso, é lícito interrogar-se: tem a agricultura regional possibilidades de expansão?” (pg. 401).

É que “uma das importantes razões que conferem à Região Sul a segunda posição industrial, é que mais do que em qualquer outra Região periférica ao Sudeste, a agricultura assistiu à industrialização de seus produtos.” (pg. 407).

Isso, porque “A expansão do povoamento e das atividades econômicas no Sul do Brasil, principalmente a partir dos fins do século passado, conferiu-lhe a segunda posição do País quanto ao nível de desenvolvimento. No entanto, no processo atual de industrialização por que passa o País, o Sul conscientizou os problemas decorrentes de uma fraca infraestrutura e de sua indústria baseada predominantemente em produtos agropastoris, sentindo a concorrência mais intensa de outras áreas.” (pg. 444).

Bibliografia

- IBGE (1977) Geografia do Brasil, Volume1, 2, 3, 4, 5, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Diretoria de Divulgação, Centro Editorial, Centro de Serviços Gráficos, Rio de Janeiro.
- Folha de S. Paulo (21/08/66) Nordeste: a nova fronteira do Brasil, Suplemento Especial, F. S. Paulo, SP.
- (16/04/67) Amazônia: um vazio cheio de riquezas, Suplemento Especial, F. S. Paulo, SP.
- (21/04/68) Centro-Oeste: um vazio em ocupação, Suplemento Especial, F. S. Paulo, SP.
- (21/04/68) Brasília: capital da integração nacional, Suplemento Especial, F. S. Paulo, SP.
- (28/04/68) Amazônia: a ocupação do vazio, Suplemento Especial, F. S. Paulo, SP.
- (05/05/68) Amazônia: a filosofia dos grandes lagos, Suplemento Especial, F. S. Paulo, SP.
- (12/05/68) Amazônia: os caminhos da ocupação, Suplemento Especial, F. S. Paulo, SP.
- (19/05/68) Amazônia: dinheiro & desenvolvimento, Suplemento Especial, F. S. Paulo, SP.
- (16/06/68) Nordeste: o pleno emprego do homem, Suplemento Especial, F. S. Paulo, SP.
- (21/07/68) Sudeste: a técnica e o poder, Suplemento Especial, F. S. Paulo, SP.
- (28/07/68) Sudeste: Guanabara, coração do Rio, Suplemento Especial, F. S. Paulo, SP.
- (04/08/68) Sudeste: o Estado do Espírito Santo / Minas entre o Ferro e o Boi, Suplemento Especial, F. S. Paulo, SP.
- (11/08/68) Sudeste: a disparada de São Paulo, Suplemento Especial, F. S. Paulo, SP.
- (18/08/68) Grande Sul: a força da terra, Suplemento Especial, F. S. Paulo, SP.

(25/08/68) Grande Sul: o futuro da tradição, Suplemento Especial, F. S. Paulo, SP.

Azevedo, A.

(direção de) (1968/1970) Brasil a terra e o homem, Companhia Editorial Nacional, 2 volumes, São Paulo.

SP 26/01/79

2. ESPAÇO E SOCIALISMO

ESPAÇO E SOCIALISMO foi escrito com o objetivo de evidenciar a concepção de espaço contida em textos políticos produzidos originalmente por Marx e Engels, Lênin, Stalin, Gramsci, Schram e D'Encausse.

Foram utilizadas as edições indicadas na bibliografia, conforma critério específico deste ensaio.

Pretende-se testar a hipótese de que o referencial de análise espacial política, contido nos discursos elaborados, é o “lugar de manifestação”, o “lugar de ocorrência” e o “lugar em si”. O tratamento do espaço varia à medida que se alteram as noções de território, região, área. Essa alteração implica no deslocamento espacial da prática política: o espaço do socialismo contrai-se, quando aumenta e amplia-se, quando diminui. Geograficamente, estabelece-se uma relação de tipo intermitente-permanente território-política, região-política, área-política. A ambigüidade resulta da consideração do espaço e sua contradição com a proposição no espaço, uma vez que é questão aberta.

A palavra socialismo, aqui, tem o sentido originalmente proposto por Marx, na expressão “socialismo científico”, que se contrapõe a “socialismo utópico”.

O espaço de burgueses e proletários

A idéia de espaço, na introdução do texto de Marx e Engels, é o mundo. A compreensão dessa palavra é complexa, na expressão “diante de todo o mundo” (pg. 83). O vocábulo mundo, em Geografia, tem conotação específica, derivada do latim mundi, de referência cartográfica. Ela é convencional, visto que não há representação cartográfica perfeita, ao nível da percepção não conceitual. Trata-se, por isso, do “mundo” (geográfico) como idéia que se expõe no discurso, àqueles que ouvem a comunicação. É, então, um espaço abstrato-concreto, que se metamorfoseia em valor subjetivo e objetivo: o espaço move-se e é produzido em movimento.

O movimento de oposições ocorre “em quase toda parte” (pg. 84) estende-se, principalmente, como território, na seqüência, como região. A Alemanha e a França são as mediações para a manifestação do passado. O lugar visual é, no entanto, a Inglaterra.

No presente-passado, o espaço em movimento e a produção do espaço em movimento ocorrem “aqui” e “ali” (pg. 86), vale dizer, no espaço (Itália, Alemanha, França).

No presente-futuro o espaço é "onde" (pg. 86). Entenda-se que "onde" contém "aqui" e "ali". Por isso, a área é significação avançada, que supõe região e território.

O modo pelo qual o "lugar de ocorrência" e o "lugar de manifestação" transformam-se em "lugar em si", evidencia que "Tudo que era sólido e estável evapora-se no ar, tudo que era sagrado é profanando, e por fim os homens são obrigados a encarar com serenidade suas verdadeiras condições de vida e suas relações com os demais homens." (pg. 87).

Não obstante, o "lugar em si" é a referência da necessidade de "invadir todo o globo." (pg. 87). Por isso, o "lugar em si" ocorre e manifesta-se "em toda parte". (pg. 87).

O mundo da análise mediada vai identificar o lugar do movimento "não somente do próprio país, mas em todas as partes do globo." (pg. 88). A decorrência é a idéia de interdependência universal, porque o nacional, o local e o universal se relacionam. (pg. 88). Ao mesmo tempo, o espaço concentra-se como civilização contra a barbárie, um espaço cultural referido ao homem que "cria um mundo à sua imagem e semelhança." (pg. 88).

O mundo não é somente o nacional, o local e o universal. é também o campo e a cidade. O mundo rural é subordinado ao mundo citadino.

Mas, o mundo é principalmente a nação, espaço político de referência múltipla, mas unificado. (pg. 88).

Nesse espaço produz-se o espaço; manifesta-se a ambigüidade do espaço no espaço. A determinação é espaço-trabalho: "a maquinaria, a aplicação da química na indústria e na agricultura, a navegação a vapor, as vias férreas, o telégrafo elétrico" (pg. 89).

A ambigüidade do espaço no espaço explicita a relação de contradição: o espaço produtor defronta-se com o espaço produzido. Estabelece-se a crise, como ampliação e retração de espaço. A dimensão aumenta e, então, se retrai; a dimensão encurta-se e, então, expande-se.

O espaço parte-se e reparte-se dividindo-se sua identidade: põe-se o espaço-momento. O espaço-momento é movimento para baixo e para cima.

O espaço-base é inicialmente isolado e disperso. Por isso, o espaço produzido é sempre espaço produtor. Aqui e ali, na seqüência, o espaço produzido precisa ganhar espaço. E o faz. Ao fazê-lo produz espaço produtor. O espaço-base torna-se complementar e concentrado. Aí, contudo, para cima e para baixo. Maia para baixo o espaço é marginal e instável.

Colocam-se as condições para que o espaço aproprie-se de si mesmo, Apropria-se para si, apropriando-se para os outros. Apropria-se do espaço e apropria-se no espaço. Não pode chegar ao espaço-lugar sem transpor o espaço-momento. Ao fazê-lo cria seu próprio espaço. (pp. 89/96).

É um espaço central, o mundo, que põe-se "diante de todo o mundo", como abstrato-concreto e como valor.

A análise movimenta-se de fora para dentro e retorna ao ponto de observação definido: o teste da hipótese.

Inicia-se o deslocamento espacial.

O espaço cultural e o espaço jurídico

No artigo de Lenin, o espaço político é referido, na introdução, como algo, que "ocupa um lugar de destaque", como modalidade de concepção, na Rússia. (pg. 3). O problema põe-se, desde logo, como movimento pendular crítico, no espaço-linguagem. Há um referencial fixo: "o programa nacional" (pg. 3). Trata-se de considerar "os mais diversos aspectos" (pg. 3). O espaço-linguagem é, por isso, inicialmente, espaço-leitura.

O espaço-leitura contém a relação lugar-idioma. O lugar é o Cáucaso (pg. 4) e o idioma é o russo (pg. 4), do qual se afirma que é 'artificial' (pg. 4), porque implantado "por la fuerza" (pg. 4).

O espaço-leitura mais amplo determina a extensão territorial do lugar-idioma: "estudiar el idioma más cómodo para las relaciones comerciales comunes." (pg. 4).

A relação lugar-idioma varia: "La pequeña Suiza no sale perdiendo, sino que gana, por el de que en ella, en vez de un idioma único para todo el país, existan nada menos que tres idiomas: el alemán, el francés y el italiano." (pg. 4).

Há espaços-identidade, que devem determinar o valor territorial do lugar-idioma e, por isso, o movimento do espaço-leitura.

Põe-se, então, o espaço cultural, como espaço-nacional e espaço-internacional.

O espaço-leitura evidencia o espaço fechado e o espaço aberto.

O espaço-leitura é um espaço no espaço. (pp. 5/6).

Cintia

O espaço-leitura transforma-se em espaço-linguagem.

Os referenciais do espaço-linguagem são “el Estado”, “el rundo”, “todas las naciones”, “La cultura internacional”. (pg. 7). Eles evidenciam o espaço-nação e o espaço-internação.

O espaço-linguagem é específico, exclusivo, único; por isso, fundamental, na correlação inter e intra-subjetiva (PP. 8/9/10).

A correlação é, depois, determinação do espaço jurídico. (PP. 4/6 e 24).

O exemplo é a Suíça, que é considerada uma “excepción, que Suiza conta con una descentralización muy especial, con una historia muy especial, con condiciones geográficas muy especiales, La distribución de La población que habla distintos idiomas es sumamente original, et., etc.” (PP. 24/5).

O espaço-singular é contraditado pelo espaço-particular como constituição do espaço jurídico, espaço minoritário nacional que se põe espaço-linguagem: “La salvaguardia de los derechos de las minorias nacionales se halla íntimamente vinculada al principio de La plena igualdad de derechos.” (PP. 25/6).

O espaço jurídico é uma espaço geral, baseado em princípios de igualdade, contra privilégios. (pg. 28). Por ISS, o espaço singular pode influir no espaço-geral, como espaço jurídico (PP. 28/09). O espaço geral torna-se espaço particular. (pg. 29).

O espaço-leitura contém a relação lugar-idioma no espaço cultural, como pré-requisito do espaço jurídico.

A unidade de espaço cultural e espaço jurídico expressa-se como análise (PP. 29/30). Então, o espaço cultural –jurídico manifesta-se “contra (...) la federación y La descentrallización, por el simple motivo de que el capitalismo exige para su desarrollo Estados que Sean lo más extensos y lo más centralizados.” (pg. 30). Daí, a posição ao espaço particularista.

Põe-se, por isso, o espaço central democrático, que é espaço autônomo. (pg. 31). A autonomia é espaço regional. (PP. 31/2).

A mediação-contradição é o espaço político: províncias, distrito, comarca. (PP. 32/3/4). (...) “para acabar con toda opresión nacional tiene gran importancia la organización de comarcas autónomas, aun las más pequeñas, de composición nacional homogênea, em torno a las cuales podrían ‘gravitar’ y com los que podrían establecer todo gênero de relaciones y uniones libres los miembros de esa nacionalidad que se encuentran dispersos por el país e incluso por el mundo.” (pg. 35).

Propõe-se o espaço sutodeterminação. (pg.36).

O espaço ideológico e o espaço político

O espaço de Stalin é um espaço ideológico posto ante o problema nacional. (pg. 9).

Por isso, pergunta: “Que ES una nación?” (pg. 11).

“Una nación ES, ante todo, una comunidad, una determinada comunidad de hombres.

“Esta comunidad no es de raza ni de tribu. La actual nación italiana fué formada por romanos, germanos, etruscos, griegos, árabes, etc. La nación francesa Fué integrada por galos, romanos, bretones, germanos, etc. Y outro tanto podemos decir de los ingleses, alemanes, etc., cuyas naciones fueron formadas por razas y tribus diversas.

“Tenemos, pues, que una nación no es ”

Uma comunidade racial o tribal, sino uma comunidade de homens formada historicamente.

“Por-outro lado, es indudable que los grandes Estados de Ciro o de Alejandro no podían ser llamados nacionales, aunque se hubiesen formado historicamente y estuviesen integrados por diversas razas y tribus. Estos Estados no eran naciones, sino conglomerados de grupos accidentales y poco articulados, que se separaban, o se unían según los éxitos o derrotas de tal o cual conquistador.

“Una nación no es, pues, un conglomerado accidental y efimero, sino una comunidad estable de hombres.

“Pero no toda comunidad estable de hombres constituye una nación. Austria y Rusia son también comunidades estables y, sin embargo, nadie las llama naciones. ¿ Qué es lo que distingue una comunidad nacional es inconcebible sin un idioma común, mientras que para un Estado no es obligatorio que haya un idioma común. La nación checa, en Austria, y La polaca, en Rusia, no serían posibles sin un idioma común para cada una de ellas, mientras que para La integridad de Rusia y de Austria no es un obstáculo el hecho de que dentro de sus fronteras existan una serie de idiomas. Y al decir esto, nos referimos, naturalmente, a los idiomas que habla el pueblo y no al idioma oficial de cancillería.

“La comunidad de idioma es, pues, uno de los rasgos característicos de La nación.

“Esto no quiere decir, naturalmente, que diversas naciones hablen siempre y en todas partes idiomas diversos, o que todos los que hablen uno y el mismo idioma constituyan obligatoriamente una sola nación. Un idioma común para cada nación, pero no, obligatoriamente, diversos idiomas para diversas naciones. No hay ninguna nación que hable a la vez diversos idiomas, pero esto no quiere decir aún que no pueda haber dos naciones que hablen el mismo idioma. Los ingleses y los norteamericanos hablan el mismo idioma, y a pesar de esto no constituyen una sola nación. Y otro tanto puede decirse de los noruegos y los daneses, de los ingleses y los irlandeses. ¿ Y por qué, por ejemplo, los ingleses y los norteamericanos no forman una sola nación, a pesar de tener un idioma común?

“Ante todo, porque no viven conjuntamente, sino en diversos territorios. La nación solo se forma como resultado de un conjunto de relaciones duraderas y regulares, como resultado de una vida en común de los hombres, de generación en generación. Y esta vida duradera conjunta no es posible si un territorio común. Antiguamente, ingleses e norteamericanos poblaban un solo territorio, Inglaterra, e formaban una sola nación. Más tarde, una parte de los habitantes de Inglaterra emigró de este país a un nuevo territorio, Norteamérica, y aquí, a lo largo del tiempo, formó una nueva nación, la norteamericana. Territorios determinaron la formación de naciones diversas.

“La comunidad de territorios, es, pues, otro de los rasgos característicos de la nación.

“Pero esto no es aún todo. La comunidad del territorio por sí sola no determina todavía la nación. Há de concurrir, además, un vínculo económico interno, que suelde en un todo, único las diversas partes de la nación. Entre Inglaterra y Norteamérica no existe este vínculo; por eso éstas constituyen dos naciones distintas. Y los mismos norteamericanos no merecerían el nombre de nación si los diversos confines de Norteamérica no estuviesen unidos entre sí en una economía única, gracias a la división del trabajo establecida entre ellos, al desarrollo de las vías de comunicación, etc.

Tomemos, por ejemplo, a los georgianos. Los georgianos de los tiempos anteriores a la reforma vivían en un territorio común e hablaban un mismo idioma, y, no obstante, no formaban, estrictamente hablando, una sola nación, pues, divididos

em toda uma serie de principados desarticulados unos de otros, no podían vivir una vida econômica común; se pasaron siglos guerreando entre si y arruinándose mutuamente, azuzando unos contra otros a los persas y a los turcos. La unificación efímera y accidental de estos principados, que a veces conseguían llevar a cabo cualquier zarafortunado, solo abarcaba, en el mejor de los casos, las esferas administrativas superficiales, volviendo a deshacerse en seguida por los caprichos de los príncipes y la indiferencia de los campesinos. Y, dada la dispersión econômica de Georgia, no podía ser de outro modo... Georgia no se revelo como nación hasta la segunda mitad del siglo XIX, em que la caída del feudalismo y el crecimiento de la vida econômica del país, el desarrollo de las vias de comunicación y el nacimiento del capitalismo establecieron una división del trabajo entre las diversas regiones de Georgia, acabaron para siempre com el aislamiento econômico de los principados y los unieron em um todo.

“Y lo mismo hay que decir de otras naciones que han pasado por fases del feudalismo y em cuyo seno se há desarrollado el capitalismo.

“La comunidad de vida econômica, la trabazón econômica es, pues, outra de lass particularidades características de la nación.

“Pero tampoco esto es todo. Además de lo dicho, hay que tener em cuenta también la particularidad de la fisionomia espiritual de los hombres unidos em una nación. Las naciones se distinguen unas de otras no solo por sus condiciones de vida, sino también por su fisionomía espiritual espiritual, que se expresa em las peculiaridades de la cultura nacional. En el hecho de que Inglaterra, América del Norte e Irlanda, aun hablado un solo idioma, formen, no obstante, três naciones distintas, desempeña um papel de bastante importância la psicología, peculiar que se há ido formando em cada uma de las naciones, de generación em generación, como resultado de condiciones de existência diferentes.

“ Claro está que, de por si, la psicología, o ‘ el carácter nacional’, como outras veces se le llama, es um tanto inasequible para el observador, pero puesto que se expresa em la peculiaridad de la cultura común a toda la nación, es um factor aprehensible y que no puede desconocerse.

“Huelga decir que el ‘carácter nacional’ no es algo que exista de uma vez para siempre, sino que cambia con las condiciones de vida; pero, por lo mismo que existe em cada momento dado, imprime su sello em la fisionomia de la nación.

“La comunidad de psicología, reflejada en la comunidad de cultura, es pues, otro de los rasgos característicos de la nación.

“Y, con esto, hemos señalado todos los rasgos distintivos de una nación.

“Nación es una comunidad estable, históricamente formada, de idioma, de território, de vida económica y de psicología manifestada ésta em la comunidad de cultura.

“Además, de suyo se comprende que la nación, como todo fenómeno histórico, se halla sujeta a la ley del cambio, tiene su historia, comienzo y fin.

“Es necesario subrayar que ningunio de los rasgos distintivos indicados, tomado aisladamente, es suficiente para definir la nación. Más aún: basta con que falte aunque solo sea uno de estos signos distintivos, para que la nación deje de ser una nación.

“Podemos imaginarnos hombres de ‘carácter nacional’ común, y, sin embargo, no podremos decir que Forman una nación si están económicamente aislados, si viven en diversos territorios, hablan diversos idiomas, etc. Así, por ejemplo, los judíos de Rusia, de Galitzia, de América, de Georgia y de las montañas del Cáucaso, no forman, a juicio nuestro una sola nación.

“Podemos representarnos um conjunto de hombres com comunidad de território y de vida económica, y, no obstante, no formarán una nación si entre ellos no existe una comunidad de idioma y de ‘carácter nacional’. Tal acontece, por ejemplo, con los alemanes y los letones em la región del Báltico.

“Finalmente, los noruegos y los daneses hablan um mismo idioma, pero no forman una sola nación, por no reunir los demás signos distintivos.

“Sólo la existência de todos los rasgos distintivos, em conjunto, forma la nación.” (PP. 11/2/3/4/5).

O espaço ideológico expressa-se como espaço ontológico, mediação de manifestações do espaço político.

O “lugar de manifestação e o “lugar de ocorrência” comunicam-se como “lugar em si”. O espaço-conceito transforma-se em espaço-definição. Por isso, o espaço ontológico é espaço epistemológico. Então, é espaço-forma.

O espaço-forma remete ao espaço-tema.

O espaço do proletariado e dos camponeses.

Em Gramsci, o espaço é um espaço dos outros. Por isso, é um espaço aberto.

O espaço aberto é um espaço vazio. Por isso, completo. (PP.19/20).

O espaço vazio põe-se como espaço de ocupação: o espaço de referência meridional. (PP. 21/2). O espaço meridional é, então, o espaço agrário: “os meridionais são biologicamente seres inferiores, semi-bárbaros ou bárbaros completos, por destino natural” (pg. 23). O espaço meridional é também um espaço mediterrâneo e insular (Sardenha e Sicília). Por isso é espaço-região (PP.23/28).

Propõe-se o espaço desocupação, diverso do espaço sistema (pg 29). O espaço sistema é espaço plano. O espaço plano evidencia o espaço diacrônico: o espaço bloco. Põe-se, na sequência, o espaço nação. (PP. 31/2).

O espaço nação evidencia-se como ‘nordici’ e ‘sudici’ (pp. 34/5). Aqui e ali põem-se os espaços cultural e ideológico (pp. 36/8). Lá, “a Sicília é a região mais rica de todo o Mezzogiorno e uma das mais ricas da Itália”. (pg. 39).

O espaço cultural e ideológico transforma-se em espaço abstrato (pg. 43). O espaço abstrato é o espaço de articulação (pg. 44). O espaço de articulação é espaço de organização. (pg. 45)

Interrompe-se o espaço.

O espaço do tempo presente no espaço

O espaço de Schram e D'Encausse é, inicialmente, um espaço resposta. O espaço-resposta é espaço em movimento de lá para aqui, ou seja, da expressão território para o lugar região: “de los países capitalistas más avanzados de Europa y América del Norte” até “Asia, África y América Latina.” (pg.13).

O espaço-resposta é referencial do espaço histórico como processo. Esse espaço é um espaço particular.

O espaço-resposta tem referencial no espaço cultural. O espaço cultural é espaço-abertura.

O espaço-abertura é espaço relação, espaço estrutura e, por isso, espaço-permanência (pp. 14/5).

O espaço permanência é espaço modernização.

O espaço-resposta é espaço lógico e espaço histórico: “que va de lo más concreto a lo más abstracto” (pg. 15).

Põe-se o espaço-divergência; o espaço subdesenvolvimento. O espaço subdesenvolvimento é espaço aqui e agora.

O espaço-resposta põe-se como espaço pergunta.

O espaço-pergunta desdobra-se como espaço argumento (pp. 17/26).

O espaço-argumento torna-se espaço distância.

O espaço distância põe-se como espaço vazio.

O espaço vazio tem como referência o espaço-tempo (pp 17/ 28).

O espaço relação e o espaço subdesenvolvimento põem-se como espaço-notícia (pp. 28/ 38).

O espaço-notícia põe-se como espaço concentrado.

O espaço concentrado é espaço interior.

O espaço interior é espaço contexto.

O espaço contexto é espaço debate. (pg. 39).

O espaço debate é espaço interno: “los desiertos y las montañas y los rios.” (pg. 45).

O espaço referência é “Turquestán” (pg. 46).

O espaço referência é espaço lugar: “Bakú” (pg. 47). Então, o espaço lugar é espaço centro e espaço periferia: o espaço “Islam” (pg. 51).

O espaço resposta identifica-se: “las regiones centrales, las regiones industriales”. (pg. 53).

O espaço distância põe-se como espaço vazio. Por isso, o espaço vazio é espaço contradição. (pp. 53/60).

O espaço contradição desloca-se como espaço ontológico. (pg. 61).

Põe-se o espaço modernização. Por isso, o espaço desenvolvimento. (pp. 63/73).

O espaço distância põe-se como espaço leitura.

O espaço leitura é um espaço-espaço. (pp. 74/75).

O espaço espaço é espaço resistência. (pp.76/78).

O espaço pequeno transforma-se em espaço grande.

Põe-se o espaço enigma. (pg. 79): “China, Argélia, Moscú”.

O espaço distância põe-se como espaço vazio.

O espaço vazio é espaço monopólio. O espaço monopólio é espaço plural. (pp. 84/99).

O espaço espaço é espaço número.

O espaço número é espaço lazer. (pp. 99/107).

O espaço fim é espaço consciência. (pg. 107).

O espaço consciência é espaço de referência. (pg. 109).

O espaço de referência é espaço de conclusão.

O espaço conclusa Oe espaço trabalho e espaço lazer. A ambigüidade do espaço no espaço transforma-se na contradição no espaço do espaço. A questão aberta evidencia a concepção de espaço contida nos textos analisados.

Põe-se o teste de hipótese como verdade.

BIBLIOGRAFIA

Marx (1977) "Manifiesto de 1848" in Cartas Filosóficas e Outros Escritos, Grijalbo, São Paulo.

Engels (1977) "Manifiesto de 1848" Cartas Filosóficas e Outros Escritos, Grijalbo, São Paulo.

Lenin (1913) Cartas Críticas sobre la Cuestion Nacional, Editorial Progreso, Moscú.

Stalin (1973) El Marxismo y el Problema Nacional, Ediciones Cepe, Buenos Aires.

Gramsci (1977) El Marxismo y Asia, Siglo Veintiuno editores as, Buenos Aires.

D'Encausse (1974) El Marxismo y Asia, Siglo Veintiuno editores as, Buenos Aires.

SP 18/01/1979

3. VARIAÇÕES: UNICIDADE, DEPENDÊNCIA, EQUIVALÊNCIA.

A idéia da realização desse texto de metodologia geral surgiu, pela primeira vez, por ocasião do confronto que fiz entre os pontos de vista de Max Weber e Richard Hartshorne, um sociólogo e um geógrafo. Constatei, então, que ambos tem uma postura comum diante do real: para Weber, os eventos históricos são únicos; para Hartshorne, os lugares são únicos. Nos dois casos, a idéia de que o real não se repete. Por isso, como decorrência, a preocupação com uma metodologia adequada à apreensão da singularidade.

Historicamente as duas soluções voltam-se contra a tentativa de fundamentar a explicação real na idéia – e suas variantes de determinação.

Há, contudo, em Hartshorne – que é Oe autor que interessa considerar aqui – uma dimensão, maior (também encontrada em Weber) em sua diretriz metodológica, que é a constatação da existência de variações, como um componente dõ objeto. E é desse aspecto de sua teoria – ao qual todos os autores clássicos tentaram dar solução – que trato aqui.

Sendo o espaço com que lida Hatshorne, absoluto, e não encontrando um texto de geógrafo que me satisfizesse, para os fins de análise do tema, no tratamento do espaço relativo, recorri ao conceito de variações de Durkheim.

Finalmente, considero o tratamento que Marx dá ao problema das variações do real, quando apreende sua dimensão relacional.

A idéia de espaço absoluto, corresponde, portanto, o tratamento das variações em termos de unicidade; ao espaço relativo corresponde o tratamento metodológico como dependência; ao espaço relacional corresponde a solução de Marx de equivalência.

O tema supõe poder ser feita uma distinção entre diferenças e semelhanças; o normal e o não normal; as igualdades e as desigualdades.

Coloco, também, que o real apresenta três dimensões: o singular, o particular, o universal.

Por isso, trabalho tendo expressa a seguinte matriz. Representada pelas relações mais simples e fundamentais das variações consideradas (não é proposto o cálculo matricial quantitativo):

MATRIZ METODOLÓGICA

	UNICIDADE	DEPENDÊNCIA	EQUIVALÊNCIA	
SINGULAR	$a ? b$	$y = f(x)$	$a:b$	ABSOLUTO
PARTICULAR	$a ? b$ se	$y = f(x)$ se	$a:b$ se	RELATIVO
	$a ? x$	$y = a + b$	$a:m$	
UNIVERSAL	$a ? b ? c ? d ? e \dots n$	$y = f(x)$ e $x = f(y)$	$a:b:c:d:e: \dots n$	RELACIONAL
	COMPREENSIVIDADE	FUNCIONALIDADE	DIALÉTICA	

que

No tratamento do tema preocupa-se, não o diacrônico (muitos discordarão da matriz) mas o sincrônico, pois, o que ocorre simultaneamente, em muitos lugares, ou no mesmo lugar, é de importância para a geografia.

O argumento realmente difícil, aqui é o da natureza da contradição na abordagem sincrônica. Por isso, alguma explicação estrutural se impõe.

Acompanha este texto um trabalho que é tentativa de aplicação da matriz a um objeto específico: a geoeconomia.

Essa aplicação propõe problemas de metodologia especial que não são discutidos: são feitas considerações sobre forma espacial, teoria de valor e Geografia.

Unicidade

A primeira referência de Hartshorne (pg. 14) é ao pensamento do geógrafo alemão Hettner, através de uma citação, nas qual se fala em “diferentes domínios da realidade e suas variadas manifestações” (o grifo é meu). Admite Hettner que a realidade manifesta-se de modo múltiplo.

Para Vidal de La Blache (pg. 15) interessam “as diversidades sociais vinculadas às diversidades dos lugares”. Variação é a forma de expressão do diverso.

Cholley (pg. 15) especifica, no seu entender, essa característica: “É uma surpreendente variedade de aspectos que essa superfície nos revela: oceanos, continentes e, sobre eles, toda a diversidade de tipos de vegetação, sistemas de cultura, formas de povoamento e organização do espaço pelos grupos humanos”. A superfície da terra apresenta uma variedade de aspectos.

Mais adiante, citando Preston James, afirma-se que (pg. 16): “A Geografia (...) trata das associações de fenômenos que conferem determinado caráter à lugares específicos, e das semelhanças e diferenças que existem entre os lugares”. As variações expressam-se como semelhanças e diferenças, problemática que permanentemente acompanha o esforço dos geógrafos na busca de definição de objeto e método para sua disciplina.

Hartshorne argumenta que, desde cedo, “o homem descobriu que o seu mundo variava acentuadamente de lugar a lugar” (pg. 16). Daí, para ele, a importância das diferenças entre áreas: “o exame mais atento revela que nunca são exatamente iguais (...)” (pg. 16) Para ele, metodologicamente, o problema que se coloca, de modo complementar, é o das semelhanças: “Não obstante, a maneira como áreas separadas se assemelham não é menos significativa do que o modo em que diferem entre si.” (pg. 17).

A solução de Hartshorne para essa questão, em que as semelhanças só existem por abstração de diferenças, em Geografia, é a proposição que faz do estudo das variações, palavra que considera “mais neutra”. (pg. 18).

Mas, observa, “Se as variações entre as diversas categorias de fenômenos (...) não mostrassem possuir qualquer relação mútua além da que oferece a localização comum, a Geografia seria pouco mais de que um catálogo ou uma enciclopédia de fatos...” (pg. 18). Como diz mais adiante: “Existem relações significativas entre as variações dos diversos aspectos das áreas, e os geógrafos de todas as épocas se preocuparam em estabelecer e demonstrar essas vinculações” (pg. 19).

Preocupado em tornar evidente que essas relações implicam em movimento da natureza – “A água e o ar, até mesmo fragmentos de substâncias sólidas e, sem dúvida, os animais, movem-se de um lugar para outro, produzindo interconexões de lugares” (pg. 20) - e do homem – “porque ”
Constitui um dos atributos particulares do homem: o fato de que ele não apenas se desloca de um lugar para outro, mas também põe as coisas em movimento” (pg. 20) –

Hartshorne propõe denominá-las “relações funcionais”. No conjunto distingue e afirma: “as variações de características estáticas, ou formas, e as variações de características de movimento, ou funções, quer na mesma área, quer entre ela e outra área, incluem-se, ambas, no conceito de variação espacial ou diferenças entre áreas” (pg. 20).

Há, aqui, uma crítica a Ratzel, baseada em Hettner, autor este que “nos advertiu contra o exagero (...) de serem as relações de espaço consideradas como parte essencial da Geografia, em detrimento das diferenças de conteúdo das áreas”. (pg. 21). Por isso, diz Hartshorne, “O propósito específico da Geografia consiste em buscar a compreensão do caráter variável das áreas, em termos de todos os aspectos inter-relacionados, que constituem, em sua expressão de conjunto, exatamente esse caráter variável.” (pg. 22). E concluiu: “a Geografia tem por objetivo proporcionar a descrição e a interpretação, de maneira precisa, ordenada e racional, do caráter variável da superfície da terra.” (pg. 22).

Variações sistemáticas e Regionais.

Não interessa aqui evidenciar a metodologia do autor, mas expor a questão das variações por ele expressa numa das questões centrais da Geografia: sua divisão em Sistemática e Regional.

Depois de mostrar a diferença entre uma: “os estudos segundo os elementos” – e outra: “os estudos segundo as áreas” (pg.117) – Hartshorne refere-se às tentativas de síntese, como o ocorrido na Alemanha onde o múltiplo significado da palavra Landschaft (paisagem) permitiu a tentativa de uma “Ciência Sistemática das Regiões”. (Landschaften). (pg. 117).

Não obstante, a divisão entre elas tem acompanhado a história da Geografia, assim como uma discussão sobre uma e outra. Alguns consideram a Geografia Sistemática, ou Geral, como pré-requisito para o estudo a Geografia Regional, como o faz, por exemplo, Cholley. (pg. 118). Outros, argumentam que a primeira não é parte da Geografia, mas há os que consideram o contrário. (pp. 118/9).

A solução de Hartshorne baseia-se em sua idéia de variação espacial já exposta anteriormente neste trabalho. Considera ele que o ponto de partida deve ser “reconsiderar a natureza da substância geográfica, a matéria do estudo da Geografia”. (pp. 120/1). Para isso, é preciso mostrar “as conseqüências que resultam (das) diferenças de grau, tanto no que diz respeito à integração dos fenômenos num mesmo lugar, quanto em referência à integração de áreas”. (pg. 121).

Em primeiro lugar, como os fenômenos podem estar inter-relacionados, ou serem independentes, o problema das variações coloca-se como questão de “ritmos de variação quanto a cada um de seus grupos componentes, e também, em grau inferior, quanto a cada um de seus membros constituintes” (o autor refere-se ao que denomina “complexo de grupos”, cujo conjunto integrado compõe a totalidade de fenômenos). (pg. 121).

Em segundo lugar, “Embora exista um certo grau de vinculação entre todos os lugares da terra (...) muitos fenômenos em um lugar são largamente independentes das condições em outros, enquanto que alguns fenômenos são estreitamente ligados aos de outros lugares” (pg. 121). Daí as “acentuadas variações dos mesmos fenômenos, em diferentes partes do mundo: algumas áreas são mais auto-suficientes ou mais isoladas, ao passo que outras se revelam mais dependentes de uma área externa” (pg. 122). É preciso, observar, aqui, que, embora Hartshorne trabalhe com a noção de espaço absoluto e unicidade, por vezes ele recorre à noção de espaço relativo. Este espaço relativo não é, contudo, privilegiado na análise, assim como não o é, também, o espaço relacional, suposto em uma concepção de totalidade.

Por isso, as variações a que se refere, são as variações (únicas) que ocorrem de modo diverso na superfície da terra. Diz ele: “Em níveis que se sucedem – país. Região importante, distrito, lugar – o homem inteligente se interessa por conhecer, de maneira cada vez mais pormenorizada, as variações em área e as conexões com outras áreas, e poderá interessar-se em possuir também conhecimentos semelhantes a respeito de outras áreas” (pg. 122). E, acrescenta: esses conhecimentos “são apenas expressos em termos de variações espaciais dentro dessa área, e suas conexões com outras áreas” (pg. 122/3). É importante, assim, a individualidade do lugar, sua identidade, em sua variação única e específica.

Todavia, para ultrapassar a simples descrição das características superficiais do lugar, “torna-se necessário examinar os múltiplos fenômenos que, em diversas combinações de relações e conexões, integradas de maneira estreita ou frouxa, constituem o caráter da área de cada lugar. A combinação total de aspectos pode ser dividida em segmentos, para fins de estudos, cada um deles incluindo aspectos em certa medida estreitamente inter-relacionados. Tais segmentos podem ser, a seu turno, subdivididos em outros, que incluam menor número de elementos em integração mais estreita, até chegar-se ao aspecto ou elemento isolado. Todavia, em cada caso a variação espacial do segmento é estudada em termos da relações dos seus elementos, tanto entre si, com outros aspectos ou elementos da área.” (pg. 123).

A conclusão de Hartshorne, neste tópico, pode ser dividida em duas partes significativas: 1) o estudo da totalidade superfície da terra é feito por meio da seleção de uma área e dos aspectos importantes para o homem; 2) “é impossível estudar o conjunto total de fenômenos significantes da Geografia de uma área.” (og. 128). Assim, embora consciente da questão da totalidade, a preocupação com a singularidade limita o conhecimento real.

Haveria outra solução possível?

DEPENDÊNCIA

Tomo as idéias básicas de E. Durkheim como objeto de análise, em razão da coerência interna de seu argumento, que não se encontra facilmente entre os geógrafos, que lidam ou lideram com o espaço relativo, e o que denomino aqui de dependência. A exceção de M. Sorre não invalida a escolha porque nesse autor não há a consideração sistemática das variações. O assunto – como é corrente, entre os geógrafos – apenas está implícito e esparsos em sua obra.

Os pressupostos

Para Durkheim, cujo objeto de estudo é a sociedade, “Os fatos sociais devem ser tratados como coisas”, assimilando, em seu raciocínio, as “realidades do mundo social às realidades do mundo exterior”. (pg. 23). A diversidade do real apresenta-se, inicialmente, como realidades distintas.

A coisa é compreendida por meio da observação e da experimentação, passando (o espírito) progressivamente dos caracteres mais exteriores e mais imediatamente acessíveis para os menos visíveis e mais profundos”.(pg. 23). A diversidade do real pode, por isso, ser compreendida como aparência e essência.

Para o sociólogo, em seu tempo, esse conhecimento punha-se como uma “região ainda inexplorada” (pg. 24), onde colocavam-se, como objeto de estudo, por exemplo, “as instituições sociais (...) o Estado ou a família, o direito de propriedade ou o contrato, a pena ou a responsabilidade”. (pg. 25).

Os fenômenos sociais constituíam, para Durkheim, um todo, no qual identificava as coisas e os indivíduos, que “são os únicos elementos ativos”. (pg. 25). Os elementos que compõem o todo possuem propriedades diferentes (tanto os indivíduos como as coisas). Propondo o exemplo do organismo vivo afirma: “a vida não poderia se decompor desta maneira (seus caracteres em grupos diferente de átomos); é uma, e, por conseguinte, não pode ter sede senão a substância viva em sua totalidade. Ela existe no todo e não nas partes.” (pg. 26). É feita, então, uma transposição desse princípio para a Sociologia.

O todo é, por isso, constituído por meio da consideração “da natureza da sociedade e não dos indivíduos”. (pg. 27). Esse todo é heterogêneo, conforme argumenta: “Os mitos, as lendas populares, as concepções religiosas de toda a espécie, as crenças morais, etc., exprimem uma realidade diversa da realidade individual;”. O autor realiza uma abstração do conjunto do real, que é concebido como um todo, subsequentemente, na concepção da sociedade.

Não obstante, Durkheim não nega a existência do indivíduo e suas representações. Preocupado em delimitar seu campo de estudo, importa-lhe definir as diferenças e semelhanças. Como afirma:”entre umas e outras (representações), ao lado de diferenças certamente importantes, existem similitudes que a abstração poderá desentranhar, e que além disso são ainda ignoradas”. (pg. 28). De modo diverso de Hartshorne, Durkheim deve considerar em sua teoria a natureza da relação entre as diferenças e semelhanças, como um todo. Cita mesmo, a crítica que recebeu, de tentar “compreender quase todo o real.” (pg. 29). Por isso, pretende limitar o campo da Sociologia ao estudo “das instituições, de sua gênese e de seu funcionamento”. (pg 30.)

O todo de que trata Durkheim apresenta uma característica importante: a solidariedade, que tipologiza como mecânica e orgânica. “A primeira liga diretamente o indivíduo à sociedade, sem nenhum intermediário. Na segunda, ele depende da sociedade, porque depende das partes que a compõem”. (pg. 30). Seu raciocínio encaminha-se para a caracterização da relação de dependência e suas implicações cada vez mais complexas. Assim, a relação entre o social e o individual pode ser expressa como se segue: “Já dissemos que em nossa consciência há duas consciências; uma que é comum à todo nosso grupo e, por conseguinte, não é a gente mesmo, mas a sociedade vivendo e agindo em nós; a outra, ao contrário, representa apenas nós mesmos, naquilo que temos de pessoal e distinto, naquilo que faz de nós um indivíduo”. (pg. 31). A solidariedade mecânica apresenta-se como uma forma de organização que é exterior aos indivíduos, embora presente neles, como crenças e sentimentos comuns, que dão origem ao tipo coletivo. A solidariedade orgânica é representada por um sistema de funções diferentes e especiais, que unem relações definidas. Ambas formam um único conjunto, como faces de uma única e mesma realidade.

Para Durkheim, a solidariedade orgânica decorre da divisão do trabalho. “Com efeito – diz ele – por um lado, cada um depende mais estreitamente da sociedade quanto mais o trabalho esteja dividido; e, por outro lado, a atividade de cada um é tanto mais pessoal quanto mais especializada for”. (pp. 32/02).

Nas idéias desse autor, o aspecto jurídico do social – que lhe é exterior – é um indicador importante para conhecer a importância de cada tipo de solidariedade em um tipo social considerado, visto que “basta comparar a extensão das duas espécies de direito que as exprimem, pois o direito sempre varia conforme as relações sociais que rege.” (pg. 32 – o grifo é meu). Na classificação que faz (pg. 32) as regras de sanção restitutiva que determinam as relações, aparecem como negativas e positivas. Para efeito de análise, ambas terão o mesmo peso, o que exprime o ângulo relativo na consideração do problema das variações, que se apresentam, aqui, como pares, que serão valorados em termos de normalidade e não normalidade. Como afirma, no caso do crime: “começamos estabelecendo indutivamente que o crime consistia essencialmente em um ato contrário às disposições precisas e fortes da consciência comum; acabamos de ver que todas as características da pena derivam dessa natureza do crime. Logo, as regras que ela sanciona exprimem s semelhanças sociais mais essenciais.” (pg. 33).

Na medida em que procura metodologicamente a construção do tipo comum, Durkheim consideram objetivamente também as semelhanças, ao contrário de Hartshorne, para quem são objetiva apenas as diferenças. Semelhanças e diferenças tornam-se, por isso, pares que se complementam no plano teórico. A análise do real privilegiará as semelhanças. Quando define, por exemplo, o tipo psíquico da sociedade, afirma que, “não só todos os membros do grupo são individualmente atraídos uns pelos outros porque se parecem, mas são também ligados à sociedade que formam com sua reunião, e que é a condição de existência do tipo coletivo.” (pg. 33): Daí, a importância, para ele, da regra e da exceção. Elas se explicam reciprocamente, porque uma é relativa à outra, como ação e como relação, compondo o todo. Mas, o todo é a expressão das partes que o compõem e, é também considerado em sua diversidade. Assim, diz ele, “Suponhamos que o indivíduo só pertence à uma sociedade. Em verdade, fazemos parte de muitos grupos e existem em nós muitas consciências coletivas; mas essa complicação não muda nada em relação ao que estamos tentando estabelecer.” (pg. 33). É que, a coesão social impõe-se, protegida pelo direito penal. Por isso, no caso do crime, ela exige um “mínimo de semelhanças, sem as quais o indivíduo seria uma ameaça para a unidade social, impondo-nos o respeito pelo símbolo que exprime e resume essas semelhanças ao mesmo tempo que as garante.” (pg. 33). A exceção aparece, assim, como para Durkheim, como um problema insolúvel, em termos que não relativos. Mas ele não ignora o significado absoluto e relacional das variações.

O absoluto e o relacional aparecem no discurso de Durkheim, pela ótica da dependência, que implica na realização de um juízo de valor, que caracteriza a normalidade e a não normalidade na diversidade do real. Por isso, ele pode dizer, generalizando (mas também singularizando), que “A vida social deriva de uma dupla fonte: a semelhança das consciências e a divisão do trabalho social. O indivíduo é socializado no primeiro caso porque, não tendo individualidade própria, confunde-se no seio de um mesmo tipo coletivo, o mesmo acontecendo com seus semelhantes; no segundo caso, ele é socializado, porque, tendo uma fisionomia e uma atividade pessoais que o distingue dos outros, depende deles na mesma medida em que se distingue e, por conseguinte, depende da sociedade que resulta de sua união.” (p. 36). (Os grifos são meus). Há aqui uma solução complexa do privilegiamento da dimensão relativa, pois ela deve dar conta da relação entre o todo e as partes.

Essa relatividade é expressa nestes termos: "Por conseqüência, onde a sociedade repousa o mais completamente possível sobre a divisão do trabalho, ela não se resume a uma poeira de átomos justapostos, entre os quais só se possa estabelecer contatos exteriores e passageiros. Seus membros estão unidos por laços que se estendem bem além dos breves momentos em que a troca se realiza. Cada função que eles exercem é, constantemente, dependente das outras e forma com elas um sistema solidário." (pg. 36 – o grifo é meu). Mais adiante afirma, substantivamente, que "Há um órgão, sobretudo, em vista do qual nossa condição de dependência aumenta sempre: é o Estado." (pg. 36).

Divisão do trabalho e variações.

Dados esses pressupostos, E. Durkheim passa a considerar as variações: "É em certas variações do meio social que se deve procurar a causa que explica o progresso da divisão do trabalho. Os resultados do livro precedente permitem-nos desde já induzir em que consistem essas variações." (pg. 36 – os grifos são meus).

Como a divisão do trabalho é um dos pontos básicos de seu raciocínio, é com ela que argumenta: "o aumento da divisão do trabalho deve-se, pois, ao fato de que os segmentos sociais perdem a sua individualidade e as barreiras que os separam tornam-se mais permeáveis; em uma palavra: efetua-se entre eles uma coalescência que deixa a matéria social livre para entrar em novas combinações." (pg. 37). A consideração do real como processo leva Durkheim a procurar mostrar como o absoluto e o relacional expressam-se como dimensão relativa. Falando do tipo segmentar diz que "ele tem como resultado uma ligação entre indivíduos que estavam separados, ou, pelo menos, uma ligação mais íntima do que a que existia; em conseqüência disso, trocam-se movimentos entre partes da massa social que, até aí, não se afetavam mutuamente. Quanto mais o sistema segmentado se desenvolve, mais as relações nas quais cada um de nós está comprometido se encerram nos limites do segmento a que pertencemos. (...) À medida que o sistema se nivela, ao contrário, os vazios se somam, desaparecendo. A vida social se generaliza, em lugar de se concentrar numa multidão de pequenos focos distintos e parecidos." (pg. 37).

Torna-se evidente que o real realiza-se como um todo, manifesto enquanto diversidade de ações e relações recíprocas e recorrentes.

Na medida em que a análise privilegia o aspectos jurídico dessas ações e relações, então, “o relacionamento moral só pode produzir seu efeito se a distância real entre os indivíduos tiver, de algum modo, diminuído. A densidade moral, portanto, não pode crescer sem que, ao mesmo tempo, cresça a densidade material, e esta pode servir para medir aquela. Aliás, é inútil procurar saber qual das duas determinou a outra; é suficiente constatar que são inseparáveis.” (pg. 37). A análise de pares ordenados leva, inevitavelmente, à consideração da distância, no caso, a distância social, um componente importante da teoria do equilíbrio de Durkheim. O texto evidencia, também, que, ao contrário de Hartshorne, que não considerava as determinações do real – rejeitando-as, mesmo – o sociólogo, cujo pensamento reproduz-se aqui, trabalha com esse conceito, mas sua modalidade de abordagem, na consequência lógica de seu argumento, acaba por privilegiar o caráter relativo das variações, expresso na idéia de interação. Portanto, os passos lógicos seriam os seguintes: indivíduos, grupos, ações, relações simples, relações complexas, interações, sistemas de relações. Este último conceito daria conta da diversidade do real.

É por isso que pode dizer: “Enquanto que as sociedades inferiores se esparramam por territórios imensos em relação ao número de indivíduos que as compõem, entre os povos mais avançados a população vai se concentrando sempre” (pg. 37). Mais adiante vai ponderar: “Mas, as cidades são sempre o resultado da necessidade que obriga os indivíduos a estarem constantemente em íntimo contato entre si, constituem, assim, pontos onde a massa social se contrai mais fortemente.” (pg. 38). As variações, diversamente de Hartshorne, não são, então, singulares. O método comparativo e o recurso ao tipo funcional permitem mostrar as particularidades dessas variações. O relacional, como generalização, será uma decorrência desse enfoque.

Depois de considerar que “o número e a rapidez das vias de comunicação e de transmissão aumentam a densidade da sociedade, pela supressão ou diminuição dos vazios que separam os segmentos sociais” (pg. 39), Durkheim estabelece que: “Se a sociedade, ao se condensar, determina o desenvolvimento da divisão do trabalho, esta, por sua vez, aumenta a condensação da sociedade.” (pg 39). Esta afirmação, que faz, é fundamental para seu raciocínio, e depois de justificá-la, chega, então, à proposição que define a sua maneira de explicar a diversidade do real: “A divisão do trabalho varia na razão direta do volume e da densidade das sociedades, e se ela progride

continuamente no decorrer do desenvolvimento social, é porque as sociedades se tornam regularmente mais densas e geralmente mais volumosas.” (pg. 40 – o grifo é do original).

Essa posição de Durkheim apreende a totalidade, valorizando a dimensão relativa do real, fazendo com que o absoluto e o relacional dela dependam. A totalidade, assim colocada, da conta da expressão da particularidade, mas contém sua própria limitação. Essa limitação manifesta-se na própria existência das dimensões absoluta e relativa do real que, a cada momento, tende a por em jogo a teoria do equilíbrio exposta.

Por isso, estabelece-se um empasse que, nem a abordagem de Hartshorne, nem a de Durkheim, sobre as variações, dão conta de resolver.

Poderia a abordagem relacional encaminhar o discurso para a consequência metodológica?

Equivalência

A concepção relacional de Marx é inerente ao estudo que faz da mercadoria. É importante, aqui, não o pressuposto, mas a exposição da discussão sobre a forma do valor ou o valor-de-troca. É que ela revela a noção de equivalência, como meio de resolver o problema da diversidade do real. Não obstante, retém-se apenas o que é relevante para o exame das variações, conforme a solução que o próprio Marx dá ao tema. O objeto mais geral de que trata nessa discussão é o modo de produção capitalista, através da contribuição à crítica da Economia Política. Ora, a mercadoria é tomada como elemento fundamental desse modo de produção, do qual, inicialmente faz abstração. Como diz: “As mercadorias, recordemos, só encarnam valor na medida em que são expressões de uma mesma substância social, o trabalho humano; seu valor é, portanto, uma realidade apenas social, só podendo manifestar-se, evidentemente, na relação social em que um mercadoria se troca por outra. Partimos do valor-de-troca ou da relação de troca das mercadorias, para chegar ao valor aí escondido” (pg. 62). É uma afirmação de caráter geral, que indica como se deve empreender a análise da totalidade.

Essa totalidade expressa-se como concretude e como abstração, ao mesmo tempo. Isso é possível porque o real é tomado como algo que é abstrato na aparência, não obstante sua materialidade sensível; o pensamento eleva-se, então, ao concreto, como idéias (conceitos, categorias), que dão a expressão do movimento real e as sua substância social. Por isso, a mercadoria é, tanto uma categoria do argumento lógico, como um objeto material que possui valor, porque é expressão do trabalho humano. Como tal, ela é produzida como forma material que encerra valor. Trata-se de considerar as formas que assume o valor. Ao fazer-lo, Marx lida com as dimensões absoluta, relativa e relacional, privilegiando a última.

Variações de Primeira Ordem

O absoluto põe-se com simples, singular ou fortuito. Como diz: “Todo o segredo da forma do valor encerra-se nessa forma simples do valor. Na sua análise reside a verdadeira dificuldade.” (pg. 62). É que, desde logo, o absoluto está contido no âmago do relacional. Por isso, o texto começa referindo-se aos “dois pólos da expressão do valor: a forma relativa do valor e a forma equivalente.” (pg. 62). No exemplo, 20 metros de linho = 1 casaco, ou 20 metros de linho valem 1 casaco. Ou seja, a forma relativa e a forma equivalente expressam o absoluto como mercadoria: a mercadoria é o absoluto. Mas, essa dimensão absoluta só conta como referência para o argumento: ela é material (20 metros de linho) e é categorial (como valor). A diversidade do real é representada pela variedade de mercadorias (valor, valor-de-uso, valor-de-troca). Por isso, o concreto é a síntese de múltiplas determinações, unidade do diverso. O discurso põe em movimento: “Duas mercadorias diferentes A e B, em nosso exemplo, linho e casaco, representam, evidentemente, dois papéis distintos. O linho expressa seu valor no casaco, que serve de material para essa expressão de valor. O papel da primeira mercadoria é ativo, o desempenho pela segunda, passivo. O valor da primeira mercadoria apresenta-se como valor relativo, ela se encontra sob a forma relativa do valor. A segunda mercadoria tem a função de equivalente.” (pg. 62 – o grifo é meu).

Contudo, o absoluto pode assumir também a condição de tautologia, como se segue: “Não posso, por exemplo, expressar em linho o valor do linho; 20 metros de linho = 20 metros de linho não é nenhuma expressão de valor.”

A igualdade aí tem outro sentido: 20 metros de linho não é mais do que 20 metros de linho, uma quantidade determinada de valor-de-uso, linho. O valor do linho só pode ser expresso relativamente, isto é, em outra mercadoria.” (pg. 63). A contradição se põe como dado do real.

Se a relação linho-casaco é invertida, mudam os papéis, porque as duas formas se excluem e se opõem, embora partes do mesmo todo relacional.

Na consideração do relativo Marx observa, como ponto de partida, que: “para saber se uma mercadoria se encontra sob a forma relativa do valor ou sob a forma oposta, a equivalente, basta reparar a posição que ocasionalmente ocupa na expressão do valor, se é a mercadoria cujo valor é expresso ou se é mercadoria através da qual se expressa o valor”.(pg. 63).

Mas, a dimensão absoluta será retida no argumento: “Para descobrir por que a expressão simples do valor de uma mercadoria se contém na relação de valor de duas mercadorias, é mister. Primeiro, considerar essa relação inteiramente dissociada de seu aspecto quantitativo. Faz-se, geralmente, o contrário, vendo-se na relação de valor apenas a proporção em que se equiparam determinadas quantidades de duas mercadorias diferentes. Esquece-se que duas coisas diferentes só se tornam quantitativamente comparáveis depois de sua conversão a uma mesma coisa. Somente como expressões de uma mesma substância são grandezas homogêneas, por isso, comensuráveis.” (pg. 63 – os grifos são meus). Ou seja, o absoluto reaparece no discurso como uma mesma substância que contem a forma relativa e a equivalente. Por isso, “Ao dizermos que, como valores, as mercadorias são trabalho humano cristalizado, nossa análise as reduz a uma abstração, a valor, mas não lhes dá forma para esse valor, distinta de sua forma física. A questão muda quando se trata da relação de valor entre duas mercadorias. Aí a condição de valor de uma se revela na própria relação que estabelece com a outra.” (pg. 64 – os grifos são meus). A dimensão absoluta dialetiza-se em relativa. Por isso, desde logo, é equivalente.

Não se trata, apenas de uma questão de lingüística. Contudo, lembra Marx: “A palavra alemã ‘Wertsein’, por exemplo, ao indicar que B é o equivalente de A, exprime, de modo menos contundente que os verbos neolatinos valere, valer, valoir, que essa equiparação é a própria expressão do valor de A.” (pg. 65).

No argumento sobre mercadoria diz: “Ao relacionar-se com a mercadoria B como figura de valor, materialização de trabalho humano, a mercadoria A faz do valor-de-uso B o material de sua própria expressão de valor. O valor na mercadoria A, ao ser expresso pelo valor-de-uso da mercadoria B, assume a forma relativa.” (pg. 65).

Por isso, a variação relativa pode ser condensada como se segue: “A verdadeira variação da magnitude do valor não se reflete, portanto, clara e completa em sua expressão, isto é, na equação que expressa a magnitude do valor relativo. E o valor relativo de uma mercadoria pode variar, embora seu valor permaneça constante. Seu valor relativo pode permanecer constante, embora seu valor varie e, finalmente, não é mister que sejam coincidentes as variações simultâneas ocorrentes na magnitude do valor e na expressão da magnitude do valor relativo.” (pg. 67 – os grifos são meus).

Na consideração do relacional será retido o núcleo dos argumentos anteriores. O absoluto e o relativo se põe como forma de equivalente. Inicialmente o argumento é o de que, “Quando um tipo de mercadoria, casaco, serve de equivalente a outro tipo, linho, ostentando assim a propriedade de ser diretamente permutável pelo linho, não se estabelece, em consequência, a proporção em que serão trocadas. Esta depende, dada a magnitude do valor do linho, da grandeza do valor do casaco. Desempenha o casaco a função de equivalente e o linho, a de valor relativo, ou, ao contrário, o linho a de equivalente, e o casaco a de valor relativo – o valor do casaco continua, como dantes, determinado pelo tempo de trabalho necessário à sua produção, independentemente, portanto, da forma do valor.” (pg. 67 – os grifos são meus).

Assim, “A primeira peculiaridade que salta aos olhos, ao observar-se de forma equivalente, é que o valor-de-uso se torna a forma de manifestação do seu contrário, isto é, do valor”.

Como diz: “A forma natural ou física de mercadoria torna-se forma de valor”. (pg. 68). Supõe-se que “nenhuma mercadoria se relaciona consigo mesma como equivalente, não podendo transformar seu próprio corpo em expressão em seu próprio valor” (pg. 68). O absoluto é negado enquanto tautologia, mas não enquanto elemento de relação. Falando de tijolo e ferro argumenta: “Consideradas a si mesmas, nem a forma corpórea do ferro nem a do tijolo são forma de manifestação do peso. Entretanto, para expressar o peso do tijolo, colocamo-lo em relação de peso com o ferro.

Nessa relação, o ferro é considerado um corpo, que representa peso e nada mais.” (pg. 68 – o grifo é meu). A solução relativiza o absoluto, relativiza o relativo, transformando-os em manifestação da materialidade da equivalência. É como tal que se apresentam no discurso. Não obstante, o ferro e o tijolo têm a propriedade natural do peso; o casaco e o linho, na relação, exprimem a equivalência como “puro elemento social: o valor que é comum a ambos.” (pg. 68). A materialidade manifesta-se como natural e como social, expressões, ambos, da variação do real.

A solução apresenta-se como segue: “as propriedades de uma coisa não se originam de suas relações com outras, mas antes se patenteiam nessas relações, por isso, parece que o casaco tem, por natureza, a forma de equivalente, do mesmo modo que possui a propriedade de ter peso ou de conservar o calor.” (pg. 69). O privilegiamento da dimensão relacional torna-se explícito. A unicidade e a dependência tornam-se pressupostos internos das equivalência.

Além disso, uma segunda propriedade de forma equivalente, (é) trabalho concreto tornar-se forma de manifestação de seu contrário, trabalho humano abstrato.” (pg. 69).

Considera, ainda, Marx, que “É (...) uma terceira propriedade da forma equivalente, tornar-se o trabalho privado a forma do seu contrário, trabalho em forma diretamente social.” (pg. 70).

As três propriedades constituem o argumento necessário ao desentranhamento possível à explicação do conceito de valor. Elas mostram o caráter contraditório da igualdade, que pressupõe a dependência e a unicidade e, portanto, a desigualdade. A equivalência é a desigualdade medida pelo seu contrário. Por isso, “A forma simples do valor de uma mercadoria é, por conseguinte, a forma elementar de manifestar-se a oposição nela existente, entre valor-de-uso e valor.” (pg. 71) O argumento é o de que “a forma simples de valor da mercadoria é também a forma-mercadoria elementar do produto do trabalho, coincidindo, portanto, o desenvolvimento da forma-mercadoria com o desenvolvimento da forma do valor.” (pg. 72).

As formulações acima expressam as variações de primeira ordem, que definem a primitividade da diversidade do real. Ou seja: “o número das possíveis expressões de valor dessa (...) mercadoria só é limitado pelo número das mercadorias que lhe são diferentes. Sua expressão singular de valor converte-se numa série de expressões simples de valor, sempre ampliável.” (pg. 72).

Variações de Segunda Ordem

Na forma extensiva do valor relativo a variação relacional põe-se como universalidade, pois “não é a troca que regula a magnitude do valor da mercadoria, mas, ao contrário, é a magnitude do valor da mercadoria que regula as relações de troca.” (pg. 73). Por isso mesmo, a forma de equivalente expressa a particularidade da expressão singular, porque “Cada mercadoria, casaco, chá, trigo, ferro etc, é considerada equivalente na expressão do valor do linho e, portanto, encarnação de valor. A forma natural de cada uma dessas mercadorias é uma forma de equivalente particular junto a muitas outras. Do mesmo modo, as variadas, determinadas, concretas e úteis espécies de trabalho, contidas nos corpos das diferentes mercadorias, consideram-se, agora, formas particulares de efetivação ou de manifestação do trabalho humano em geral.” (pg. 73 – Os grifos são meus).

Mas, a forma extensiva do valor propõe a totalidade das variações ad infinitum. Além disso, argumenta Marx, “é um mosaico multifário de expressões de valor, díspares, desconexas.” (pg. 73). É preciso, por isso, encontrar “uma forma unitária de manifestação do trabalho humano.” (pg. 73 – o grifo é meu). Essa forma unitária é o equivalente, a forma geral do valor.

Temos, então, a troca fortuita; em seguida, a troca habitual; por último, a troca comum. Por isso, essa última é “a forma que primeiro relaciona as mercadorias, como valores, umas com as outras, fazendo-as revelarem-se, reciprocamente, valores-de-troca.” (pg. 75). O concreto torna-se a síntese de múltiplas manifestações, a unidade do diverso.

Contudo, a forma geral do valor não transita para a forma dinheiro, sem que ocorra o desenvolvimento mútuo da forma relativa do valor e da forma equivalente. Se assim não fosse, só ter-se-ia pares opostos, fixos. Ora, “a oposição entre ambos os pólos (...) progride à medida que se desenvolve a forma de valor.” (pg. 76). A variação recorrente relacional expressa a diversidade.

Por isso, “mercadoria determinada, cuja forma natural se identifica socialmente e forma equivalente, torna-se mercadoria-dinheiro, funciona como dinheiro.” (pg. 77). É o equivalente universal: o ouro. Diz Marx: “o progresso consiste em se ter identificado, agora, definitivamente, a forma de direta permutabilidade geral ou forma de equivalente geral com a forma específica da mercadoria ouro, por força de hábito social.” (pg. 77).

O relacional expressa-se como absoluto na particularidade, porque converte-se em mercadoria-dinheiro (o ouro). Sua expressão simples e relativa do valor de uma mercadoria é a forma preço.

A forma relacional de tratamento das variações amplia a concepção de totalidade, abrangendo as formas relativa e absoluta.

A contradição na abordagem sincrônica

Althusser desenvolveu esse tema. Referindo-se à contradição, em geral, afirma: “a contradição é inseparável da estrutura do corpo social total no qual ela se exerce, inseparável de suas contradições formais de existência, e das instâncias mesmas que governa, que ela própria é, portanto, no seu coração, afetada por elas, determinante, mas também determinada em um núcleo e mesmo movimento, e determinada pelos diversos níveis e pelas diversas instâncias da formação social que ela anima: poderíamos dizer sobre sobredeterminada em seu princípio.” (pg. 87).

Para o filósofo a sobredeterminação é um índice e um problema; é diversa do conceito de contradição de Hegel, que discute, encaminhando, contudo, seu raciocínio para a filosofia da história. O desenvolvimento positivista de seu raciocínio não pode resolver o impasse.

Em outro texto, avança mais a questão. Diz: “Se toda contradição o é em um complexo estruturado com dominante, não se pode considerar o todo complexo fora de suas contradições, fora de suas relações de desigualdade fundamental. Ou seja, cada contradição, cada articulação essencial da estrutura, e a relação geral das articulações na estrutura com dominante, constituem outras tantas condições de existência do próprio todo complexo.” (pg. 180).

As variações, que incluem o absoluto, o relativo e o relacional, expressam-se como sobredeterminação (a situação, a condição, o momento, a circunstância) na estrutura. Ou, na expressão que rejeita, sobre a contradição, esta apresenta-se “complexamente-estruturalmente-desigualmente-determinada” (pg. 185).

Segundo Althusser , a sobredeterminação permite “compreender as variações e as mutações concretas de uma complexidade estruturada” (pg. 185).

O pensamento do filósofo encaminha-se, depois, para a discussão da noção de processo, uma vez que a História é o que o procura.

Espaço de uma teoria do lugar

É preciso aprofundar a pesquisa, tomando a categoria espaço como objeto de manifestação da contradição, na abordagem sincrônica.

A subtotalidade é, então, a condição necessária de manifestação possível da Geografia como ciência. Como se estabelece a contradição na subtotalidade?

Proposição

A forma espacial é a expressão do lugar, que é o valor real, assim como o homem que habita e trabalha.

Argumentos

A forma espacial – que é o ser ou o existir das coisas e eventos – manifesta-se como o modo concreto (história e socialmente dado) de expressão do lugar. É específico da Geografia, que o lugar e sua forma espacial só podem ser considerados isoladamente pelo recurso da abstração. Na sua relação, a forma espacial é a concreção fenomênica do lugar. Ela manifesta-se à percepção como paisagem, apreendida pelo pensar, sentir, agir. O entendimento da paisagem é a forma espacial contida no discurso sobre o espaço. O lugar é, então, a forma espacial apreendida como representação e como dado do real. Pode-se distinguir, por isso, uma forma aparente, que se refere à representação e à paisagem, em sua realidade percebida: e uma forma real, que se refere ao conteúdo da representação e ao conteúdo do dado percebido. A forma espacial – como um dado físico – contém a história e o social. Assim, contém sua descrição e explicação especiais, porque é suscetível de ser apreendida conceitual e categorialmente.

Não se trata de que “os corpos ocupam lugar no espaço”, visto que os corpos e o lugar vazio são manifestações aparentes da essência do espaço que, numa primeira aproximação, é uma manifestação da materialidade do mundo físico. Além disso, a forma espacial é tempo e movimento. Por isso, o espaço é o ser, é o tempo, é o movimento. Trata-se de captar sua manifestação como forma. Em Geografia, o espaço, como expressão de materialismo do mundo físico, é inseparável da vida e, por isso, da existência química e biológica da matéria. A forma espacial é, então tempo, movimento, ser e espaço, ou seja, o conjunto de relações que a expressam.

A expressão da forma espacial é dada pela natureza absoluta, relativa e relacional do espaço. A expressão absoluta da forma espacial é a sua inércia, decorrente de sua permanência no fluxo de sua materialidade. É a permanência de relações que se repetem e existem em si, de modo concreto, exteriormente à consciência e na própria consciência. A expressão relativa da forma espacial decorre da primeira e existe porque ela é conjunto das relações que dependem das características de cada forma espacial em sua expressão absoluta. Ela depende das outras formas espaciais, como tempo, movimento, ser e espaço. A expressão relacional da forma espacial subentende a existência das anteriores e representa o conjunto de relações contida em cada forma espacial e que as tornam interdependentes por essas relações. Na multiplicidade do real a forma espacial surge, então, como um conjunto de variações absolutas, relativas e relacionais, localizadas. Por isso, a forma espacial geográfica é a manifestação do lugar geográfico, dado como área, região, território. O mesmo pode ser dito para a forma espacial geoeconômica.

O lugar, que é apreendido como representação e como dado real, vale dizer, como forma espacial – é um complexo (uma totalidade de relações de localização. Em Geografia, a localização expressa-se como sítio, situação e posição. O sítio é ‘lugar considerado em si mesmo, em sua permanência no fluxo de sua materialidade. Em sua forma espacial concreta o sítio é o lugar que aloja efetivamente o resultado da atividade humana e essa própria atividade. A situação é o lugar considerado em, relação a outros lugares

Ela depende da existência do sítio, que é a sua referência absoluta. A situação existe na dependência de outras situações, como tempo, movimento, ser e espaço relativos. A posição é o lugar considerado como representando o conjunto de relações contida em outros lugares. Ela é, por isso, inseparável da situação e do sítio. E, Geografia, os lugares considerados como sítio, situação e posição – cujo complexo define a localização – manifestam-se como território, região e área. O território é o lugar considerado em si mesmo, em sua permanência no fluxo de sua materialidade. Sua forma espacial concreta o dá como o lugar de domínio na natureza – o domínio de um rio, a predominância de um tipo de solo ou de vegetação – ou de um grupo humano. O que o caracteriza é a ocupação, domínio e posse. A região é o lugar considerado em relação a - vale dizer, na dependência de – outros lugares. Em sua forma espacial concreta é o lugar histórico e natural em que se nasce ou a que se pertence. Daí a importância dos hábitos e costumes da população e dos tipos regionais. Mas, também, a região é o lugar de ocorrência de determinados aspectos naturais, que devem ser considerados em conjunto. A área é o lugar considerado como representado o conjunto de relações contidas em outros lugares. Ela é, de modo concreto, o lugar em que se está ou que se considera. Mas, o lugar só existe como relações de localização, que são as relações de referência de um fenômeno. Em Geografia, as relações de referência de um fenômeno são o território, a região e a área. O fenômeno é uma coisa ou evento; a coisa é evento é coisa porque ser é existir. Por isso, o lugar geográfico, empiricamente dado como território, região e área, é uma forma especial particular, que se expressa em cada ponto da superfície da terra, com características históricas e sociais específicas. Ele é uma das determinações da multiplicidade do real e que fundamenta a ciência geográfica. O mesmo pode ser dito para o lugar geoeconômico.

O valor é o lugar e é o homem. Estes são as determinações do habitat e do habitar, assim como das faculdades, capacidades e potencialidades humanas no pensar, sentir e agir.

A forma espacial é, assim, um valor como determinação, em si mesma. Mas, a forma espacial é também valor na sua relação com outras formas espaciais; e mais, ela é valor contido nas formas espaciais que, por isso, se relacionam, Assim, o valor é dado pelas características do lugar e do homem que o habita e trabalha. Ele se manifesta como significado absoluto, relativo e relacional da forma espacial. Como o lugar expressa-se em si e como relação – o lugar e a relação entre lugares – o valor é dado, também, como resultado da relação homem-meio, ou seja, como lugar de ocorrência. A relação homem-meio é o significante do lugar em si. O significante é a manifestação do significado. Por isso, o lugar de ocorrência é a manifestação do lugar em si. Mas, o valor é valor real, ou riqueza, porque ele é o ter ou o possuir – a apropriação – da coisa ou evento: o valor geográfico transforma-se, então, em valor geococômico. Essa transformação se dá pelo habitar e pelo trabalho. Ora, o habitar e o trabalho supõe a existência humana.

O homem é a mais complexa manifestação da natureza. Sendo a natureza tudo o que existe. O homem reúne, assim, em si, a totalidade das coisas e eventos. O homem é livre em relação à natureza primeira só para expressá-la, em nível superior, como segunda natureza, como natureza modificada. Por isso, o homem contém em si a história natural e a história social. Não só ele produz a história e a sociabilidade, mas ele é a história e a sociabilidade. O ser a história do homem é o existir como fazer-se: para si e para os outros. Por isso, o homem ao produzir-se e reproduzir-se, constrói sua própria sociabilidade, que é inseparável de seu fazer-se história. Ser social é ser para ou outros. Ser social é ser para os outros, sendo para si mesmo, por isso, no fazer-se história. Para ser para os outros e para si o homem determina-se como necessidade sensível. Ao determinar-se, o homem determina os outros homens e a natureza. A determinação surge como o dado de auto-determinação. Auto-determinação é expor a materialidade ao mais alto grau de sensibilidade possível: a consciência. A consciência, auto-geradora da idéia, produz-se como a mais avançada forma de materialidade: a própria idéia. Por isso, a pré-ideação é possível e necessária. Ela se torna a condição necessária da humanização da natureza primeira, como segunda natureza, no fazer-se história e sociabilidade. A necessidade sensível transforma-se em necessidade supra-sensível: a necessidade da história e da sociabilidade como civilização e cultura.

O civilizar-se é o passar da primeira para a segunda natureza. Essa passagem é possível no produzir-se a acumulação do conhecimento, gerado pela sensibilidade ao fazer-se consciência. Conhecer é, por isso, fazer-se história e sociabilidade na passagem da primeira para a segunda natureza. Fazer-se história e sociabilidade é produzir e reproduzir civilização e cultura. Ao produzir e reproduzir civilização e cultura o homem auto-determina-se como movimento e como repouso. O homem é, assim, um dado ser da natureza, que estabelece o ter de sua própria forma. Por isso, o primeiro ser e ter da forma espacial é o habitat.

O habitat é a pré-ideação do abrigo-se, para si e para os outros, no produzir e reproduzir-se. O abrigo é a pré-condição do habitar. Ele responde à necessidade biológica e cultural do repouso, como expressões da natureza e da história. Por isso, o habitat reúne em si o natural e o social. Ele é o complexo de relações, que tem por referência as relações de moradia. Morar é abrigar-se, criando o habitat e o habitar. É específico da Geografia que o abrigo se expresse como habitat, a forma espacial mais elementar da paisagem natural ou humana. Por isso, o habitat é também a forma mais pretérita de lugar. Como lugar, ele é um complexo de relações de localização que variam, determinando dispersões e aglomerações, continuidades e descontinuidades. Estas, são características de manifestações da forma espacial e expressam seu valor geográfico e, por isso, também geoeconômico. O valor do habitat é uma decorrência do seu ser para abrigar e do seu ter como abrigo. Assim, abrigar-se é apropriar-se de si mesmo, de sua natureza, primeira e segunda. Apropriar-se de si mesmo é apropriar-se para os outros, porque a apropriação do lugar para a construção da moradia é o passar da primeira natureza para a segunda natureza. Essa passagem produz a extensão da moradia na produção do lugar de trabalho. Habitar, por isso, é mais do que morar. Ele é uma modalidade de acumulação de várias formas espaciais capazes de atender a múltiplas necessidades. Assim, o habitat contém o trabalhar, que o produz e reproduz, no mesmo lugar e em lugares diferentes. Por isso, o segundo ser e ter da forma espacial é o trabalho.

O trabalho é a natureza produzindo e reproduzindo a si mesma. Ele é o movimento do ser em sua auto-elaboração. Essa elaboração implica no transformar-se através da apropriação. Por isso, o trabalho é a fonte de criação das formas espaciais. Mas, ele próprio é uma forma espacial específica. O trabalho reproduz a si mesmo quando produz o lugar de trabalho, extensão do morar. O lugar de trabalho é, assim, a forma espacial que expressa o próprio trabalho como forma espacial. Por isso, o trabalhar é o manifestar-se de forma espacial. É específico da Geografia a auto-expressão do trabalhar como formas de trabalho, manifestação de formas espaciais singulares, particulares e universais. Mas, o trabalho não é só forma espacial. Como cria as formas espaciais em que se manifesta o lugar. Por isso, o território, a região, a área, são resultados do trabalho, mas contém elas próprias o trabalho, porque o ser e o ter são inerentes à forma espacial trabalho. O trabalho, desse modo, cria o lugar em si e o lugar de ocorrência, as duas formas espaciais possíveis no discurso geográfico e geoeconômico. O ter se põe, então, como haver.

BIBLIOGRAFIA

Althusser, L. (1967) “Contradição e Sobredeterminação” e “Sobre a Dialética Materialista” in Análise crítica da Teoria Marxista, Zahar Editores, Rio de Janeiro.

Durkheim, E. (1977) “Objetividade e Identidade na Análise da Vida Social” in Sociologia e Sociedade, Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., Rio de Janeiro.

Hartshorne, R. (1978) Propósito e Natureza da Geografia, HUCITEC-EDUSP, São Paulo.

Marx, K. (1977) “A Mercadoria: os Fundamentos da Produção da Sociedade e do seu conhecimento” in Sociologia e Sociedade, Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., Rio de Janeiro.

Silvia, A.C. (1978) Ontometodologia do Espaço Geoeconômico, original datilografado, São Paulo.

SP 08/01/79

4. O ESPAÇO SOCIAL NA GEOGRAFIA FRANCESA

O conhecimento geográfico desenvolve-se sempre em torno da idéia de espaço e de relações. O que diferencia as várias abordagens é a maneira como são estudados o espaço e as relações, como manifestações constantes no conteúdo dos vários discursos.

Contudo, o espaço do geógrafo tem permanecido ontologicamente obscurecido pela predominância dos escritos que o tratam em sua aparência fenomênica. Essa aparência fenomênica o apresenta, sob a rubrica genérica de lugar, como área, região ou território, conforme sua apreensão factual por norte-americanos, franceses, alemães e outros.

O positivismo assim expresso mostra-se como ótica empírica ou lógica, resultando em um pensamento teoricamente dividido. São tão poucas as posturas diversas dessa que a história do pensamento geográfico poderia ser resumida como o caminhar factual do campo: a excursão – ao escritório: o modelo.

A identificação dessa orientação e sua crítica podem, todavia, valorizar os trabalhos feitos por uns e outros, desde que os tomem como o estudo – por vezes acurado e exaustivo – de manifestações diversa da multiplicidade do real.

Uma das formas de valorização pode ser a tentativa de expor logicamente a hierarquia categorial existente que pode ser evidenciada dialéticamente. Assim, o espaço é tomado como a categoria privilegiada da análise. O espaço é o maior lugar possível. A área, a região, o território são as manifestações do lugar e que contém as ocorrências concretas sensíveis como as fazendas, as cidades, as fábricas, as estradas, os portos, assim como o céu, as nuvens, as matas, os rios, os lagos, as montanhas.

Essas ocorrências apresentam-se à percepção como formas espaciais cuja essência tem sido apreendida empiricamente pelos geógrafos e descritas abstratamente.

Por essa via podem ser identificados vários tipos de lugares que se expressam como espaço existente, espaço habitado, espaço diversificado, espaço povoado, espaço ocupado, espaço vazio, espaço de relações, espaço dinâmico, espaço criado, espaço valorizado etc.

No tratamento da aparência fenomênica os geógrafos conseguiram, não obstante, a realização de explicações universais, particulares e singulares, por meios práticos ou teóricos.

Isto se deve, nem sempre, à sua formação, mas às determinações do próprio real. Por isso, as explicações geográficas permanecem como abstrações mesmo quando a tradição positivista – que não nega a existência da essência da realidade – busca através da excursão a maior fidelidade possível aos fatos, ou quando o neo-positivismo – que não considera a essência da realidade um problema – propõe a coerência do modelo formal, sofisticado pela precisão eletrônica do computador.

A geografia francesa tem mantido sua tradição positivista. O neo-positivismo não tem tido nela um grande penetração.

As noções de espaço social na geografia francesa, expostas nesse trabalho, são uma ilustração disso. Essas noções desenvolvem-se do passado ao presente, através do estudo das concepções de espaço de Vidal de La Blanche, Max. Sorre. Pierre George e Paul Claval.

O espaço considerado por esses autores, em obras que tratam especificadamente de sua manifestação social, com exceção relativa em Vidal de La Blanche, refere-se cada vez mais à realidade social sem por isso perder aquela característica de estudo de abstrações.

Vidal de La Blanche – O Espaço Existente

Num primeiro momento o espaço de La Blanche (LB) é um espaço diversificado, onde o valor consiste no homem que o habita. Assim, “... o elemento humano é essencial em toda a geografia” (pg. 27), porque “... o homem interessa-se principalmente pelo seu semelhante...”. A multiplicidade do real aparece como “... o espetáculo das diferenças de organização social, associado á diversidade dos lugares...”.

Esse espaço diversificado manifesta-se como região. LB pode, então, afirmar que “... a idéia de região inseparável da idéia dos seus habitantes...” Trata-se aqui de um espaço existente associado a um espaço habitado.

A essas três noções, de espaço diversificado, existente e habitado, juntam-se as de espaço de relações e espaço povoado. (A Geografia humana) “traz, porém, uma nova concepção das relações entre a Terra e o Homem, concepção sugerida por um

conhecimento mais sintético das leis físicas que regem a nossa esfera e das relações entre os seres vivos que a povoam”. Explicita-se, também, o espaço de relações como referente aos seres vivos e à Terra e o Homem. (Todas as citações são da pg. 27).

O espaço de LB é, então, no primeiro movimento de seu raciocínio, um espaço que é um valor em termos do elemento humano que o habita. É, por natureza, diversificado e aparece como um espaço de ocorrência do povoamento e da organização social, assim como um espaço de manifestação de relações humanas e entre o homem e a terra.

Para LB é uma surpresa o não surgimento de uma geografia do homem desde o século XVI. Quando muito “os costumes dos habitantes mereceram especial relevo nas narrativas e compilações legadas pelos quinhentistas” (pg. 28). Apesar “dos diversos tipos de sociedades que nos apresentam, não se vislumbra qualquer princípio de classificação geográfica”. O humano, identificado como “os costumes” e a preocupação com a classificação e, portanto, com o tipo, indicam a raiz grega do pensamento: a enumeração aristotélica, a serviço do social compreendido em suas manifestações perceptíveis visualmente.

Essa surpresa tem como referência os trabalhos anteriores em que, desde muito, “pensamento científico se preocupava com as influências do meio físico e respectiva ação sobre as sociedades humanas”. São citados Tucídides, Aristóteles, Hipócrates e Erastóstenes. O mundo da geografia, entendido como a preocupação com o espaço e as relações aparecia, então, como “o espetáculo variado e grandioso do mundo exterior”. Para Heráclito, por exemplo, que LB considera precursor de Bacon, o homem deve, “em vez de buscar a verdade na contemplação do seu microcosmos”, alargar os seus horizontes e buscar “luzes no mundo maior de que faz parte”.

Essa tradição é continuada por Ritter, como geógrafo, em que a preocupação com a natureza prossegue como o escopo específico. É essa a origem do determinismo, que aparece também em obras de Montesquieu e Thomas Buckle, citados por LB. Caberia à geografia o estudo dos aspectos exteriores à história e à sociologia. E o aspecto exterior, por excelência, seria o mundo natural. Quando muito, caberia à geografia o estudo de um homem antropológico físico. Nos historiadores e sociólogos parte-se do homem para chegar ao homem; representa-se a Terra como o palco onde se desenrola a atividade do homem, sem refletir que o mesmo palco tem

vida.” Então, para LB o espaço é considerado em si mesmo como algo vivo, o que se poderia chamar de um espaço de vida e ele próprio vivo.

Essa espaço influencia o homem e surge assim, também, como determinação. (Todas as citações são da pg. 29; o grifo é meu).

Neste segundo momento LB acrescenta uma nova dimensão ao espaço. Como, então, compreender esse espaço que é diversificado, existente, habitado, povoado, das relações e de vida e ele próprio um “palco que tem vida”?

Por este caminho apresenta-se um objeto autônomo à análise.

Mesmo que um estudo de aparência, por essa caminho positivista, trata-se de apreender um objeto que existe, pelo menos fenomenicamente.

Como fazê-lo?

A idéia de unidade terrestre, “que domina todo o progresso da Geografia”, é o pressuposto de LB, ou seja, “a concepção de Terra como um todo, cujas partes estão coordenadas e no qual os fenômenos se encadeiam e obedecem às leis gerais de que derivam os casos particulares” (pg. 30). O espaço é, aqui, o espaço terrestre concebido como um todo e partes coordenadas. A noção de totalidade é a de um conjunto empírico importando conhecer os fenômenos que se encadeiam e que são regidos por leis gerais “de que derivam os casos particulares”. Trabalha-se com a idéia de geral a particular, de todo e partes.

Segundo LB essa unidade terrestre foi primeiramente evidenciada pela Astronomia e “ficou por longo tempo confinada no domínio da Matemática.” Isto significa que a unidade da terra apoiava-se numa idéia de espaço matemático (meridianos e paralelos). Uma unidade, portanto, derivada da lógica formal. Seria o século XIX, principalmente, embora o problema se colocasse para LB no início deste século, que veria a unidade terrestre configurar-se através do “conhecimento da circulação atmosférica que rege as leis do clima”.

Esse todo, que apresenta partes, é apreendido como um organismo que exprime “factos gerais” a ele ligados. Diz LB: “Os factos de Geografia humana ligam-se com o meio que, em cada lugar da Terra, resulta da combinação de condições físicas”.

O social apresenta-se como “factos da Geografia humana”, referidos ao “meio” – idéia sempre obscura nos escritos geográficos – e ocorre “em cada lugar”, como uma “combinação” de determinações (condições) físicas.

Trata-se de um espaço natural e social (humano) que se manifesta como uma relação entre o homem e o meio. Este meio é, em cada lugar, um resultado da combinação de condições físicas.

Há aqui duas considerações a fazer: 1) o fato que a geografia humana estuda é um dado visualizado, assim como as condições físicas; 2) o meio é um resultado da combinação dessas condições físicas, sendo que há uma ligação entre o humano e esse meio. Em cada lugar.

No primeiro caso, o real é identificado como o que existe fenomenicamente, com um carácter de parte do todo; no segundo, como um resultado da ação de condições localizadas.

A idéia de meio procede da “geografia botânica”. Referindo-se a Humboldt, contemporâneo de Ritter, LB afirma que o que importa é, no exemplo que toma, “a importância da fisionomia da vegetação nas características de uma paisagem”. A Geografia não estuda, por isso, a unidade mais simples da espécie, mas, sim, o conjunto. O todo é assim o resultado de muitas combinações naturais, que se expressam na região. “Com efeito, não se tratava duma classificação segundo as espécies, mas sim já da vista de conjunto de todo o povoamento vegetal de uma região, de maneira a vincar as características pelas quais se exprime a influência as condições ambientes: solo, temperatura, umidade”. (todas as citações são da pg. 30).

A paisagem é a visão de um conjunto que se apreender quando são conhecidas as múltiplas determinações de suas partes num relacionamento coordenado em que “os fenômenos se encadeiam e obedecem às leis gerais de que derivam os casos particulares”. Mais do que isso, esse conjunto é diferenciado em razão de multiplicidade de ocorrências em cada lugar. A diferenciação leva à idéia de “um carácter comum de individualidade” (pg. 32). Por isso, continuando com o exemplo, “a estepe, a savana, a selva, a paisagem de parque, a floresta-clareira, a floresta-galeria – são expressões coletivas que resumem para nós este conjunto”. O

natural apresenta-se como uma determinação através de funções e de necessidades fisiológicas da existência (pp. 32/3).

Os fenômenos do meio são, contudo, ativos: “A concorrência das plantas entre si é tão ativa que só as melhores adaptadas ao meio ambiente conseguem manter-se e, ainda assim, só em equilíbrio instável” (pg 33).

LB apóia-se, nestas considerações, numa concepção de ecologia herdada do naturalismo de Haeckel (1884). A ecologia é “uma ciência que estuda ‘ as relações mútuas de todos os organismos que vivem num único e mesmo lugar, e a sua adaptação ao meio que os rodeia’ .Ora, é evidente que estas relações não abrangem somente as plantas” (pg. 34). Aqui, evidencia-se a separação que LB faz entre o homem e o meio natural. É quando diz: “Sem dúvida, os animais dotados de locomoção e o homem com a sua inteligência estão melhor apetrechados para reagir contra os meios ambientes”. O espaço e as relações a que LB se refere são então consubstanciados nas relações homem-natureza, em que o homem, de um lado, relaciona-se com o meio natural, de outro. A solução proposta é a de que o homem é envolvido pelo meio. Pergunta LB: “se cogitarmos nos fios ignorados de que é tecida a teia que nos envolve, qual o organismo vivo capaz de subtrair-se-lhe?”.

Neste momento de seu raciocínio LB chega ao que lhe parece uma idéia nitidamente geográfica: “a de um meio compósito, dotado de uma potência tal que pode agrupar, e manter juntamente, seres heterogêneos em coabitação e correlação recíproca. Esta noção parece ser a própria lei que rege a geografia dos seres vivos. Cada região representa um domínio, onde se reuniram artificialmente estes díspares, que aí se adaptaram a uma vida comum.” (Todas as citações são da pg. 34).

O importante a assinalar é que o raciocínio é tomado como objetivo em oposição ao “maravilhoso” e ao “anedótico” (pg. 28) e à “simples impressão pitoresca” (pg. 32)

O espaço e relações apresentam-se aqui, então, como algo que é diversificado, existente, habitado, povoado, de relações e de vida, um “palco que tem vida”.

Antes de compreender a ação humana é preciso, por isso, mostrar a relação entre o homem e o meio em sua especificidade geográfica. Definido o objeto e o método trata-se, agora, de construir a unidade do conhecimento, tendo como referência básica o lugar.

A LB o problema se expressa na questão: “Qual a utilidade destes dados para a Geografia humana?” (pg. 34).

Para construir sua noção de espaço e relações LB mostra que os dados naturais já existiam em grande número em seu tempo. Referindo-se às relações da “Terra e do homem” (pg. 35) procura demonstrar que os vestígios atuais e pré-históricos conhecidos indicam a ocorrência do “homem espalhado, desde termos imemoriais, pelas mais diversas partes do nunca”, vivendo isoladamente, mas atuando sobre o meio, como prova a produção do fogo.

Com o crescimento da população (espécie humana) ele expandiu-se por regiões diversas e “teve necessariamente de ... a casos de adaptações múltiplas”. (Todas as citações são da pg. 35).

O raciocínio, como anteriormente, caminha do simples ao complexo. Daí LB colocar sob observação, em primeiro lugar, os “povos que ficaram próximos da natureza” (pg. 36). A idéia de determinismo de LB é, contudo,, informada pela possibilidade que os homens tem de alterar o meio, mesmo nessas condições mais simples. Só assim “podemos compreender como certos homens, colocados em certas e determinadas condições de meio e agindo conforme própria inspiração. Procederam para organizar a sua existência”.

Por outra parte, os dados recolhidos em museus e as observações feitas no presente – a partir das quais é feita a inferência para o passado – indicam também a distribuição da espécie humana. É possível afirmar que “sabemos melhor em que proporção numérica o homem ocupa as diversas partes da Terra”. (Todas as citações são da pg. 36).

Os dados numéricos permitem estabelecer relações. “Na mobilidade que preside às relações de todos os seres vivos, o estado numérico e territorial de cada espécie é uma noção científica de alto valor. Ela projeta luz sobre a evolução do fenômeno” (pg. 37). Como a população humana “é um fenômeno em marcha”, é preciso explicar as diferenças de ocupação das diferentes regiões. LB procura mostrar que as correntes de imigração deram origem às de desigualdade de ocupação dos lugares. Para compreender essas desigualdades LB argumenta com o valor do número: “Uma das relações mais sugestivas é a que existe entre o número de habitantes e uma certa porção de superfície, ou seja, a densidade da população”.

A explicação para a ocorrência de densidades de população diversas nos diferentes lugares do globo tem que apoiar-se na idéia de que o espaço “garante á coletividade meios seguros para viver” e que isso é “ uma conquista que só pôde realizar-se graças a regras e preciosas circunstâncias”. (Todas as citações são da pg.

37). Esta idéia básica de LB explicita sua concepção da relação homem-meio (natural). É uma relação vertical. Não se trata de uma fantasia, mas de resultado de observação segundo os dados disponíveis.

Citando Levasseur, LB argumenta que “a população de um país decompõe-se, (...) num certo número de núcleos, cercados de auréolas de intensidade decrescente. Ela agrupa-se segundo pontos ou linha de atração – pois que os homens não se alastraram á maneira de uma nódoa de azeite, mas reuniram-se, primitivamente, à maneira dos corais. Uma espécie de cristalização aglomerou, em certos pontos, bancos de populações humanas; aí, estas aumentaram pela sua inteligência, os recursos naturais e o valor dos lugares, de tal sorte que outras vieram para, a bem ou a mal, participar nos benefícios deste patrimônio – e, deste jeito, camadas sucessivas se acumularam nesses terrenos de eleição” (pg. 38).

O crescimento da população é resultado de um processo vertical – crescimento vegetativo – e de um processo horizontal – o resultado de imigrações, agindo o lugar como centro de atração. Isto significa que, para LB, a origem da humanidade não é o grupo humano, mas o homem isolado, que ele amplia para o grupo isolado. O humano, considerado isoladamente, existe num meio que transforma, criando um equilíbrio instável.

Enquanto o grupo e o lugar, tomados isoladamente, resultavam em um todo homogêneo, na relação com o meio, as migrações alteram a característica da população que se apresenta cada vez mais heterogênea. LB diz mesmo que, nos lugares de grande concentração de população “a falta de homogeneidade é regra”. (Todas as citações são da pg. 38).

Da idéia – construída através da observação empírica – de que a realidade de seu tempo é heterogênea. LB desenvolve a concepção de que “estes grupos heterogêneos combinam-se numa organização social que da população de um país, considerada no seu conjunto, faz um corpo” (pg. 39). Chega assim à noção de espaço de um país. Para isso, precisa considerar a distinção entre povo e raça, embora não explicita a distinção, que considera fundamental.

A caminhada do simples ao complexo está quase concluída. É preciso explicar, finalmente, a existência da divisão do trabalho social e a solidariedade e hostilidade que decorre para os grupos humanos dessa divisão.

Inicialmente, tendo como referência o ponto de partida do homem isolado, LB procura mostrar como surge a solidariedade. Essa argumentação é importante para sua abordagem que privilegia o lugar. “Acontece – diz ele – “por vezes, que cada um dos elementos que entra nessa composição (a organização social em um país que representa um corpo) adotou um modo de vida (gênero de vida) particular: uns, caçadores; outros, agricultores; e ainda outros, pastores. Vêmo-los, neste caso, cooperar, unidos uns aos outros, pela solidariedade de necessidades”. O lugar, referido como região, aparece na análise quando LB acentua “a força moldadora que prevaleceu sobre as diferenças originais e as combina numa adaptação comum”. (Todas as citações são da pg. 39).

Tendo, portanto, demonstrado que o espaço do geógrafo é mais que um dado exterior. LB passa a argumentar com o homem como fator geográfico.

O primeiro argumento é o de que “Hoje, todas as partes da terra estão em comunicação; o isolamento é uma anomalia que lembra um desafio, e não apenas entre as regiões contíguas e vizinhas, mas também entre as longínquas, se estabeleceu contato” (pp.40/1).

Há, então, uma realidade atual de relações entre a terra e o homem, que se situa “acima do localismo” que, contudo, permanece como herança do passado. Os grupos humanos orientam-se “na sua marcha pela aproximação e convergência das unidades continentais; a solidão das bacias oceânicas separou ecúmenas longo tempo ignoradas umas das outras”. A separação entre os homens deveu-se a obstáculos físicos” que não vieram a transpor senão com o decorrer dos séculos: montanhas, florestas, pântanos, regiões sem água etc. A civilização resume-se na luta contra esses obstáculos”. Alguns saíram vencedores dessa luta, outros “como consequência de prolongado isolamento, perderam a faculdade de iniciativa à qual deviam os seus primeiros progressos”. (Citações da pg. 40).

A análise dos localismos e do isolamento leva a privilegiar o lugar como determinação natural. Essa determinação não desaparece, “mas devemos encarar os seus efeitos no homem e no conjunto dos seres vivos, simultaneamente” (pg. 41).

A noção de espaço permanece fundamentada nas características anteriores mas amplia-se. Essa ampliação é devida à consideração do homem como fator geográfico. De certo modo, inverte-se a relação homem-meio.

A atuação humana exerce-se, primeiramente, sobre o que Woeikof denominou “corpos móveis”. Diz LB: “Há, com efeito, na parte da superfície terrestre que está diretamente submetida à ação mecânica das águas correntes, dos gelos, dos ventos, das raízes das plantas e ainda dos animais – estes, pelo transporte de moléculas e pelo espesinhar – um resíduo de desagregação renovado continuamente, disponível e susceptível de se modificar e de adoptar formas diversas.” A conclusão é a de que há lugares favoráveis à ação humana e lugares desfavoráveis. (Todas as citações são da pg. 41).

Mas, segundo Berthelot, citado por LB, a própria Terra “é algo vivo” (pg. 42). “Sob a influência da luz e de energias cujo mecanismo nos escapa, as plantas absorvem e decompõem os corpos químicos: as bactérias fixam, em certos vegetais, o azote da atmosfera. A vida, transformada na passagem de organismo em organismo, circula através de uma multidão de seres: uns elaboram a substância de que se alimentam os outros; alguns transportam germes de doenças que podem destruir outras espécies. Não é exclusivamente graças ao auxílio dos agentes inorgânicos que se verifica a ação transformadora do homem; este não se contenta em tirar proveito, com o arado, dos materiais em decomposição do subsolo, em utilizar as quedas de água, devidas à força da gravidade em função das desigualdades do relevo. Ele colabora com todas estas energias agrupadas e associadas segundo as condições do meio. O homem entra no jogo da natureza.” (pg. 42)

Surge aqui, plenamente, a noção de “palco que tem vida”. De um lado a natureza inorgânica e orgânica – o meio natural – e de outro, a ação do homem que “entra no jogo da natureza”.

O espaço de vida é ele próprio um espaço vivo em termos de um conjunção de elementos físicos, químicos e biológicos que trocam energia entre si e sob as quais atua o homem.

Mas, a ação humana encontra limites nas determinações do meio natural não controladas por ele e em suas próprias limitações biológicas e culturais. Sua ação define como um possibilismo em que a intervenção “pode consolidar o momento positivo, firmar sobre um estado temporário um estado fixo, isto pelo menos até nova ordem” (pg. 43).

O espaço é, então, algo em equilíbrio instável, que se manifesta como um medo que envolve o inorgânico e o orgânico, e que se confunde com a própria idéia de natureza, como um processo de trocas de energias.

A relação transformadora do meio, deve ser contínua porque, se não, a natureza tem sua atividade e a adaptação ... prossegue em outro rumo. “Outros hábitos terão prevalecido nos homens; a sua existência ligar-se-á a outros meios, e outros seres, exigindo outras disponibilidades de espaço.” A maneira do homem lutar contra esses obstáculos é mobilizar a natureza para si: “plantas de cultura e animais domésticos, porque dá assim impulso a forças em potência que, graças a ele, encontram o campo livre e agem”. (Todas as citações são da pg. 44).

A ação humana consiste principalmente em intervir no processo natural. Essa ação produz modificações segundo as quais as espécies são retiradas de seus lugares de origem. “O homem, adoptando-as na sua clientela, prestou-lhe esse serviço: libertou-as. Ao mesmo tempo, franqueou o caminho a todo um cortejo de vegetais ou de animais não desejados; substituiu por associações novas as que, antes dele, se tinham assenhoreado do espaço” (pg. 45).

Segundo LB, as modificações realizadas pelo homem não fazem com que a natureza se reproduza da mesma maneira. “Nada menos certo. Uma nova economia natural pode já ter tido tempo de substituir a antiga.”

LB admite que “Um campo novo, quase ilimitado, abre-se às observações e, talvez, até à experimentação. Estudando a ação do homem sobre a terra e os estigmas impressos na superfície desta por uma ocupação tantas vezes secular, a Geografia humana tem um duplo objeto: não lhe compete apenas fazer o balanço das destruições que, sem ou com a participação do homem, tão singularmente reduziram, desde os tempos pliocênicos, o número das grandes espécies animais; encontra também, no conhecimento mais íntimo das relações que unem o conjunto dos seres

vivos, o meio de perscrutar as transformações atualmente actualmente em curso e que é permitido prever. A este respeito, a ação presente e futura do homem senhor das distâncias, armado de tudo o que a ciência põe ao seu serviço, ultrapassa muito a ação que os nossos longíquos antepassados podiam exercer”. (Todas as citações são da pg. 45/6).

O espaço existente permanece um todo cujas partes são coordenadas através da consideração da noção ecológica de meio. O homem liga-se ao meio que, ao mesmo tempo, o envolve. Há, por isso, uma descontinuidade entre o homem e a natureza, que LB aceita como um dado do real.

No último momento de seu raciocínio, o espaço e as relações orientam o pensamento no sentido da consideração de um espaço que está situado para além do espaço existente, enquanto espaço natural.

Max. Sorre – O Espaço Dinâmico

O espaço para Max. Sorre (MS) é, num primeiro momento, o espaço geodésico. “Todos os pontos da superfície podem estar situados em relação à um plano de referência, o geóide terrestre, ele próprio definido por uma rede de meridianos e paralelos. Todos os pontos de uma linha envolvente estando deste modo colocados a uma área envolvida encontra-se ela própria definida e se torna mensurável” (pg. 88).

Trata-se, portanto, de um espaço terrestre e não do espaço matemático.

O ponto de partida é o de que as ciências da natureza e do homem referem sempre o espaço como configuração, localização e divisão. A configuração é um dado de sensibilidade. A divisão expressa-se em “frações de extensão mais ou menos grandes, em áreas limitadas”, e possuem limites. “Como um ponto ou uma área podem estar situados em um espaço contínuo? é o problema da posição, da localização”.

Caminhando do simples ao complexo e do geral ao particular MS afirma que “é necessário enriquecer esta definição (geodésica) começando pela noção de área em geografia natural”.

O espaço e as relações, como concepção inicial, são dados da experiência a que se chega afastado, ou pondo de lado, os “preconceitos interessados”. Trata-se de olhar “os fatos econômicos como fatos sociais e a economia política como a sociologia econômica”.

Para MS, no momento seguinte, trata-se de entender que “os limites lineares e as áreas homogêneas não existem senão excepcionalmente”. Essa idéia é uma abstração, uma construção do espírito “e muitas discussões estéreis poderiam ser evitadas se se partisse dos dados da experiência”. É esta, então, que indica ou evidencia o caráter da proposição teórica.

Considerando o clima mediterrâneo, MS observa: “Um conjunto de condições atmosféricas oscilando ao redor de um tipo médio, com uma amplitude de variação restrita e sob a dependência de correntes gerais, reina sobre um território amplo e caracteriza um clima regional. Estações atípicas podem contudo ocorrer nesse território e atenuar nele a homogeneidade; esse não é o aspecto mais importante. Em torno de cada região, o complexo climático se altera progressivamente numa faixa de degradação. Dois fenômenos superpõem-se aí. De um lado, condições topográficas, exposição ou abrigo, aí determinam os climas sazonais independentemente de sua área normal e esses climas são estáveis. Além do clima mediterrâneo encontra-se, em pleno domínio norte-alpino, estações de tipo mediterrâneo onde prospera a oliveira. Essas ilhas estão completamente isoladas. De outro lado, de um não a outro, o domínio atlântico se retrai ou, ao contrário, se dilata às custas do domínio mediterrâneo por uma série de transgressão climática sob a influência de variações no traçado das correntes gerais”. Essas variações tem sido menos estudadas. O que quer que sejam, a noção de limite linear, estável e absoluto entre a área climática mediterrânea e as vizinhas evapora-se. Ela é substituída pela de zona limite – uma zona onde encontra-se enclaves e que comanda o deslocamento das transgressões atmosféricas. Em resumo, uma área de degradação onde poderiam ser traçados vários limites” (Todas as citações são da pp. 88/9).

O espaço natural é concebido como a ocorrência de condições variáveis e dependentes, que oscilam em torno de uma média, dominando um território e dando caráter a uma região. A homogeneidade é modificada pela ocorrência de fenômenos atípicos. O entorno é uma faixa de degradação. Há superposição de espaços: um

vertical, das condições topográficas e, outro horizontal, que se contrai ou dilata na variação das influências externas ao lugar. Há ocorrências normais e não normais.

O espaço existente é, desde logo, um espaço dinâmico. Mas, é dinâmico em reação a pontos de referência e a limites. Por isso, há um espaço isolado e um espaço não isolado. Mas, só existem na relação, porque a homogeneidade absoluta é apenas uma abstração, Há um equilíbrio instável, expresso como permanência e mobilidade.

Esse espaço natural inorgânico apresenta enclaves. Como explicá-los? Tomando como exemplo a vegetação MS argumenta que eles podem ter origem em duas causas. Essa ocorrência “se deve ao poder de expansão atual de uma ou de várias espécies que colocam a utilidade todos os complexos locais de clima e de solo, ou é a herança de um estágio antigo onde as condições naturais era, diferentes e ela atesta uma expansão pretérita muito mais ampla. Nos dois casos a ecologia intervém. Mas, no segundo, acrescenta-se uma explicação histórica. Esta passa ao primeiro plano quando em vez de considerar áreas restritivas ou de uma só continuidade, descreve-se espécies distribuídas sobre vastos espaços por manchas descontínuas, áreas separadas, segundo o termo técnico. (...) A idéia de área descontínua poderia ser sugerida pela generalização da noção de enclave. Enfim, no interior de uma área específica, a densidade dos indivíduos pode ser uniforme: quer dizer que se fala de uma área homogênea. Mas, podem existir manchas de menor densidade e mesmo vazios mais ou menos extensos. Essas desigualdades traduzem a variação das condições ecológicas. Chega-se igualmente a que elas sejam resultado da luta pela existência, ou o produto de tensões internas. Essas tensões que se exercem nos limites e orientam seus deslocamentos ocorrem também no interior das áreas, juntamente com os fatores físicos. Introduzimo-nos assim no estudo das áreas e de seus limites considerações dinâmicas e um certo grau de indeterminação. Afastamo-nos progressivamente das definições rígidas e absolutas ao penetrar no domínio da vida” (pp. 90/1).

Ao espaço geodésico acrescenta-se um espaço natural inorgânico e, em seguida, a idéia de um espaço natural orgânico. Este último é um espaço de expansão

ou retração nas relações com o meio inorgânico, atual, ou herança de um estágio antigo. O equilíbrio instável entre o clima e o território-região apresenta-se aqui como a ocupação e relação vertical das espécies e o meio inorgânico. É uma relação entre complexos de fenômenos. Se a história intervém, é para explicar a descontinuidade, uma “generalização da noção de enclave”. Ressurge o espaço homogêneo tendo como referência a densidade uniforme dos indivíduos. Há, então, o espaço vazio, a partir da rarefação da densidade. As desigualdades são a expressão da variação. Há tensões internas e externas. O espaço dinâmico possui um certo grau de indeterminação. O espaço de vida não comporta “definições rígidas e absolutas”.

O pensamento de MS movimentava-se do espaço de pontos localizados em um plano definido por linhas abstratas envolvendo uma área que é mensurável – para um espaço de lugares onde variáveis e dependentes oscilam em torno da média, como condições que levam à dominação e retenção, definindo o homogêneo: um espaço de limites imprecisos que é vertical ou horizontal, com ocorrências normais e não normais – para um espaço que é atual e possui heranças, que explicam as descontinuidades; um espaço de tensões, dinâmico e indeterminado, um espaço de vida.

Os espaços superpõem-se e, ao mesmo tempo, sucedem-se de modo que o segundo englobe o primeiro, o terceiro englobe o segundo e o primeiro. Em outras palavras, o espaço orgânico implica no espaço inorgânico, que implica no espaço geodésico. O espaço geodésico é uma determinação inicial e simples: o espaço inorgânico é uma determinação complexa, mas relativa para o espaço orgânico. Este, é ainda mais complexo. Eles são o pressuposto do espaço da geografia humana que, não obstante, os retém como determinações cada vez mais distantes.

Para MS esse caminho é o passar dos espaços concretos aos espaços abstratos. O espaço concreto é identificado como material. Os espaços abstratos das atividades humanas não são qualificados. “Eles se interpenetram. Ou, para falar de modo mais preciso, o estudo de cada grupo de atividade pode exigir a utilização de vários tipos de conceitos espaciais.” (Todas as citações são da pg. 91/2).

A idéia anterior de espaço permanece basicamente a mesma. Citando o exemplo da religião MS afirma: “Para o geógrafo, como para o sociólogo há, inicialmente, um problema de repartição dos grupos religiosos no espaço terrestre. Ele utiliza as noções de áreas, limites e enclaves. Tudo o que foi dito das áreas biológicas

pode ser transposto para este domínio.” Mas, trata-se de um pressuposto, porque a religião universalista, como a católica, abrange toda a terra. Por isso, “A idéia de área passa para segundo plano como as noções de limites ou de fronteiras. Ainda melhor, ela é romana, isto é, a posição de todos os seus pontos se determina em relação a um centro único. Sua configuração é definida por uma rede de relações com esse centro”. (pg. 92).

No caso dos homens é preciso acrescentar, ao espaço objetivo – concreto e abstrato – o espaço subjetivo da representação do próprio espaço e dos fenômenos que ele contém.

Estas idéias (sobre religião) diz MS, são familiares “a todos os homens do Ocidente. Elas proporcionam uma boa introdução à análise dos espaços humanos” (pg. 93).

Os espaços político, econômico e social são modalidades de espaços humanos. MS principia por considerar o primeiro. MS principia por considerar o primeiro.

Para se ter idéia do espaço político é preciso ter em mente que “A configuração do espaço geográfico não se define somente em relação a uma rede de linhas geodésicas. Estas conservam seu valor especialmente os paralelos, por causa de sua significação climática. Mas falta aí acrescentar o traçado dos acidentes físicos, as bordas dos continentes e dos mares, as cadeias de montanhas, os cursos dos rios. Eles desenham uma primeira rede auxiliar. Sobre ela superpomos uma segunda, a de origem humana, formadas por linhas de relações terrestres, marítimas e mesmo aéreas com pontos singulares que são lugares de encontro e núcleos de irradiação: a significação espacial das cidades é assim destacada. Esta terceira rede é tão indispensável como as duas outras à estrutura do espaço geográfico. Em relação à esse conjunto determina-se a situação de um ponto ou de uma área política”. Ela resulta da latitude, da longitude e da altitude como anteriormente, mas, além disso, da posição central ou periférica, da vizinhança do mar ou do grau de continentalidade, das facilidades de acesso ou do isolamento, da distância aos pontos singulares da rede como das capitais políticas. A inclusão das linhas de circulação na rede introduz em sua estrutura um elemento de contingência; porque são fatos humanos” (pg. 94).

O espaço natural é uma rede auxiliar, sobre a qual superpõe-se uma segunda rede, humana, que, junto com a rede urbana, formam uma estrutura: a estrutura do

espaço geográfico. Essa estrutura é um conjunto em relação ao qual define-se situação de um ponto ou de uma área política, pontos esses que expressam nas capitais políticas. O espaço político é, assim, específico, mas é múltiplo.

A análise do espaço político mostra a existência de um espaço nacional, que se apóia, ou não, na existência de um território. A nação é uma “conjunto de homens ligados pelo sentimento de uma comunidade de destinos e pela vontade de alcançá-los juntos”. O suporte territorial do grupo humano é “em primeiro lugar a área contínua, coberta por sua massa principal.

Os enclaves vizinhos a essa massa nas áreas nacionais estrangeiras são talvez testemunhos históricos de expansão ou de retração. Como ocorreu com os territórios biológicos, caracterizamos zona de degradação. São zonas de tensão ou de conflito onde se defrontam as nacionalidades”. (pg. 95). Mas, a nacionalidade pode ocorrer fora do território e mesmo ser despossuída de território.

O espaço político nacional, que se apóia no território político, tem como referência outro espaço político: o do Estado. “O Estado, pessoa jurídica possuidora de um poder de sujeição a serviço de uma Nação, de uma casta, de uma dinastia, pode existir sem que exista um suporte nacional (...). Inversamente, a Nação pode viver nas consciência de seus membros sem tomar uma forma jurídica de Estado. (...) O Estado, por seu caráter institucional, possui um limite de competência territorial que, por natureza, é linear (...). Esse limite define a área do Estado. (...) Os grupos políticos alcançam seu equilíbrio perfeito quando os limites do Estado coincidem com os do espaço nacional e encerram um território contínuo. Fala-se então de um Estado nacional de fronteiras estáveis, exercendo a plenitude da soberania no interior de suas fronteiras nas condições de máxima segurança. É a ele que se adapta a definição de Ratzel: uma parcela de solo e uma parcela de humanidade” (pg. 96/7).

Enquanto o espaço da nação é móvel, porque é um espaço de seres humanos “ligados pelo sentimento de uma comunidade de destinos e pela vontade de alcançá-los juntos”, o espaço do Estado tem como referência elementos do meio físico para consubstanciar-se plenamente. Esse meio compreende os acidentes da superfície da terra, as profundidades e as camadas inferiores da atmosfera. É um espaço em expansão. “Pode-se, na verdade, perguntar se essa apropriação (do espaço

atmosférico) tornar-se-á efetiva e tolerável com a conquista das grandes altitudes pela locomoção aérea” (pg. 97).

Para o Estado, que apresenta aérea de superfície muito diversificadas, esse meio físico mostra-se como um conjunto de recursos. “É impossível não introduzir aqui o elemento dinâmico representado pelo crescimento do grupo. Três parâmetros: a massa dos recursos oferecidos por um território e uma superfície dada, a massa das necessidades atuais do grupo, a rapidez de crescimento do mesmo. Também, mas do que todos os outros conceitos espaciais da geografia humana, o de espaço vital é carregado de contingência”

O que tem de arbitrário na avaliação das necessidades atuais? O que tem de relativo na avaliação dos recursos? A presença de uma matéria-prima não tem interesse senão a partir do momento em que se saiba utilizar e até aí ela é como se não existisse. Do mesmo modo, se ela existe em condições tais que o acesso a ela é praticamente impossível” (pg. 98/9).

O espaço político compreende, assim, o espaço nacional, o território político e o espaço político do Estado. Esse espaço é dinâmico em razão do crescimento do grupo humano, dos recursos existentes e das necessidades.

O espaço político é determinante para a existência do espaço da carta, do mapa. Por isso, a atividade do geógrafo “repousa em primeira instância no emprego de procedimentos cartográficos. (...) O geógrafo permanece o homem que traça as cartas, que localiza os fenômenos sobre cartas: em certo sentido, para ele, tudo começa e tudo termina pelo estabelecimento ou a explicação de uma carta. As correlações entre as diversas ordens de fenômenos lhe são sugeridas pela comparação de várias cartas. Delas ele tira suas hipóteses de trabalho. Não certezas, no que se refere às relações de causalidade, mas hipóteses que o conduzem a outras explicações. A prudência permanece, como efeito, como regra” (pp. 99/100).

O espaço da carta é um espaço de representação material de possibilidades limitadas. “Mas tenhamos sempre presente que a tradução cartográfica em uma escala conveniente põe em evidência a vantagem das zonas limites substituídas pelos limites lineares e das áreas separadas”. O procedimento cartográfico “indica a generalização da necessidade de localização”. (pg. 100).

O espaço da carta é precisamente o espaço de localização.

A segunda modalidade de espaço humano considerada por MS é a de espaço econômico; é tomado como referência um estudo de Labasse. Assim, é preciso levar em conta “as estruturas financeiras e sua inserção no quadro geográfico regional desde um século e o movimento dos capitais a partir dos vasos capilares até as artérias mestras” (pg. 101). Essa circulação tem relações “com todas as formas de vida econômica”. MS procura mostrar que essas relações de “ caráter por assim dizer imaterial” fazem parte do “domínio da geografia, ciência do concreto”. Argumenta MS que “No estado atual de nossas sociedades ocidentais, submetidas a regime da concentração capitalista, que domina todas as manifestações novas das técnicas, como geógrafo poderia compreender o agenciamento da paisagem regional e suas transformações, objeto que seu estudo, se ele restringia seu campo de visão? Uma indústria não nasce espontaneamente da riqueza do meio natural.

Ela é filha da iniciativa humana. Que poderia ela na ausência de um suporte financeiro? O que se diz da centralização capitalista aplicar-se-ia a não importa qual tipo de organização e verificar-se-ia também nos Planos contábeis de um Estado socialista” (pg. 101).

Haveria, então, um espaço imaterial que seria também objeto de estudo do geógrafo, um espaço de relações econômicas, abstratas.

Também aqui aparece a idéia de planos superpostos “que se correspondem e se impõem. Na base, as realidades concretas, a paisagem humanizada enriquecida das obras do homem. Em um nível mais elevado o plano onde se defrontam, ao longo de linhas complicadas, os símbolos monetários. Por cima, o plano das vontades humanas, primum movens de todo o resto. Fios amaranhados ligam cada ponto de um desses planos aos dos outros de tal modo que não se pode compreendê-los isoladamente” (pp. 101/02).

O exemplo de Labasse, que se refere à região de Lyon, na França, leva MS a refletir sobre a linguagem utilizada: “planos, correntes de circulação, zonas de influência próximas ou distantes, centros de relação, linhas de força (...)”. Essa linguagem expressa uma realidade diferente da que é familiar ao geógrafo; este, “chegando ao limite de suas especulações pode tornar inteligível a paisagem humana e suas condições de existência e encontra-se diante de uma idéia de espaço diferente da que lhe é familiar. É um espaço imaterial no seio do qual os movimentos se propagam ao longo de linhas de uma rede e essas linhas definem sua configuração. Não há limites no sentido geométrico do termo. Ele está em relação com o espaço geográfico anteriormente definido, mesmo que seja diverso. Não é menos real que ele

contudo: é uma outra realidade. Ele pertence à categoria dos espaços econômicos de que nos fala François Perroux” (pp. 102/3).

Que espaços são esses? Perroux os exprime dizendo que “os problemas econômicos têm um enunciado e soluções que não podem ser formulados senão em termos de unidades especiais, por exemplo, os preço que exprimem praticamente as tensões da escassez”.

Para MS “Esta necessidade impõe a transmutação do espaço real em custos e em preço”, o que leva á busca de “estruturas de relações mais complexas e mais expressivas, os espaços de uma unidade econômica” (pp.103/4).

Há, então, um espaço econômico empírico e um espaço econômico “teórico” que tem relação com “os diferentes tipos de espaços abstratos de matemática moderna”, sendo que o método é partir “de uma unidade econômica simples ou complexa” e tentar “delimitar seu espaço econômico” (pg. 104).

O espaço empírico,construído com apoio da matemática, é um espaço geonômico, o equivalente abstrato do espaço concreto geodésico. O espaço de uma empresa é, num primeiro momento, “o conjunto de relações que ela estabelece entre diversos pontos do espaço geonômico (...) construindo e executando seu plano”; ela é “o conteúdo de seu plano”. Num segundo sentido, o espaço econômico da empresa “é o conjunto das forças de atenção ou de repulsão que ela exerce sobre os liames e os homens no espaço geonômico e o conjunto de forças de atração e de repulsão que aí se exercem sobre ela própria; seu espaço econômico é então um campo de forças onde ela está situada e que a liga a um outro ou vários pólos”. (...) “A ação dessas forças materializa-se por deslocamento de objetos e pela variação de tamanho dos centros de aglomeração”. Em um terceiro sentido, o espaço da empresa “caracteriza-se por suas relações com outras empresas cuja estrutura é análoga”, um espaço homogêneo. Esse espaço é heterogêneo se as estruturas das empresas são diferentes. (pp. 104/5/6).

Essa noção de espaço pode ser transposta para a escala da nação. “Aqui, ainda, o segundo tipo permite esclarecer as relações entre o espaço econômico e o

espaço geográfico. Sobre um território nacional encontram-se centros cuja ação ultrapassa as fronteiras do Estado: pólos monetários ou financeiros ou industriais cujo campo de forças é bem maior que qualquer área política” (...) . Diz MS que eles não são ignorados pelos geógrafos, que estariam, nesse sentido, mais adiantados do que os economistas. Assim, argumenta MS, “as atividades econômicas de um país podem estar ligadas à existência de um pólo situado fora de suas fronteiras” e, tanto o geógrafo quanto o economista “devem ultrapassar os limites do Estado nacional e olhar para além das fronteiras”. Para Perroux “Os pólos podem ser centros regionais ou representar centros de transição não ligados a pontos do espaço geográfico”. Aqui, MS considera que o espaço é plenamente abstrato. (pp.106/7).

É que a noção ultrapassa os limites da nação. “Por cima dos espaços particulares – empresa, nação – consideremos os espaços econômicos mais gerais, aqueles de sistemas ou de constelações de Estados, de um Continente, do Mundo”. Essa consideração leva o economista a propor as noções de deslocamentos e dominância, “tira da análise dis grandes espaços econômicos” (...). Para MS os espaços euratlântico e eurasiáticos são exemplos. “Em um e outro caso os grandes espaços políticos deixam subsistir as áreas econômicas nacionais com um vigor mais ou menos grande. Em um e outro caso os espaços econômicos não são plenamente inteligíveis senão com a condição de pesquisar atrás deles os espaços ideológicos”. (pp. 107/8/9).

Para além dos grandes espaços MS, seguindo o raciocínio de Perroux, visualize o espaço planetário. Diz Perroux: “O espaço econômico do mundo é uma rede de trocas e de forças tecida em torno de pólos. Pólos de produção de matérias primas e de fontes de energia. Pólos de indústrias estratégicas para a técnica da época. Encruzilhadas e nós privilegiados de tráfico planetário”. (pg. 109).

Há um espaço econômico da empresa, da nação, dos conjuntos de nações e do globo. Permanece aqui a noção de superposição e de encadeamento de conteúdos.

A terceira modalidade de espaço para MS é o espaço social, “uma noção difícil de encerrar em uma definição única”, porque ele retém também a idéia que os homens fazem desse espaço, que “repercute sobre o real”. Citando P. Chombart de Lauwe. MS refere-se às noções deste de espaço objetivo e espaço subjetivo. O primeiro, é um espaço “no qual evolui um indivíduo, um grupo ou um conjunto humano mais amplo,

dos quais as estruturas são moldadas por fatores ecológicos e modelos culturais”. O segundo, é “um espaço social percebido por um indivíduo ou os representantes de um mesmo grupo”. Nessa percepção há juízos de valor, desejos e vontades. “Esse espaço subjetivo, reflexo deformado do espaço objetivo, reage sobre este”. Há, então, necessidade de reter o elemento psicológico. (pp. 109/10/11).

Há, então, um espaço de existência e ação, e um espaço de representação. Mas, “O conhecimento do espaço social supõe o conhecimento prévio do espaço geográfico.

As áreas sociais não se superpõe às áreas geográficas: elas podem transbordar: inversamente, uma área geográfica abrange diversos espaços sociais”. Um deles, como exemplo, é o espaço urbano. Há aqui também noções de áreas e fronteiras. (pg. 111).

Esse espaço é um espaço horizontal.

MS argumenta que “Para um homem considerado isoladamente ou para um pequeno grupo o espaço social é definido por uma rede de relações próximas ou distantes com alguns pontos privilegiados. Relações com o grupo familiar, com o cortejo de parentes, relações de vizinhança, relações com amigos visitados com intervalos mais ou menos grandes, relações de trabalho, relações com as comunidades de todos os tipos, esportivas, religiosas, profissionais. Assim se define a área social onde decorre a existência do homem, onde se exerce a atividade de um grupo localizado. A escola, a igreja, o atelier, os teatros, o cinema, o campo de esportes etc., são os pólos, para retomar uma linguagem já empregada. Essas áreas sociais dúcteis e móveis variam prodigiosamente com os indivíduos, com as condições de sociabilidade. Tais espaços são amplamente independentes dos espaços topográficos. Pode-se, até certo ponto, materializá-los sobre uma carta realçando os itinerários do interessado durante um período bastante longo, indicando os endereços das pessoas que ele visita. Essas figurações tem sua utilidade. Elas não exprimem senão muito imperfeitamente o verdadeiro espaço social que é um horizonte humano. Ele é diferente de uma extensão concreta, definível em termos de distância. (...) O espaço social tem também uma densidade dependente da força do laço de interesse e dos laços afetivos que unem o indivíduo ou o grupo a outros indivíduos ou a outros

grupos: ele é de essência ao mesmo tempo material e psicológica. Também seus contornos são menos definidos do que parecem. Pode-se muito bem cercar com uma linha envolvente os pontos extremos dos deslocamentos materiais de um homem, com uma outra linha os objetivos mais freqüentes, distinguir mesmo, no interior destes, redes de relações semanais, diárias, não se esgota a extensão de seu espaço social. Restam todos os outros homens com os quais ele se sente ligado por uma comunidade de crenças, de desejos, pelo fato de que eles são homens. Ele não os viu jamais: eles pertencem todavia a seu espaço social amplamente entendido, porque esse espaço é também uma aspiração. Ele é a medida do grau de humanidade de cada um de nós” (pp. 111/12/13).

Espaço de relações, espaço de pontos: uma rede. No conjunto, a área social, dinâmica e variada, independe do espaço topográfico. Embora cartografável sua expressão subjetiva independe de sua extensão concreta.

Há, contudo, também um espaço vertical. Para MS, ele é próprio das sociedades de classes. “Numa sociedade estratificada, outros grupos por vezes separados, por vezes difíceis de definir, são colocados sobre planos superpostos, a castas, a classes. Mas, estão em relação com os primeiros (os grupos que se relacionam horizontalmente). “Assim, desenha-se a configuração de um espaço social global definido por uma rede de relações prodigiosamente complexa, impossível de ser reduzida às três dimensões da geometria clássica.” É um espaço “agitado por movimentos incessantes engendrados por suas tensões internas: a soma desses movimentos representa a mobilidade social” (pp. 113/14).

A importância dessa noção de espaço é a de que ele relaciona-se com todos os anteriores em termos de uma sucessão envolvente e em termos de superposições. “Essas refrações da noção de espaço no espírito do geógrafo e do sociólogo tiram seu interesse do fato de que o espaço é um dos elementos da definição do meio e que sob esse aspecto ele entra em primeiro lugar no determinismo geral da vida” (pg. 114).

O espaço dinâmico permanece um elemento de definição do meio e entra como início da determinação da vida. Ele é composto de muitas facetas que se sucedem e se envolvem. Há uma descontinuidade entre o homem e a natureza e entre as próprias modalidades de espaço.

No último momento de seu raciocínio, MS aponta para além do espaço dinâmico, que pressupõe o espaço existente, enquanto espaço natural.

Pierre George – O Espaço Criado.

O espaço para Pierre George (PG) é algo que “surge como um dado relativo, que se define em função de diversos critérios. Por um lado, deve ser considerado em relação a uma sociedade global e, de outro, em relação a grupos sociais” (pg. 30).

O pressuposto de seu raciocínio é o de que “Toda coletividade humana se projeta sobre uma parcela do espaço terrestre que, sob formas diferentes, serve de base à suas atividades. Esta parcela de espaço contém de fato uma estratificação de espaços, qualificados conforme a natureza de suas relações com as atividades e as formas de existência dos grupos considerados” (pg. 29).

O lugar, para PG, é “uma parcela do espaço terrestre”, que apresenta “formas diferentes” e que “serve de base” às atividades da coletividade humana. Esta coletividade humana é referida como uma sociedade global ou grupos sociais.

O lugar é, assim, “uma estratificação de espaços”, cuja qualidade advém “de suas relações com as atividades e as formas de existência dos grupos considerados.”

O lugar é uma base, vista em sua forma, que se qualifica por meio de relações. É, por isso, “um dado relativo”: as relações determinam o lugar; as determinações mais simples são “As relações residenciais (que) constituem a forma mais simples dentre as relações, sendo geralmente definidas em geografia pelo termo de habitat”(pg. 29). Aqui, “o espaço é somente o suporte da implantação da coletividade em questão”. Ele é um espaço relativo quantitativo “ e a relação pode ser expressa por um quociente de densidade. Pode-se variar os dois termos da relação através de interpretação qualitativa da população e do próprio espaço. Em ambos os casos, isto significa limitar o alcance do termo espacial” (pg. 29). A qualificação da população se dá por sua especificidade e a do lugar por sua natureza diferencial, ou seja, “a capacidade do espaço considerado de abrigar um número de homens relativamente grande, definidos por um coeficiente individual de produtividade ou de consumo” (pg.

30). Esse espaço é limitado porque suas relações são verticais: ele é um espaço de localização. Em termos absolutos ele é, hoje, quase inexistente, como espaço simples e “representa tão somente um dos suportes espaciais dos grupos humanos” (pg. 30).

A complexidade de uma economia e a sociedade determina a existência de relações complexas com o espaço. Por isso, “o espaço de localização constitui apenas um dado que pode ser menos importante do que as diversas formas de espaços de relação” (pg. 30). Os espaços de relação são “as diferentes categorias de espaços envolvidos pelas atividades humanas projetadas conforme as tendências básicas sobre áreas de influência” (pg. 30). Eles são espaços de relações não verticais.

Esse espaço de relação pode ser empírico ou organizado. Ele é um dado de realidade ou “Pode ser organizado, construído, no caso de uma ação prévia de repartição de atividades complementares, de organização de espaço. (...) Organizar o espaço significa de fato organizar a sociedade, planejando-se seu conjunto e inserindo-o em molde preestabelecido” (pg. 30).

Para PG o lugar é uma base que se qualifica por meio de relações, ou seja, as relações determinam o lugar. São distinguidos dois tipos: o espaço de localização e o espaço de relações. Em qualquer dos casos o espaço é um dado relativo ao social. O caminho de análise orienta-se do simples ao complexo.

Em que consiste essa relatividade do espaço?

PG considera que o espaço geográfico é um espaço com três dimensões e contém unidades desiguais. Essa diversidade é dada zonalmente, por uma classificação bioclimática (agrícola, alimentar e ecológica), e morfometricamente, que identifica, no interior da primeira, “conjuntos de planícies, de planaltos e colinas, de montanhas de altura média, de montanhas altas, conjuntos caracterizados por suas formas, e também por sua altitude relativa e absoluta, em suma são classificações de posição” (pg. 31).

A ocupação humana qualifica esses espaços diversificados “por um coeficiente de valor que mede sua maior ou menor capacidade de suportar um povoamento e de assegurar um nível de vida mais ou menos elevado a um determinado efetivo populacional por unidade de superfície” (pg. 31).

Por essa via a análise deve identificar, primeiramente, na economia rural, as “potencialidades produtivas das terras ocupadas”, capazes de “definir a capacidade de sustento humano de cada unidade regional ou local” (pg, 31).

A diversidade de fatores leva à caracterização “desde a grande fecundidade natural da terra até o deserto absoluto. Entretanto, do nosso ponto de vista, o espaço só tem sentido quando ocupado, isto é, mobilizado para ocupar a existência das coletividades que o ocupam. Logo, a ocupação é, na realidade, uma ação situada no tempo e capaz de se projetar no decorrer do período mais ou menos longo” (pg. 31)

Através de sucessivas intervenções humanas “o espaço aparece ao mesmo tempo como criação humana e dado natural. Esta criação vai-se liberando cada vez mais dos dados naturais à medida que as técnicas aplicadas à domesticação do espaço vão-se tornando mais refinadas. (...) De um ponto de vista estritamente descritivo ou analítico, inclui-se no campo da geografia. Quantitativamente, é do âmbito econômico. Qualitativamente, é de caráter sociológico, porque as diferenças de organização e de utilização do espaço resultam, essencialmente, da diversidade de sistemas de organização econômica social, que se resumem em diversidade de estruturas sociais em quadro desigual de desenvolvimento” (pp. 31/2).

As paisagens rurais organizadas por sociedades enraizadas, e organizadas por gerações sucessivas opõem-se, como forças conservadoras, à paisagem do presente e dificultam “a formação de outra sociedade, de outra economia. (...) O moinho de vento utilizado por Marx como símbolo de uma sociedade decrépita ainda move suas asas deterioradas no horizonte dos campos capitalistas ou socialistas...” (pg. 32).

PG trabalha com a idéia do sincrônico e do diacrônico, este se revelando pelas formas existentes de paisagem relacionadas a sociedades anteriores às atuais, às quais serve de freio, porque “A paisagem rural é inseparável da sociedade que lhe deu origem” (pg. 32).

A paisagem rural é modificada pela tecnologia, o que dá também ao espaço um caráter relativo. “As ‘revoluções’ técnicas introduzem novas relações entre espaço e sociedade, modificando os respectivos valores das diversas frações do espaço” (pg.

33). Essa modificação é desigual. A substituição da economia pecuária pela economia agrícola e a introdução do uso de adubos e estrumes foram responsáveis, em muitos casos, pelo aumento das rendas locais ou regionais, enquanto diversas regiões mais antigas, incapazes de assimilar uma revolução agrícola, acabam por estagnar essa relativa mediocridade“ (pg. 33).

A aplicação de técnicas industriais altera a significação qualitativa do espaço. “Então o espaço é valorizado em razão dos recursos industriais que contém (recursos energéticos, recursos minerais), ou por sua posição em relação aos fluxos que assegura as melhores condições do desenvolvimento industrial (centros que contribuem com matérias primas, eixos de transporte de energia, etc)” (pg. 33).

Com o abandono da agricultura tradicional ou sua degenerescência ocorre uma “dissociação entre o espaço ocupado ou o espaço de localização da população e o espaço explorado ou espaço econômico que é ao mesmo tempo muito mais reduzido” (a fábrica) e muito mais extenso (a área de expansão técnica da indústria e de seus mercados). A capacidade de sustento humano do espaço local pode ser desenvolvida quase que indefinidamente, na medida em que não há mais nada de comum entre o ponto de impacto da população e a capacidade de manutenção material do espaço ocupado. Além disso, ao mesmo tempo que se efetua esta transformação quantitativa, as estruturas sociais são também totalmente renovadas, cada fase de desenvolvimento correspondendo a uma dada estrutura, a seu repertório de valores do espaço. Mas estes valores se confundem cada vez menos com a realidade concreta do espaço em questão. Procedem tanto de transferências quanto da mobilização de recursos próprios desse espaço, talvez muito mais desse último fator. Os vínculos com o espaço se tornam cada vez mais abstratos, à medida que a economia se torna mais desenvolvida e diversificada. A urbanização aumenta as distorções entre o espaço econômico e o espaço de localização” (pg. 34).

O pensamento de PG movimenta-se do concreto ao abstrato, seguindo um caminho de evolução e de tendências de equilíbrios e desequilíbrios.

A análise do espaço em sua relatividade passa a considerar a “percepção de suas dimensões por parte das coletividades humanas que o ocupam ou que são levadas a percorrê-lo. A forma elementar de percepção do espaço é a familiaridade

com o meio de existência” (pg. 35). Essa percepção varia conforme o tipo de economia e o desenvolvimento técnico. “Conforme as modalidades da vida comum – ou mesmo da vida cotidiana – o homem é levado a dar ao espaço ‘vivido’ dimensões correspondentes àquelas de seu próprio estilo de vida. (...) O espaço, que é agora e ao mesmo tempo quadro geográfico e meio de relações sociais, é em ambos os casos micromeio profissional. A distinção entre locais de atividade e locais de moradia amplia a noção de espaço vivido. (...) Desta forma, o espaço passa a ser percebido explicita e implicitamente em unidades de tempo. Não é mais o espaço que o indivíduo sente necessidade de medir, mas a acessibilidade deste espaço” (pp. 35/6).

A diversidade de meios de transporte corresponde uma diversidade de escalas de percepção. “Ao mesmo tempo que a escala diminui, a consciência do espaço passa do contínuo ao descontínuo. O espaço vivido se decompõe em frações separadas por espaços, ou por distâncias de relações percebidas em tempos diversos, conforme o instrumento de ligação utilizado” (pg. 36).

A relatividade do espaço expressa-se também na variação do acesso aos diferentes meios de deslocamento e na variação das possibilidades de multiplicar o espaço vivido o que depende da classe social ou da categoria socioprofissional. Nesse caso, “a medida do espaço é função da inserção em um grupo social. A relatividade do espaço passa do plano técnico ao plano sociológico e psicossocial” (pg. 36), com implicações etnológicas.

Com a diferenciação da economia e das sociedades, é preciso considerar o espaço geral das sociedades globais e o espaço funcional e residencial dos grupos que constituem essas sociedades: classes sociais, grupos geográficos (sociedades rurais, sociedades urbanas) e grupos profissionais.

PG passa, então, a discutir as relações espaço e sociedades globais, e espaço e grupos sociais, no que diz respeito ao espaço de localização.

Seu pressuposto é o de que “Cada tipo de sociedade se projeta sobre parcela do espaço humanizado que constitui seu meio geográfico, possuindo limites relativamente maleáveis” (pg. 37). É feita distinção no mundo atual entre sociedades pré-industriais e sociedades industriais, assim como, entre sociedades capitalistas ou de economia liberal e sociedades socialistas: “cada um dos grandes grupos possui seu

espaço próprio” (pg. 37). É possível fazer uma distinção ainda maior no interior de cada grupo, através de classificações sucessivas. “As diversas tipologias se interpenetram, mas cada grupo definido em função de um sistema de critérios determinado possui seu próprio contexto” (pg. 37).

A parcela de espaço humanizado sobre a qual se projeta cada tipo de sociedade global constitui um embasamento espacial, o equivalente á noção de áreas culturais dos norte-americanos.

“Na verdade, seria possível definir a área cultural como o espaço ocupado por um tipo de sociedade global, que é ao mesmo tempo um tipo de civilização. A tipologia sociológica se identificaria a uma tipologia geográfica. Esta última pode interferir em certa medida com uma tipologia geográfica que se baseia na diferenciação dos meios fisiográficos e, nesse sentido, a primeira serve para explicar certas características da segunda” (pg. 38).

Por essa via “O espaço surge como um dado com dupla qualificação, em relação a elementos próprios de estudos das ciências da natureza e em função das formas de organização econômicas e sociais que foram sucessivamente implantadas” (pg. 38).

Caminhando do geral ao particular, PG passa a considerar os espaços e os grupos sociais. A área de uma sociedade global se articula em elementos espaciais de localização dos diferentes grupos integrantes de sua composição. A primeira oposição fundamental tem como termos sociedade rural e sociedade urbana. Cada uma possui seu espaço: difuso na sociedade rural, concentrado ou circunscrito na sociedade urbana. Geografia e sociologia exigem classificações matizadas no interior de cada um dos grandes grupos” (pg. 38).

Com a mudança de escala, “no momento de definir o embasamento espacial de um grupo social em escala regional ou local, o espaço torna-se dado complexo com três dimensões, integrando a totalidade dos fatos fisiográficos, influenciando e muitas vezes dominando a vida das coletividades humanas. É um espaço qualificado por sua topografia, seu clima, sua vegetação, sua fauna, e também pelo conjunto de marcas

decorrentes de ação voluntária do homem (extensão dos desbravamentos, trabalhos de irrigação, etc.)” (pg. 39).

Na sociedade rural o embasamento espacial “é uma paisagem rural, ao mesmo tempo quadro de vida e base de produção: formas de organização e utilização das terras para cultivo, organização das relações entre espaços explorado e espaço improdutivo, rede de circulação e de transportes em escala local, utilização das águas. Implantação e modalidades do habitat” (pg. 39).

Na sociedade industrial o embasamento espacial é mais complexo, porque a paisagem rural “é alterada pela penetração de múltiplas formas de infiltração da economia, das técnicas e da sociedade industrial no meio rural” (pg. 39).

O espaço urbano, que inclui camponeses, operários, camponeses-operários, comerciantes, funcionários em cargos rurais e, sazonalmente, indivíduos proveniente da sociedade urbana – como componentes da estrutura social original – é um espaço complexo. “Possui características comuns, mas se fragmenta em espaços funcionais, cada um tendo sua própria significação do ponto de vista do impacto das estruturas sociais. (...) O espaço funcional é o quadro de exercício da profissão, da sociologia do trabalho. O espaço residencial é a base da vida individual e familiar. Ambos se fracionam em espaços específicos de uma atividade profissional” (pg. 40). Por isso, utiliza-se aqui a cartografia urbana diferencial, que chega á unidade de bairro. “A experiência demonstra que é necessário levar em consideração, para traçar imagem completa dos bairros urbanos ou das frações de aglomerados urbanos, não somente suas próprias características funcionais e residenciais,mas também a posição que ocupam uns em relação aos outros e as modalidades de contatos que se efetuam entre eles, bem como a distinção das gerações sucessivas de espaço ordenado” (pg. 41).

A vizinha propõe o problema das relações e, então, dos espaços de relação, que tem como pressuposto o espaço ordenado. “O espaço humanizado é espaço ordenado, a ordem podendo ser o efeito da evolução empírica ou de vontade de organização passada ou presente. Esta ordem se exprime por diferenciação de uso orientada, em muitos casos, pela diversidade de aptidões para a produção ou para a circulação de homens e mercadorias, decorrente de condições naturais. Daí resultam

combinações variáveis de usos complementares constituindo linhas matrizes desta ordem espacial” (pg. 41).

Para PG “Esta organização ordenada do espaço se projeta em diversas escalas: escala local no interior de uma aldeia ou de uma aglomeração urbana: escala regional no contexto de pequena região ou parcela de um continente; escala internacional e intercontinental, na medida em que a vida de coletividades distintas depende de um sistema de trocas em grandes distâncias” (pg. 42). Ocorre, então, uma complementação que é “geradora de fluxos compensatórios ou menos complexos que integram o espaço ordenado em um sistema de relações” (pg. 42).

Passa-se, com isso, ao espaço de relação.

A constatação é a de que não existe, “na realidade, nenhum grupo humano que viva atualmente em um isolamento total. (...) O espaço de relação associa o vivido ao representado, a realidade ao mito. (...) O espaço de relação é o espaço no qual se estabelecem relações e contatos entre o meio tomando como base de observação inicial e o mundo exterior” (pg. 42).

PG distingue as relações regionais e as relações inter-regionais. No primeiro caso, o espaço rural com “seus pontos de polarização, centros administrativos, mercados, locais de coleta, de acondicionamento e expedição de produtos, entrepostos em que se efetua a distribuição dos produtos de consumo” (pg. 42/3); no segundo, o espaço das regiões econômicas complementares.

Do ponto de vista industrial o espaço de relações é principalmente, hoje, um espaço ou conjunto de espaços complementares O mundo está compartimentado em espaços de relações, muitas vezes superpostas, caracterizadas por algumas contradições” (pg. 43).

Os contratos universais de todos os países tornam difícil de definir o espaço de relação. No entanto, intensidades desiguais caracterizam essas relações. Cabe à geografia determinar de modo preciso a importância relativa das diferentes faixas de relações, tanto no plano da geografia econômica, como da geografia política e da geografia cultural” (pg. 43).

A abordagem interna do espaço de relações produz outra perspectiva: A consciência de ocupar um espaço de localização constitui uma das formas mais

simples de consciência de sua própria existência. A consciência de viver no interior de um sistema de relações que se refere a parcelas de espaço diferentes e mais ou menos distanciadas, é sem dúvida algo menos imediata e menos generalizada. (...) O indivíduo toma consciência de um espaço exterior a seu espaço habitual, mas não estranho a ele, por seus contatos ocasionais ou periódicos com outros espaços diversos daquele que está instalado“ (pg. 44).

Chega-se, por isso, ao espaço de que sem ao tem experiência. “O espaço de relação é portanto um dado vigente, suscitando ações e reações, cujas formas são mutáveis conforme os efeitos deste jogo de ações e reações. Porém não é percebido simultaneamente da mesma forma por todos os indivíduos e todos os grupos em um mesmo país, ou seja, com base em um mesmo espaço de localização” (pg. 45). Além disso, “O espaço de relação varia em dimensão dependendo do nível social dos indivíduos” (pg. 45).

É possível distinguir uma superposição de espaços: “Entre o espaço de localização e o espaço de relação de dimensão continental ou planetária, coloca-se o espaço de relações regionais geralmente polarizando sobre uma rede urbana, ou seja, por uma hierarquia de centros de serviços e de comércio, freqüentados em ritmos diversos por uma parte relativamente importante da população. Definido a partir da metrópole regional, o espaço de relação engloba o contexto global, a saber a região, a capital, e os pontos de impacto dos fluxos de relação com os países estrangeiros, sobretudo os portos. Para os habitantes de uma aldeia, inclui parte de seu espaço vivido, as cidades em que vão ao mercado, as lojas ou os escritórios de serviços administrativos, os bancos, as agências de seguros, etc. E também os lugares com os quais os habitantes mantêm laços econômicos, políticos, funcionais, que fazem parte de seu universo, mas que não alcançam concretamente, por exemplo, o espaço nacional” (pg. 45).

Das considerações anteriores é possível definir de modo amplificado o espaço de relação: “O espaço de relação pode ser definido como agrupamento de espaços funcionalmente complementares ou similares, apresentando uma ou diversidades características de unidade, que constituem o envolvimento familiar do indivíduos fora de seu espaço vivido. Surge como dado empírico que pode ser apresentado como enfoque sintético do espaço ecológico de uma sociedade, o espaço ecológico estando hierarquizado conforme os níveis de intensidade das relações das coletividades com o meio: espaço de relações cotidianas, espaço de relações concretas ocasionais,

espaços que permitem a presença familiar sem serem freqüentados, Este espaço delimitado e definido pela geografia, enriquecido de certas características qualitativas pela análise econômica e sociológica, pode constituir-se em objeto de intenções de organização sistemática. Da noção de espaço de relação extraído da observação das ações espontâneas das coletividades humanas, passa-se à noção de ajustamento do espaço que, por sua vez, apresenta-se em diversas escalas” (pg. 45/6).

A inclusão de outras disciplinas, normativas, como o urbanismo, propõe que, “após o espaço vivido e o espaço de relação integrado nas representações familiares do habitante, o espaço planejado do técnico (seja considerado), com sua carga de relações sociais: o espaço do ‘grande conjunto’, da ‘nova cidade’, do eixo de relação instituído por uma auto-estrada, uma via férrea eletrificada, uma ferrovia que liga diversos pontos segundo um sistema linear ou com diversos troncos. Em seguida ao espaço feito e que se faz, aquele que é elaborado, o espaço que os técnicos de hoje submetem ao estudo dos geógrafos e sociólogos de amanhã” (pg. 46).

O espaço criado projeta-se sobre um espaço vivo e vivido, como um conjunto complexo de relações e inter-relações.

A proposição do espaço criado, por PG, no último momento de seu raciocínio, encaminha para a consideração de outra modalidade de espaço, pressupondo o espaço natural, o espaço existente e o espaço dinâmico.

Paul Claval – O Espaço Valorizado.

O espaço para Paul Claval (PC) é concebido como um “suporte territorial” que tem “um significado profundo para os indivíduos e as sociedades” (pg. 136). Ele é um suporte territorial das atividades humanas. Por isso, Para compreender as decisões individuais e sua regulamentação pela sociedade é preciso falar a linguagem pela qual as tensões e as necessidades se exprimem: a linguagem dos valores“ (pg. 136).

A linguagem dos valores exprime o significado do suporte territorial. Daí a necessidade de uma perspectiva psicológica e mesmo fenomenológica, uma vez que se trata de compreender porque o espaço tem um papel estabilizador e de segurança, porque leva a uma noção de lar, de consciência de pertencer a um território, e porque a paisagem tem um significado para as pessoas.

Há, então, um comportamento territorial. Isto conduz à idéia de imperativo territorial. Existirá um imperativo territorial para os homens como existe para os animais? PC propõe-se tratar do assunto examinando as contribuições já feitas.

Os especialistas em ecologia animal descobriram, recentemente, as “implicações especiais do comportamento para o equilíbrio individual e social” (pg. 137). Do exame do comportamento dos pássaros, por exemplo, que dominam um território, “no interior do qual podiam conseguir alimento sem receio da concorrência de outros”, chegaram á consideração de que “o princípio territorial é importante no equilíbrio das sociedades animais” (pg. 137).

Experiências com ratos mostraram que a taxa de crescimento demográfico e as relações entre eles eram função da existência de pontos de referência espaciais fixos, onde o número de indivíduos permanecia constante. Nos espaços sem referência a população tinha tendência a aumentar, surgindo comportamentos desequilibrados. Na interpretação dos resultados chegou-se à conclusão de que isso ocorria por cansaço ou devido “à tensão permanente que tornava incapaz um número elevado de indivíduos resistir aos choques que, sem isto, teriam evitado facilmente” (pg. 138). A variação da densidade apresentava uma correspondência com a localização e a disponibilidade espaciais.

Os resultados dessas pesquisas levaram os psicólogos a se fazerem aquela pergunta: existe um imperativo territorial também para os homens? PC cita Robert Andrey, para quem “não existe grupo equilibrado sem uma base territorial onde exprimir seus instintos” (pg. 138).

Há, contudo, uma dificuldade para a solução do problema: não existe indivíduo que não tenha sido socializado. Como saber, então, o que se deve a uma programação instintiva de natureza genética, ou o que é devido à uma programação cultural adquirida no curso do período de formação? De modo geral, não há meio de estabelecer a diferença entre elas. A questão colocada pelas observações sobre a territorialidade permanece aberta” (pg. 138).

PC prepara, assim, o terreno para uma abordagem psicológica e fenomenológica de seu objeto.

Como a sociedade não é algo imaginário. PC inicia-se sua análise tentando dar uma resposta ao problema da valorização psicológica do espaço e a experiência individual.

Baseando-se em Abraham Moles, PC afirma que “Tudo se passa como se o indivíduo tivesse necessidade de um certo número de conchas ou de territórios, que lhe são mais ou menos familiares por inteiro, e que se prestam, cada uma delas, a certos tipos de atividade. Cada comportamento toma lugar, então, no interior de um envoltório: os envoltórios se encaixam entre si, desde os mais tranqüilizantes, os mais íntimos, os de repouso, da intimidade, do quarto até os da atividade pública, que são a aldeia, a cidade, a região ou a nação” (pg. 139).

O espaço do comportamento individual é um território que envolve a pessoa e que assume várias formas que vão desde as de menor dimensão até às maiores. A noção é ao mesmo tempo psicológica e fenomenológica: “A análise do indivíduo no espaço passa, então, primeiro pelo ajustamento das diversas esferas nas quais ele pode desenvolver sua energia, exprimir-se e encontrar as condições favoráveis ao equilíbrio de sua personalidade” (pg. 139).

O tema leva à consideração do espaço individual e do horizonte espacial do indivíduo: “As duas expressões são ambíguas porque não nos dizem se trata no espaço no qual o indivíduo age ou daquele no qual ele desenvolve relações, que ele, então, conhece, mesmo quando não frequenta. Para estabelecer a diferença emprega-se, as vezes, o termo espacial individual no primeiro sentido e o de horizonte individual no segundo. Pode-se igualmente transpor a dificuldade opondo os espaços de relação aos espaços ou horizontes de interconhecimento” (pg. 139).

Como diferenciar as conchas e sua hierarquização? Pela “maneira como elas são percebidas, vividas. (...) As conchas tomam seu significado de sua relação com o indivíduo. À medida que a distância aumenta e a percepção se empobrece (...)” (pg. 140). A conclusão tirada por Moles é a de que “Cada concha está, assim, cercada por um muro invisível que delimita um comportamento homogêneo no que diz respeito à sua apreciação” (pg. 140). A familiaridade com as conchas vai variar com a distância: “As esferas mais próximas tem um valor todo particular. Tudo aí é conhecido, tudo aí

tem um significado profundo, porque tudo está ligado às experiências individuais” (pg. 140).

Há, então, uma sensação de segurança nessas esferas próximas da experiência individual. Além desses espaços a segurança é menor. Para PC, O comportamento espacial é em parte a tradução da necessidade de comunicar-se com alguém – e em parte a consequência da necessidade de estar em segurança no meio de coisas significativas, porque familiares“, sendo que ocorrem tensões concorrentes no conflito entre a existência pública e a existência familiar (pg 141).

A análise fornecida pelos psicólogos, a respeito do imperativo territorial, “nos mostra que o equilíbrio individual é alcançado mais facilmente através de um certo enraizamento, graças à familiaridade adquirida, à convivência com os lugares, ao sentimento de calma que o acompanha” (pg. 141). O território pode aparecer com um elemento necessário para alcançar o equilíbrio e diminuir a agressividade individual. PC argumenta que, “Sim porque é sem dúvida exato que a ausência de horizontes íntimos, de lugares onde se encontrar, de nichos onde experimentar um sentimento de calor humano é profundamente alienante, podendo engendrar distúrbios psíquicos e uma certa desorganização do ser. Não, porque o que está em jogo, não é um território preciso, mas um lugar onde atar um conjunto de relações, onde aprender a conhecer o meio social” (pg. 141).

Ultrapassar esse meio é reconstituí-lo logo em seguida, Por isso, “O espaço não conta senão como suporte de uma experiência que é antes de tudo social” (pg 141).

Negando a tese norte-americana do desenraizamento, PC argumenta que este “não traduz somente a ruptura dos laços com lugares onde se viveu: ele tem uma significação mais amplamente social que individual na medida em que é reforçado pelo sentimento de estar em um meio onde não se consegue mais decifrar as mensagens que habitualmente possuem os lugares – e que são de natureza social” (pg. 142).

Através das relações que levam ao desenraizamento do espaço PC passa do espaço da experiência individual ao espaço valorizado socialmente: “O valor dos lugares e do espaço não está inteiramente ligado a uma experiência incomunicável. Ele resulta em grande medida de significação que se lhe atribui quando se refere às escalas, aos hábitos, às linguagens criadas pela sociedade” (pg. 142).

O social apresenta-se ao indivíduo através da experiência estática: “Uma paisagem, um entorno, um monumento, uma cidade suscitam em nós uma reação, nos falam, nos comovem. Temos a sensação de alguma coisa que nos é própria – mas, com a reflexão, sentimos tudo o que entra aí de social” (pg. 142).

A experiência estética é, contudo, variável: “Os escandinavos e os alemães, buscam voluntariamente a natureza em suas manifestações brutais, diretas. Eles encontram nas férias a ocasião de retornar às fontes da vida, de fazer um mergulho num primitivismo reencontrado.

Prestam homenagem ao sol, à floresta, às águas e aí permanecem muitas horas. O gosto dos ingleses pelo sol é também forte, mas é menos marcado pela busca da autenticidade e da selvageria. Os parques, os bosques freqüentados pelos pássaros, a natureza modificada, domesticada é igualmente apreciada. Os franceses manifestam um entusiasmo particular pelo ponto de onde se avistam paisagens distantes, sucessões de horizontes azulados. Fazem igualmente excursões às igrejas, aos castelos, às cidades antigas, como pessoas educadas para a percepção dos valores do passado. Os italianos tem, sob esses aspectos, um pouco dos mesmos reflexos, mas a natureza não é apreciada por eles senão quando oferece refúgios agradáveis, sombreados nas horas quentes do dia. Os pontos de onde se avistam paisagens permanecem desertos, mesmo quando a natureza está magnificamente modificada e organizada” (pg. 143).

A percepção estética varia, então, segundo a cultura, as sociedades, os sistemas de valor e a socialização: “Isso compreende-se facilmente; o que se percebe, o que se aprecia na natureza, em um momento, em uma paisagem são os traços que nossa educação ali depositou e que deciframos diretamente quando descobrimos um novo meio” (pg. 143).

A percepção estética varia, então, segundo a cultura, as sociedades, os sistemas de valor e a socialização: “Isso compreende-se facilmente; o que se percebe, o que se aprecia na natureza, em um momento em uma paisagem são traços que

nossa educação ali depositou a que deciframos diretamente quando descobrimos um novo meio” (pg. 143).

PC cita Kevin Lynch que, em seus estudos, consegue a unidade entre a percepção estética e a leitura do entorno: “A imagem depende por sua vez das características da pessoa que a forma, da clareza dos planos e da qualidade das formas, e da legibilidade que remete do mundo exterior às representações que se habituou a dele dar – o que testemunha o peso das estruturas mentais e de nossa aptidão em descobrir a chave das paisagens” (pg. 144).

O espaço percebido e valorizado apresenta uma multiplicidade de ligações “que se tecem entre a sociedade e os lugares e que o indivíduo aprende a interpretar no curso de sua socialização” (pg. 144).

Vários estudos demonstram que “a paisagem pode tornar-se um meio de exprimir sua identidade. Peter Hugill analisou (...) o entorno urbano de sua pequena cidade, hoje incluída na área metropolitana de Siracusa. Cazenobia foi construída no começo do último século e beneficiou-se de sua posição sobre uma rota com pedágio obrigatório, e das quedas d’água de seu rio para tornar-se uma comunidade próspera.

Isto traduz-se pela construção de um quadro admirável de casas de estilo Hudson Dutch, colonial, neo-clássico e neo-gótico. Cazenobia foi em seguida salva por seu clima agradável, pelo seu lago, e tornou-se um sítio para ser apreciado. Hoje, a cidade é muito procurada pelos siracusenses que tiveram êxito e que se esforçam, comprando velhas habitações, por manter um estatuto que nenhuma outra manifestação de riqueza seria capaz de lhes dar: o estatuto de pessoas que não tem somente dinheiro, mas ainda gosto e o sentido das coisas de valor” (pg. 145).

Há, assim, nos lugares, um valor fundamental e simbólico que ultrapassa por vezes sua utilidade direta. Criticando os norte-americanos em seu estilo de vida, PC refere-se às uniformidades das paisagens que não permitem a identificação: “Como desenvolver um sentido de filiação regional, que terminaria por fazer esquecer a diversidade das origens?” (pg. 146).

A sociedade atribui valores ao espaço em si mesmo. Esses valores são diversificados: procura-se qualidade para fruir, fala-se de amenidades, de qualidade do meio e do entorno: “se é sensível ao que o espaço permite exprimir, aos sentimentos estéticos que inspiram a natureza, o campo, a cidade, aos movimentos afetivos como o sentimento religioso, o sentido da familiaridade com os lugares se desenvolve” (pg. 146).

Há, contudo, outras razões para valorizar o espaço. Elas são diretas, ou seja, o espaço é valorizado, não em si mesmo, mas pelas atividades sociais que gera. “Ele

tira seu significado as atividades que carrega consigo, de sua fecundidade se se trata da agricultura e da criação, e de sua posição em relação aos membros da sociedade que o utiliza” (pg. 146). Chega-se a um nível mais elevado de interação.

PG passa a tratar, então, das distâncias sociais e o espaço. Até aqui, raciocionou-se “em termos de relações geográficas, de paisagem, de espaço concreto. A vida social tem outras dimensões. Um dos traços mais impressionantes de toda sociedade é a existência de estruturas de classe no interior das quais estão organizados indivíduos” (pg. 146). A noção de classe, que varia segundo os tipos de sociedade (ordens, classes, castas), “implica que se empregue uma noção abstrata de distância”, estabelecendo relações ou analogia entre a escala social e a escala espacial: “quando se sobe ou se desce na sociedade, sente-se próximo de um grupo ou se sente afastado dele” (pg. 147).

Segundo Evans-Pritchard, lida-se com a noção de espaço estrutural, que ele opõe ao espaço ecológico (do qual os geógrafos geralmente se ocupam).

Dando o exemplo dos Nuer, EvansPritchard mostra que “A configuração dos espaços estruturais é também um dos traços essenciais da organização do espaço” (...)e, entre os Nuer, “os lugares encontram-se valorizados em razão dos grupos que abrigam e de sua distância abstrata” (...); “A hierarquia abstrata dos valores dá cor à topografia, cria zonas onde a gente se sente em casa, e outras, ao contrário, onde se está perpetuamente constrangido” (pg. 148).

Robert K. Merton, cita PC, trabalha com a noção de grupos de referência: eles são configurações sociais de espaços a que se aspira. “A escolha dos grupos de referência cria uma espécie de gradiente espacial”, valoriza os espaços próximos das localidades preferidas (...) e essas atitudes modificam o próprio espaço, como por exemplo, quando “a centralização não é o simples resultado de uma escolha autoritária do poder político. Ela é preparada, chamada, pela gama de valores admitidos pela sociedade, ela é tolerada por causa dela” (pp. 148/9), diz PC, falando de Paris. “Enquanto esses sentimentos persistem, os parisienses modestos suportam, sem se queixar, os inconvenientes da grande cidade, certos de que estão de participar de um gênero de vida superior ao que eles teriam mais longe do centro de todas as coisas.” (...) Atualmente, os problemas de Paris começam a impacientar seus

habitantes que não se conformam “que (ela) não tem nem o mérito de assegurar uma superioridade psicológica sobre os provincianos” (pg. 149).

O espaço para PC é, assim, um espaço valorizado: “Os valores que assume o espaço refletem a apreciação dos lugares em função da familiaridade que se tem com eles, sua avaliação nos quadros das escalas de preferência cultural pelo que é bom, agradável, satisfatório, a estimativa das vantagens que o solo e a posição podem trazer para o plano das atividades e das trocas, a identificação entre as localizações dos grupos e sua posição na hierarquia dos estatutos e do prestígio” (pg. 149).

O espaço é inseparável de sua percepção e, mais do que isso, ele é um espaço percebido e valorizado. “Existe, contudo, uma certa ordem que tende à simplificação e que traz à vida social a definição de valores objetivos e de direitos relativos ao espaço” (pg. 149).

Trata-se, então, da objetivação dos valores e dos símbolos de valor em relação ao espaço.

Existe uma limitação para os indivíduos no fato de que eles “são constrangidos a efetuar escolhas por causa de sua finitude, de falta de tempo e de permanência. As decisões que eles tomam seriam sem dúvida difíceis de ajustar e de harmonizar se não existisse acordo geral sobre certos valores, se não houvesse meio de exprimir as preferências coletivas e de traduzi-las de maneira a torná-las sensíveis a cada um” (pg. 149/50).

Essa avaliação objetiva não é efetivada da mesma maneira por todas as sociedades. Algumas utilizam várias escalas segundo as circunstâncias e outras preferem à unidade. “A redução das gamas heterogêneas de valor, e sua expressão em um sistema único é então uma operação que apresenta ao lado de vantagens uma série de inconvenientes. Ela traz o risco de conduzir os indivíduos a optarem por estratégias de conduta que estão em contradição com os princípios sobre os quais repousa a vida social” (pg. 150).

Para objetivar os sistemas de valor é preciso, então, “definir os direitos dos indivíduos sobre as coisas e sobre os seres. Sem uma estandarização, uma homogeneização das possibilidades assim definidas, seria evidentemente impossível chegar a uma medida de significação universal. Em matéria de espaço, em particular,

as modalidades de apropriação são muito variáveis e elas criam o bem, no sentido de que elas indicam claramente o que pode ser trocado” (pg. 150).

Mas, os direitos de apropriação variam conforme o país. Os direitos eminentes e os direitos de uso são múltiplos. “Encontra-se direitos de raiz (...) na África de oeste, lá onde a propriedade eminente continua a pertencer ao senhor do fogo, ao senhor da clava, àqueles cujos ancestrais abriram pela primeira vez a terra. O direito de uso corresponde a outros princípios. Na medida em que o solo não se constitui em elemento raro na sociedade tradicional, não se apresenta nunca a tentação de se assegurar, através do controle do solo, da dominação sobre a economia geral: o direito de raiz é então flexível; ele visa somente uma repartição relativamente igualitária e dá a cada unidade de produção, a cada família, o que é necessário a sua atividade” (pg. 151).

Quando o solo se torna um bem raro “a definição dos direitos de utilizá-lo toma um outro significado: aquele que possui a terra pode exercer um controle sobre a vida social e tirar partido de sua posse para confiscar em seu benefício uma parte desproporcional dos frutos da atividade coletiva” (pg. 151.).

Uma vez definidos os direitos é preciso encontrar os símbolos de valor. Quando as referências são simples o problema é fácil: cruces, cordões, colares etc.

Nas sociedades complexas, como as civilizações ocidentais, o dinheiro “torna-se, então, um instrumentos universal de medida do prestígio” (pg. 152). Mas é de valor parcial na escala do globo.

PC propõe, então, que o espaço seja a medida do valor. “Entre os bens que podem ser utilizados para esse fim, o espaço, a extensão, é sem dúvida um dos mais sedutores: indestrutível, visível, estável, ele oferece a solidez necessária a esse tipo de propósito. Mas, por outro lado, a sociedade se encontra determinada, ou condicionada, de uma maneira nova pelo espaço (pg 152). PC cita como exemplo a especulação fundiária na maior parte das nações ocidentais e em um grande número de países subdesenvolvidos, que se defrontam com a inflação dos meios de pagamento condicionada por aquela especulação.

A conclusão é a de que “A valorização subjetiva do espaço, a expressão muitas vezes objetiva que a sociedade lhe dá, terminam por definir um conjunto que modela

as decisões individuais, e através delas, a ordenação espacial dos grupos humanos” (pp. 152/3).

O espaço, então, “não conta senão como suporte de uma experiência que é antes de tudo social”.

Considerações

O principal ponto a considerar é o do significado do espaço para os autores citados. É importante constatar que o lugar, aqui, não é tomado como espaço de ocorrência ou espaço de manifestação, como nas abordagens que o discutem em economia, sociologia, política, psicologia, antropologia etc. Ele é evidenciado em si mesmo, ele próprio é o objetivo da análise.

A dificuldade que os quatro autores encontram é a de produzir uma concepção espacial da totalidade que inclua o homem, sem separar as partes do conjunto. Dificuldade tanto maior porque eles partem da noção de lugar e não do pressuposto das relações, por exemplo, das relações homem-natureza. Outra questão é a de que as relações não podem ser ignoradas. Por isso, à concepção de La Blache, em que o espaço determina as relações e ele próprio é um resultado de associações, parece opor-se a de Pierre George, para quem o lugar é um sistema de relações e estas são determinantes. Da abordagem fenomênica resulta que esse espaço-lugar, ou o sistema de relações, são espaços empiricamente concretos. A acentuação do aspecto psicológico – o espaço percebido – principalmente em Max. Sorre e Paul Claval, não tende a resolver a questão, que se põe, e que consiste na necessidade de uma abordagem ontometodológica do real-espacial. Neste último caso, o espaço concreto evidenciado, e que se considera o ponto de chegada, é, na verdade, um espaço abstrato, que deveria ser o ponto de partida da análise. Essa abstração, que já foi referida no início desse trabalho, tem, todavia, uma outra dimensão: ela resulta da não consideração, pelos quatro autores, do modo de sua produção e de sua especificidade como formação espacial, historicamente dada e geograficamente presente. Chega-se, por isso, a uma conclusão curiosa: eles descrevem o real, muitas vezes com grande

detalhamento, em sua aparência fenomênica, sem conseguir ultrapassar essa aparência. Quando isso ocorre, e é apenas o caso de La Blache, o resultado é como se fosse uma leitura do conteúdo do real, e não este mesmo.

O trabalho de Vidal de La Blache apresenta uma perspectiva que deve ser explicitada: ele trabalha com uma noção de progresso, que tem como pressuposto a teoria do valor, principalmente em seu aspecto de valor de uso. Ele foi publicado em 1921 – pela primeira vez – quando o capitalismo já havia se expandido por todo o mundo, após a primeira guerra mundial, formando uma nova configuração dos impérios coloniais, que destruíram as situações que La Blache considerava como de isolamento. Não obstante, a categoria modo de produção está ausente do raciocínio e a teoria do valor está presente na análise de maneira abstrata. As contradições são percebidas como a ocorrência de lugares favoráveis ou desfavoráveis à ocupação humana.

Max Sorre -----
lugar, uns se defronta com outro -----
de 1957, portanto, posterior à segunda guerra mundial, quando já existia um sistema socialista de nações. Por isso, ele dá muita importância ao espaço como algo dinâmico, sujeito á tensões. Aqui, também, o valor de uso é tomado abstratamente.

Pierre George produziu seu trabalho em 1966, depois do início da atual corrida tecnológica. Trata-se, agora, do reconhecimento de uma realidade espacial fragmentada – como já havia ocorrido com Max. Sorre – desaparecendo a unidade de objeto, que ainda se podia perceber em Vidal de La Blache. O valor de uso e o valor de troca aparecem também de modo abstrato, descritos em sua aparência fenomênica.

Paul Claval define um objeto espacial que é claramente psicológico e fenomenológico. Seu livro é de 1973. De certo modo, a trajetória da geografia social francesa parte da paisagem natural percebida e valorizada – como espaço existente – para agora, em Claval, ser o resultado da valorização a partir do psiquismo individual e social. O valor de uso e de troca aparecem através da percepção humana e social, por meio da experiência. Aqui, também, eles são tratados abstratamente, ou seja, não

como categorias que explicam o real, mas como concreção empírica e, por isso, abstrata.

Assim, os quatro autores apresentam ao leitor uma realidade ontologicamente dividida, apenas unificada pela abordagem tipológica e descritiva. Daí, por isso, resulta o aspecto de apologia do espaço em geral, em que as várias modalidades particulares, de espaço aparecem com o mesmo peso. Quais espaços? A resposta é sempre mais, ou menos, sempre abstrata, porque, para valorizar o espaço em geral, é preciso não fazer referências particular às suas contradições e à práxis que a produz.

Como explicar, então, que consigam captar determinações do real?

É que a geografia social francesa sempre teve como tradição o estudo da singularidade. Os resultados da análise são, então, transportados para a dimensão universal, fazendo-se a generalização horizontalmente, sob a forma do geral-particular.

Há o pressuposto, em seus autores, de que as prenoções devem ser postas de lado e de que se deve lidar com os dados da experiência, seguindo a orientação herdada do empirismo naturalista. Como a verdadeira dimensão do real é o particular (e quando eles chegam ao particular, em alguns momentos, este é também abstrato), torna-se impossível a elaboração teórica, correspondente à verdadeira explicação, enquanto expressão histórica-espacial de um dado modo de produção, que deveria expressar-se numa forma espacial concreta, que fosse a manifestação do lugar, tomado como o valor real, assim como o homem que o habita e trabalha, transformando-o com sua ação, que deve ser entendida como resultado das relações que desenvolve com os outros homens e com a natureza. Desse modo, o lugar determina a relação e vice-versa, porque não existem lugares sem relações e relações sem lugares. O ponto de partida não é, pois, o simples – para daí chegar-se ao complexo – mas, o próprio dado inicial é um complexo de lugares e relações, uma totalidade produzida pelo trabalho natural e pelo trabalho humano. Fazer isto é produzir uma geografia em que o pensamento não está dividido, porque é desde logo um todo

Que reflete a totalidade do objeto, objeto este, o espaço, que se nos apresenta como forma espacial manifesta, enquanto ser em movimento, de que os autores aqui mencionados, na evolução de seu pensamento, expressam a aparência fenomênica.

BIBLIOGRAFIA

La Blache, P.V. de (1954) "Introdução" de Princípios de Geografia Humana, Edições Cosmos, Lisboa, 2ª edição.

Sorre, M. (1957) "L'Espace Du Géographe et Du Sociologue", Chap. III, Rencontres de la Géographe et de la Sociologie, Librairie Marcel Rivière et Cie., Paris.

George, P. (1969) "O Espaço" in Sociologia e Geografia, Companhia Editora Forense, Rio de Janeiro, Cap. II, Primeira Parte.

Claval, P. (1973) "La Valorisation de L'Espace", Chap. VI, Principes de Géographie Sociale Ed. M.-TN. Génin, Librairies Techniques, Paris.

SP 14/06/78

5. COLONIALISMO E COMPLEMENTARIDADE

Meu trabalho UMA PROPOSIÇÃO TEÓRICA EM GEOGRAFIA foi elaborado por meio de uma leitura, na verdade uma sobreleitura, de minha tese O LITORAL NORTE DO ESTADO DE SÃO PAULO (Formação de uma Região Periférica). Não é fácil realizar a leitura teórica de um texto intencional explicitamente produzido na instância empírica então possível. O significado oculta-se por trás do significante, a ponto do leitor positivista entender, que aquele que assim procede, está propondo, ou um enigma (como entender o discurso além da linguagem?), ou uma brincadeira (como no jogo, o significado do real está na manipulação da aparência).

Está dividido em 6 partes. As partes intituladas A REGIÃO ISOLADA, A REGIÃO MARGINAL, A REGIÃO COMPLEMENTAR foram elaboradas precisamente através de sobre leitura. Sua produção permitiu que chegasse ao RESULTADO TEÓRICO. “Paradoxalmente, por isso, ele já estava expresso na tese, como conclusão, tendo o texto sido retrabalhado. O item O PROBLEMA foi escrito ao final e consistiu uma decorrência “dedutiva”.

O que é mais importante nesse trabalho e na tese é a idéia de complementaridade. Conforme está indicado, ela foi confrontada a posteriori com textos que tratam do assunto. Do mesmo modo, meu encontro com Christaller deu-se depois, ao ler o seu “The Complementary Region”, uma expressão clássica positiva.

Gostaria, aqui, de expor como me ocorreu essa idéia de complementaridade, sem que precisasse recorrer a textos que já continham explícita ou implicitamente essa idéia, que não reivindico como original (o que é a idéia original?...).

Durante a realização da tese trabalhei com a tríade dialética de Hegel. Isso, como método abstrato. Interessava-me encontrar a expressão empírica dessa dialética no movimento do real-espacial, manifesto como LITORAL NORTE DO ESTADO DE SÃO PAULO.

Contudo, lidando com uma região periférica, interna a um mesmo país – e não com as contradições externas destes (o Brasil) – não conseguia encontrar solução para o que me parecia evidente, então: o problema da autonomia. Posteriormente, descobri que estava trabalhando com outra lógica, no caso, histórica – advinda da leitura de historiadores e não historiadores brasileiros que trataram da questão do passado. Estava, pois, num “beco sem saída”.

Por essa época – 1974 – freqüentava a Escola de Sociologia e Política de São Paulo, participando – mesmo que à distância – das discussões que ali se tratavam e acompanhando de perto a realização de tese de doutoramento, então sendo trabalhada como “identificação do decisivo caráter determinante de uma ‘anatomia’” por José Chasin.

Foi numa dessas idas à Escola de Sociologia e Política que me ocorreu, então, a solução para o problema de meu próprio trabalho e sobre que vinha refletindo há tempos.

Pensando na evolução contraditória – sincrônica e diacrônicamente – da região que era objeto de estudo, elaborei as categorias de isolamento e marginalidade, bastante evidentes no movimento do processo espacial-histórico litorâneo (geografia e historiografia). Mas, a solução que se me aparecia como decorrência óbvia era a idéia de autonomia. De repente, naquela ocasião, ocorreu-me a idéia de complementaridade (uma sub-categoria da dependência). Literalmente, corri, para verificar em meus escritos se obtinha resposta nos eventos empíricos. Isso ocorria! O que veio depois foi fácil de resolver.

Punha-se, a partir daí, diante de mim, o trabalho de realizar a elaboração e exposição dos resultados. Infelizmente, não foi possível chegar a isso. A tese expressa, por isso, a

monografia, o estudo de caso e o ensaio, material que deveria ser o ponto de início para a efetivação da demonstração. O original publicado pelo IGEOG-USP consiste numa boa identificação de como proceder a investigação. Ou seja, de como trabalhar a posteriori.

É preciso recordar e afirmar aqui que meu trabalho foi elaborado durante o governo do Presidente Médici, ou seja, de 1970 a 1973. Mas, foi em 1974, que me ocorreu a solução teórica. Tive que realizar a minha tese em condições, então, muito adversas, pois o país inteiro estava tomado pela febre da integração nacional. Paralelamente, José Chasin elaborava seu trabalho sobre o INTEGRALISMO DE PLÍNIO SALGADO (Forma de Regressividade no capitalismo Hiper-Tardio).

Por isso, nossos discursos, embora autônomos, caminhavam por sendas de preocupações semelhantes.

Conversamos muitas vezes – sobre o seu trabalho e sobre o meu – como se fosse (e eram) coisas distintas.

Daí o interesse em escrever alguma coisa sobre as duas soluções teóricas, em geral.

Impõe-se, por isso, expor aqui os dois resultados, de modo abreviado.

Começo pela obra de José Chasin, atendo-me, para os fins deste texto, apenas ao discurso metodológico e ao capítulo IV.

Uma concepção Ortodoxa.

Trata-se, desde logo, do “talhe histórico-genético praticado por Lúkács” (pg. 61). Por isso, trata-se de “estabelecer que a abordagem de um objeto ideológico implica na determinação de sua gênese e de sua função social”, assim como, “acrescentar àqueles dois pontos a crítica imanente” (pg. 62).

A “capacidade do homem em oferecer respostas” baseia-se em que, “A liberdade existe no sentido de que a vida dos homens coloca alternativas concretas”, o que implica em

dizer que, “Se isolamos dados singulares, chegamos naturalmente a representações inteiramente falsas” (pg. 63).

A totalidade propõe o estudo “das relações entre o todo e as partes” (pg. 63). É citada a formulação de Lúkács, segundo a qual a sociedade é considerada como um “complexo composto de complexos” (pg. 63) A sociedade, diz Lúkács, tem “a características de ser um complexo de complexos extradiornariamente rico e dotado de dois pólos em relação recíproca: de um lado, a totalidade da sociedade, que em última análise determinação a ação recíproca dos complexos singulares; de outro, o complexo constituído pelo indivíduo humano, que forma a unidade mínima irredutível do processo.” (pg. 64).

Da análise resulta a verificação da importância da idéias de “totalidade em processo, teleologicamente orientada” (pg. 64); “uma sucessão, ordenada de ordenações, de equilíbrios estruturais regidos por leis próprias que resolvem as grandes tendências gerais de transformação”(pg. 65).

Trata-se, por isso, “ de determinar seus níveis e conexões, níveis e conexões de sua própria interioridade, de modo que se configure intelectualmente a sua própria ordem imanente.” (pg, 65).

Para José Chasin, “A vantagem desta formulação sobre outras é que desse modo não se coisifica o conceito de modo de produção, tomado que é como momento dado do processo histórico total, e que também não é relacionado à condição de modelo exógeno à realidade. Ganha assim o conceito rigor por ganhar concretude.” (pg.66).

Sucedee, na análise da ideologia, que ‘é inegável a relevância que se confere, desse modo, ao complexo histórico-social como determinante fundamental do pensamento.” (pg. 67).

O histórico-social é histórico-material e, “tomado ontologicamente, não revela a sociedade como a reunião abstrata de individualidade abstratamente homogêneas; pelo contrário, mostra-a fundada por agrupamentos desigualmente situados, determináveis rigorosamente pelo papel que executam no relacionamento produtivo básico.” (pg. 68).

Como afirma Goldman: “São os grupos humanos empíricos que construíram as casas, traçaram as estradas, desenvolveram a indústria e ao mesmo tempo criaram as instituições,o

Estado e as categorias mentais que permitem aos membros deste grupo apreenderem estas realidades e elaborarem a teoria que lhes corresponde”. (pp. 69/70).

Metodologicamente, Lúkács põe a questão da seguinte forma lógica: “No contexto destas controvérsias desempenha um importante papel a dialética universal e do particular na sociedade; o particular é precisamente a expressão lógica das categorias sociais de medição entre os homens individuais e a sociedade”. (pg. 71). No argumento, Lúkács prossegue: “Pois os particulares momentos mediadores tem amiúde na natureza, da mesma forma que na sociedade, um ser de contornos relativamente firmes, uma figura própria.” (pg. 72). Ou, (o particular) “é uma concretização crítica mediante o descobrimento das mediações reais para cima ou para baixo nas relações dialéticas do universal e do singular.” (pg. 73).

Por isso, “A totalidade do objeto não pode ser posta a não ser quando o sujeito que a põe é ele mesmo uma totalidade e, portanto, para pensar a si mesmo se vê obrigado a pensar o objeto também como totalidade.” (pg. 74).

A objetividade se põe, então, para José Chasin, não como um problema lingüístico: “a objetividade não é simplesmente entendida com um virtualidade das prosperidades do discurso, mas o discurso objetivo é determinado como o resultado de uma objetividade virtual que transcende o discurso e que é resultado de uma condição de possibilidade socialmente determinada. Determinação que abre para a constituição de um discurso que reproduz ontologicamente o concreto.” (pg. 79).

“A terra, pois, há que regressar”

O capítulo IV intitula-se PREMISSAS, CONCLUSÕES E FUTURAS APROXIMAÇÕES.

Situando o pensamento pliniano diz José Chasin: “ De modo que, enquanto o momento internacional vive o confronto imperialista, caracterizado pela luta em torno da redivisão

territorial do mundo, suscitada exatamente pelas necessidades da expansão da produção, Salgado emerge com uma proposição de freiagem da acumulação capitalista, recusa o modo de existência urbano-industrial, acena com uma vaga e longínqua civilização agrária que se imporá espontaneamente à admiração mundial, e defende programaticamente para o Brasil um urgentíssimo retorno à terra.” (pg. 618).

A questão complexa é a que se refere a ruralistas e industrialistas. Para José Chasin, “na particularidade da formação do capitalismo brasileiro, tendo este se constituído através do que chamaremos, provisoriamente, de via prussiana, e sendo marcadamente próprio desta a conciliação entre o historicamente novo, de tal forma que o novo para pesado tributo ao velho, no seu processo de emersão e vigência, o confronto entre as componentes agrária e industrial do modo de produção capitalista, no caso brasileiro, teria forçosamente que assumir .modalidade específica, digamos, assim formas abrandadas e veladas.”

O tema é importante, por que “há modos e estágios de ser, no ser e no ir sendo capitalismo, que não desmentem a anatomia, mas que a realizam através de concreções específicas.” (pg. 621).

Foi o caso da Alemanha. Lúkács argumenta:” Engels comparou uma vez a evolução francesa e a alemã desde os princípios da liquidação do feudalismo até a constituição da unidade nacional da democracia burguesa. E chega à conclusão de que em cada época e para cada problema histórico os franceses encontraram uma solução progressista e os alemães uma solução reacionária.” (pg. 623). Historiando, prossegue: “ A natureza real da Alemanha é a do compromisso surgido com a forma bismarkiana do Estado alemão graças à necessidade do desenvolvimento econômico”. (pg. 624).

Para José Chasin “ o caso brasileiro, sob certos aspectos importantes, conceitualmente determinável de forma próxima ou assemelhável àquela pela qual o fora o caso alemão, mas de maneira alguma de forma idêntica”, explicita que não se trata de modelo, mas de “modo particular de se construir e ser capitalismo” (pg. 626). Por isso, “o caminho prussiano, na totalidade concreta do processo real alemão, se põe de modo distinto daquele em que se põe na totalidade concreta do processo real brasileiro”. (pg. 627). A diferença consiste em que “o verdadeiro capitalismo alemão não é tardio, enquanto o brasileiro é hipertardio.” (pg. 623).

A essa especificidade José Chasin sugere a designação da vila ou caminho colonial: “Expressão conveniente que tem, nos parece, a propriedade de combinar a dimensão histórica-genética com a legalidade dialética.” (pg. 628/9).

Para a análise do pensamento a questão se põe de modo decisivo: “E, nesta produção, as idéias que se puseram não tinham como aparecer como deslocadas de seu espaço devido;

com aparências semelhantes a outras, mais ou menos desenvolvidas, ou melhor conhecidas, podendo, no entanto, ser concretamente outra coisa, e, enquanto tais, ocupando perfeitamente o lugar que lhes compete. Mesmo porque a questão não é buscar o lugar certo das idéias, mas a idéia “certa”, própria dos lugares, na medida em que as idéias não são pedras subsumidas à lei da gravidade, sem que sejam, contudo, passíveis de fuga aos critérios universais do verdadeiro.” (pg. 647).

Centro e Periferia na Análise Espacial

Meu trabalho UMA PROPOSIÇÃO TEÓRICA EM GEOGRAFIA tem uma parte introdutória, que situa o tema em sua atualidade abstrata, ou seja, como ideiação preliminar à exposição.

Importa, pois, aqui, expor a parte intitulada O PROBLEMA.

Inicialmente, considero a condição geoeconômica da região periférica. Ela “caracteriza-se por seu território produzir para ao exterior, do qual depende em termos de mercado polarizador” (pg. 7).

A região periférica não possui um espaço de produção próprio e autônomo. Por isso, é “cronicamente deficiente a acumulação de capital que é continuamente drenado para fora”. (pg. 7).

A região central estabelece o tipo de divisão territorial do trabalho que gera essa situação. São, então, importantes, os espaços de circulação e consumo, mas do que o de produção. É nesse sentido que ocorrem o desenvolvimento e o crescimento.

Essa situação é distorsiva pois não há correspondência entre os impulsos externos e as características inerentes à região periférica. Daó, a problemática do planejamento que “pode gerar tensões que se refletem na organização espacial” (pg. 8).

Por isso, nesse espaço coincidem os espaços homogêneo e polarizado, sendo essa a determinação de sua evolução, porque ela “organiza através de funções e serviços vindos de fora” (pg. 8).

O espaço urbano é importante porque é aí que se localizam os poderes de decisão, decorrentes da existência de sua própria região geoeconômica. Não obstante, esta subordina-se à região geoeconômica central, na lógica interna da relação centro-periferia.

O resultado da exposição acima, intitulado RESULTADO TEÓRICO, é reproduzido a seguir.

“Desde sua origem e em sua evolução uma região periférica tende necessariamente a passar pelas condições de isolamento, marginalização e complementaridade.

“Uma região periférica surge no momento em que, a partir de uma situação de ocorrência de várias unidades homogêneas, auto-sustentadas e com poucas relações entre si, uma destas – por razões geográficas e históricas, desenvolve uma capacidade de centralização que tende a se expandir.

“No momento seguinte as demais unidades se tornam isoladas em relação à essa região central. Esse isolamento tende a guardar as características anteriores de auto-sustentação em contradição com as relações esporádicas que começam a manter com o centro.

“Quando as relações com a região central começam a se intensificar esse isolamento tender a passar à condição de marginalização, situação que é transitória, pois a região começa a definir funções de complementaridade em relação à região central.

A complementaridade tende a ocorrer no momento em que a expansão da região central atinge a periferia de modo decisivo, tendendo à incorporá-la.

“No limite, a região periférica pode torna-se uma unidade da região central passando à adquirir características próprias a esta” (pg. 8/9).

O Fluxo da Contradição Mediada

O Brasil é um país cujo centro é periferia: centro dependente e periferia avançada.

O elo é, então, a relação.

Qual a natureza da relação?

Responder a isso é entregar-se ao trabalho ontológico, mais do que epistemológico. Porque o ser precede o estar, assim como o ter o haver.

No ser Brasil manifesta-se a contradição dependência e progresso. Por isso, também no ter e no haver.

Daí a singularidade da pluralidade das respostas possíveis, não ocorrendo o ecletismo, se o método é compreendido como referido ao objeto.

A estrutura manifesta-se como a decorrência das subtotalidades possíveis. Imaginar a totalidade acabada – diferente do sistema fechado é impossibilitar a compreensão da periferia avançada. Imaginar apenas a subtotalidade – diferente do sistema aberto – é tornar difícil a compreensão da dependência, se não se definem as relações.

A via colonial esclarece a tendência mas coloca-se como “problema”. A região complementar esclarece também a tendência e sugere uma “solução”.

A consciência nacional recusa-se a enfrentar a questão como teoria, concreta, põe-se, por isso, o saber abstrato, como a mediação necessária. A consciência internacional encontra nessa recusa sua razão de ser, pondo-se por isso, contraditoriamente, como complementar. Postula, por isso, o saber concreto como mediação necessária.

A contradição esboça-se, então, como problema epistemológico. A comunicação manifesta a dicotomia.

A comunicação é, então, o ter e o haver, que não se realizam senão como ontologia.

BIBLIOGRAFIA

Chasin, J. (1978) O integralismo de Plínio Salgado (Forma de regressividade no capitalismo Hiper-Tardio), Livraria Editora Ciências Humanas Ltda, São Paulo.

Silva, A.C. da (1976) Uma Proposição Teórica em Geografia, IGEOG-USP, São Paulo.

SP 12/01/79

BIBLIOGRAFIA GERAL

Abril Cultural (1978) Os Pensadores. Aristóteles, Vol. I, Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo.

Abril Cultural (1979) Os Pensadores. Wittgenstein,L. , Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo.

AGB-UFC (1978) Comunicações, 3° Encontro Nacional dos Geógrafos, AGB-UFC, Fortaleza.

Althusser, L. (1967) Análise Crítica da Teoria Marxista, Zahar Editores, Rio de Janeiro.

Azevedo, A. de (1968/1970) Brasil a terra e o homem, Volume I – As Bases Físicas, Volume II – A Vida Humana, Companhia Editorial Nacional, São Paulo.

Chasin, J. (1978) O Integralismo de Plínio Salgado (Forma de Regressividade no Capitalismo Hiper-Tardio), Livraria Editora Ciências Humanas Ltda., São Paulo.

Claval, W.M. da (a) Moraes, A.C.R. (1979) Valor, Espaço e a Questão do Método, tema 5, Liv.Ec.C.Humanas, S.Paulo.

D'Encausse, H. (e) Schran, R., op.cit.

Discos Continental (1973) The Art of the Modern Jazz Quartet. The Atlantic Years, Gravações Elétricas S.A. Discos Continental, São Paulo.

Editora Abril (1979) Almanaque Abril, Editora Abril Ltda., São Paulo.

Editorial Grijalbo (1977) Cartas Filosóficas e Outros Escritos, Grijalbo, São Paulo.

Editorial Grijalbo (1977) Temas, 1, Grijalbo, São Paulo.

Folha de S. Paulo (1966/1968) Suplementos Especiais, F. S. Paulo, São Paulo.

Foracchi, M.M. (e) Martins, J. de S., op.cit.

George, P. (1969) Sociologia e Geografia, Companhia Editora Forense, Rio de Janeiro.

Hartshorne, R. (1978) Propósitos e Natureza da Geografia, HUCITEC_EDUSP, São Paulo.

Harvey, D. (1973/76) Social Justice and the City, Edward Arnold (Publishers) Ltd., London.

IBGE (1977) Geografia do Brasil, Volumes 1,2,3,4,5, Centro de Serviços Gráficos, Rio de Janeiro.

Kant, E. (1978) Crítica da Razão Pura, Editora Technoprint S. A., São Paulo.

La Blache, P.V. de (1954) Princípios de Geografia Humana, Editora Cosmos, Lisboa.

- Lacoste, Y. (1979) A Geografia Serva Antes de Mais Nada Para Fazer a Guerra, Ed. Do MG, São Paulo.
- Lenin, V.I. () Notas críticas sobre la Cuestion Nacional, Editorial Progreso, Moscú.
- Martins, J. de S. (e) Foracchi, M.M. (1977) Sociologia e Sociedade, Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., Rio de Janeiro.
- Moraes, A.C.R. (e) Costa, W.M. da, op.cit..
- Santos, M. (1978) O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo, HUCITEC, São Paulo.
- Santos, M. (1978) Por uma Geografia Nova, HUCITEC-EDUSP, São Paulo.
- Schran, R. (e) D'Encausse, H. (1974) El Marxismo y Asia, Siglo Veintiuno editores as, Buenos Aires.
- Silva, A.C. da (1976) Uma Proposição Teórica em Geografia, EGEOG-USP, São Paulo.
- Silva, A.C. da (1978) O Espaço Fora do Lugar, HUCITEC, São Paulo.
- Silva A.C. da (1978) Ontometodologia do Espaço Geoeconômico, original datilografado, São Paulo.
- Sorre, M. (1957) Rencontres de la Géographie et de la Sociologie, Librairie Marcel Rivière et Cia., Paris.
- Stalin, I.V. (1973) El Marxismo y el Problema Nacional, Ediciones Cepe, Buenos Aires.
- UFC-AGB (1978) op.cit..

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- | | |
|----------------------------------|---|
| Ab'Sáber, A.N. 004 | Chasin, J. XIV, 114, 115, 116, 117, 118 |
| Almeida, F.F.M. de 003 | Cholley, A. 045, 046 |
| Althusser, L. OXI, XII, 060, 061 | Christaller, W. 113 |
| Andrade, G.O. de 005 | Claval, P. XII, 060, 100, 101, 102, 103,
104, 105, 106, 109, 110 |
| Aristóteles 001, 070 | Costa, W.M. da OVI |
| Ardrey, R. 101 | D' Encausse, H. 032, 040 |
| Azevedo, A. de OII, 011, 003 | Davidovich, F.R. 011 |
| Berthelot, P.E.M. 007 | Deffontaines, P. 001 |
| Brandt, B. 001, 003 | Durkheim, E. OIX, 043, 048, 049, 050,
051, 052, 053, 054 |
| Buckle, T. 070 | |
| Camacho, J.A. 002 | Engels, F. 032, 117 |
| Camargo, J.F. OII, 007 | |

Geiger,P.P. 011
George,P. XIII,069,090,091,092,094,
095,096,097,098,100,109,110
Goldmann,L. 116
Gramsci,A. 032,040
Haeckel,E. 073
Hartshorne,R. OIX,043,044,045,046,
047,048,049,051,053
Harvey,D. OIX
Hegel,G.W.F. XII,060,113
Heráclito 070
Hettner,A. 045
Huggill,P. 104

James,P. 045

Kant,E. OOI, XXI
Keller, E.C. de S. OII,008

La Blache,P.V. de XIII, 045,069,070,
071,072,073,074,075,076,
077,078,109,110
Labasse, J. 086
Lacoste,Y. OIX
Lauwe,C. de 088
Leibiniz,G.W. XXI
Lenin,V.I. 032,034
Levasseur,P.E. 075
Lúkács,G. 115,116,117
Lynch,K. 104

Marx,K. OOX,XII,032,043,054,
055,056,058,059,093

Mattos,D.L. de OII
Merton,R.K. 106
Moles,A. 101,102
Montesquieu,C.L. de S. 070
Moraes, A.C.R. OVI

Penteado,A.R. 005, 006
Perroux,F. 086,088
Petrone,P. 007
Pritchard,E. 106

Queiroz Neto,J.P. de 006

Radesca, M. de L.P. de S. 006
Ratzel,F. 046,084
Ritter,C. 070
Rodrigues, L.M. 007
Romariz,D. de A. 006

Santos,M. OVI,OIX,XVII
Sarte,J-P.XII
Schram,R.032.040
Silva,H da 011
Silva, R. de A. e OII,008
Silveira,J.D. da 004
Soares,L. de C. OII,005
Sorre,M. XIII,048,069,079,082,083,
086,087,088,089,090,109
Stalin, I.V. 032, 036

Weber,M.043
Windelband,W. XII
Wittgenstein, L. OIX,XII

ÍNDICE ANALÍTICO

(De assuntos, categorias, conceitos, definições, idéias, nomes, palavras, termos, tipos e vocábulos.)

Abastecimento 019
Abordagem OXI,044,053,054,060,061,
076,098,101,109,110,111,115
 Descritiva 110
 Fenomenológica 101
 Ontometodológica 109
 Psicológica 101
 Relacional 054
 Sincrônica 044,060,061
 Tipológica 110
Abrigo 065,080
Absoluto 044,051,052,054,055,
056,057,058,060
Abstração VIII,045,049,054,055,
056,061,079,080,109
Abstrato 094
Ação VII, 009,017,051,072,073,
077,078,087,092,096,111,115
 Do Estado 009
 Do homem 077

Econômica 017
Humana VII,073,077,078
Mecânica 077
Recíproca 115]
Voluntária 096
 Do homem 096
Acaso OIV
Acentuação 109
Acessibilidade 095
Acesso 083
Aço 018
Acompanhamento OIV
Acondicionamento 098
Acordo 107
Acre 003,016,017
Açúcar 008,011,015
Acumulação 005,065117,119
 Capitalista 117
 De capital 119
Adaptação 073,076,078

Humana 078
Administração 012
Admiração 117
 Mundial 117
Adoção 028
 De inovações 028
Afirmação OII,XII,053,054
África VII,005,040,107
 De oeste 107
Agir 061,063
Aglomeração 087,097
 Urbana 097
Agressividade 103
 Individual 103
Agreste 023
Agrícola 017,018
Agricultura 012,019,024,
 029,033,094,105
 Nordestina 024
 Regional 029
 Tradicional 094
Agroindustrial 018
Agropecuária 014,018,019,028,029
 Regional 028
Água 015, 021, 022, 023, 045, 076, 077
Ajustamento 099, 102
Alagoas 015
Alcance 091
Álcool 011
Aldeia 097,099,101
Alemanha 032, 117

Da síntese XIII
Do real 051
Econômica 099
Espacial 032, 118
 Política 032
Geográfica III
Matricial XII
Sociológica 099
Anatomia 114,117
Angra dos Reis 025
Ângulo 050
 Relativo 050
Anomalia 076
Antítese XIII
Antropologia XIII, 108
Aparência XII, 049,055,068,071
 109,110,111,113
 Fenomênica 068,109,110,111
Aplicação OVI
Aplicabilidade OIX
Apologia 110
Apreciação 103,106
Apreensão OIX
Apresentação OIX
Apropriação 064,065,066,084,107
Aproveitamento 027

Alemão 034,044,118
Algodão 016
Alimento 100
Alternativa XIII
Altitude 083, 092
 Absoluta 092
 Relativa 092
Amazonas 018,019,020
Amazônia 001,003,004,014,016,
 017,018,019,020,021,022
Legal 020
Ocidental 003,017
Oriental 004
Ambiente 005
 Litorâneo 005
Ambigüidade VIII,XIV
Âmbito 093
 Econômico 093
América VII,004,005,037,
 038,039,040
 Do norte 037,038,040
 Do sul 012
 Latina VII,040
Amianto 015
Ampliação 005,076
Amplitude 080
Analfabetismo 002,019
Análise III,VII,OXI,XII,XII,032,043,047,
 048,050,051,053,054,055,056,071,
 076,083,088,092,094,099,101,102,
 109,110,115,116,118

Agrícola 027
Aproximação OOX,062,076
Aptidão 104
Ar 033,045
Arado 077
Araras 010
Arcabouço 021
 Urbano 021
Arco 003
Área
001,003,005,008,020,021,022,023,024,025,
027,032,033,046,047,048,062,063,066,068,
079,080,081,082,083,084,087,089,094,096
Climática 080
 Mediterrânea 080
Contínua 083,084
Cratônica 003
Cultural 096
De degradação 080
Descontínua 081
Do Estado 084
Específica 081
Externa 047
Geográfica 021,089
Homogênea 081
Metropolitana 104

Normal 080
Política 083, 087
Regional 027
Social 089
Argélia 041
Argumentação 076
Argumento
VIII, OXI, 048, 053, 055, 056, 057, 058, 076, 116
Lógico 055
Artesanato 019
Articulação 026, 060
Essencial 060
Inter-regional 026
Ásia VII
Aspecto 070, 104, 109, 110
Exterior 070
Psicológico 109
Aspiração 090
Assistência 019
Médica 019
Assunto OIX, 100, 113
Preliminar OIX
Astronomia 071
Atelier 089
Atividade 023, 050, 062, 070, 078,
082, 089, 094, 097, 101, 108
Coletiva 108
Humana 062
Industrial 023
Profissional 097
Pública 101
Atlântico 005
Sul 005
Atmosfera 006, 077, 084
Ato 050
Atração 087
Atuação 077
Humana 077

Raro 108
Benefício 108
Boa esperança 017
Boi 009, 011, 012, 013
Boleadeira 010
Borborema 004
Borracha 017, 019
Brasil
OOI, OII, III, OIV, OOV, VIII, OOX, 001, 002,
003, 004, 005, 008, 009, 010, 011, 012,
013, 014, 015, 016, 017, 018, 019, 020,
027, 029, 113, 120
Leste 004
Sudeste 004
Brasileiro 017, 018
Brasília 013, 028
Brincadeira 113
Café 008, 010

Atualidade 118
Aumento 093
Áustria 036
Autenticidade 104
Auto-determinação 064
Auto-elaboração 066
Auto-estrada 100
Auto-expressão 066
Auto-sustentação 119
Autonomia 011, 113, 114
Autor XIV, 043, 046, 049, 050
Avaliação 106, 107
Objetiva 107
Avaré 010
Aviamento 019
Avicultura 015
Bacia 004, 019
Do maranhão-piauí 004
Do Paraná-uruguaí 019
Bagual 010
Bahia 010
Baía 011
Bairro 097
Bakú 041
Balanço 078
Báltico 039
Bandeirismo 007
Barbárie 033
Barragem 019
Base 091, 092, 096, 097,
098, 101
De produção 096
Territorial 101
Beco 113, 117
Belém 017, 021, 022
Belém-brasília 021
Bem 107, 108

Cal 014
Calagem 027
Caçulo 043
Matricial 043
Quantitativo 043
Calor 103
Humano 103
Caminho OOV, 071, 094, 118
Colonial 118
Positivista 071
Prussiano 118
Campina Grande 015
Campo 033, 049, 068, 078,
086, 087, 089, 093, 105
Da geografia 093
De esporte 089
De estudo 049
De forças 087
De visão 086

Livre 078
 Novo 078
 Campo Grande 014
 Campograndense 014
 Campo Mourão 009
 Camponeses 097
 Operários 097
 Cansaço 101
 Capacidade 091,092,094,119,115
 De centralização 119
 Capital 009, 011, 013, 098
 Estrangeiro 009
 Capitalismo OOX,035,038,109,114,117,118
 Brasileiro 117
 Hiper-tardio 114
 Capítulo 117
 Característica OOV,003,045,050,115
 Caracterização OII,OIV,092
 Caráter 046,048,072,079,080,085 093,114
 Comum 072
 Da área 048
 Determinante 114
 Relativo 093
 Sociológico 093
 Variável 046
 Carga 099
 Carioca 011
 Carta 004,085,089
 Hipsométrica 004
 Cartografia 097
 Urbana 097
 Diferencial 097
 Carvão 009
 Casa 008,106
 Rural 008
 Caso OOI,III,OIV,095,109,117,118
 Alemão 118
 Brasileiro 117,118
 Cassiterita 017
 Casta 084, 090
 Castanha 017
 Catanduva 010
 Categoria OOI,055,061,068,086,095
 Da análise 068,095
 Espaço 061
 Socioprofissional 095
 Cáucaso 034,039
 Caudal 022
 Causa 052, 107
 Causalidade 085
 Celulose 018
 Cena OIX
 Centralização 086, 106
 Capitalista 086
 Centro 075,082,106,118,119,120
 De atração 075
 Dependente 120
 Centro-oeste 001,
 013,018,019,026,027,028
 Cerrado 027
 Céu 068
 Chá 059
 Chaco 017
 Chave 104
 China 041
 Choque OOX
 Ciclo 008
 Econômico 008
 Cidade OIV,012,013,014,029,033,100,101,
 103,104,105,106
 Primaz 029
 Ciência
 XIII,XVIII,017,046,061,063,073,078,085
 De síntese XVIII
 Do concreto 085
 Geográfica 063
 Método XIII
 Objeto XIII
 Sistemática 046
 Cimento 015
 Cinema 089
 Circulação 005,024,071,083,085,097,119
 Atmosférica 071
 Geral 005
 Circunstância 060
 Civilização 016,019,033,065,076,117

Agrária 117
 Classe 090, 095, 105
 Social 095
 Classificação 007,050,070,072,092
 Bioclimática092
 Demográfica 007
 Geográfica 070
 Clima 071,080,081,096,105
 Mediterrâneo 080
 Regional 080
 Coabitação 073
 Coalescência 052
 Coeficiente 091,092
 Individual 091
 De consumo 091
 De produtividade 091
 De valor 091
 Coerência OOO,OOI,048
 Interna 048
 Coesão 051
 Social 051
 Coisa 048,056,058,063,064,103,115,118

Coleta 024,098
 Coletividade 074,091
 Humana 091
 Colheita 016
 Colônia 009
 Colonialismo XIII,113
 Francês XIII
 Colonização 007
 Comarca 035
 Combinação 006,048,071,072
 Geográfica 006
 Começo 104
 Comércio 008,014,019,099
 Costeiro 008
 Comparação 001,085
 Compartimento 102
 Homogêneo 102
 Complementação 097
 Complementaridade 113,114,119
 Complexidade OOV,061,091
 Estruturada 061
 Complexo XIII,006,047,062,063,065,
 074,075,079,080,092,096,112,115,
 116
 Climático 080
 Composto 115
 De complexos 115
 De grupos 047
 De relações 065
 De localização 065
 Geográfico 006
 Histórico-social 116
 Comportamento 100,101,102
 Espacial 102
 Individual 102
 Territorial 100
 Composição 076, 096
 Compreensão OIV,046,120
 Regional OIV
 Sistemática OIV
 Compreensividade 044
 Em geral 060
 Compromisso XIII,117
 Computador 069
 Comum 094
 Comunicação 076,120
 Comunidade 036,037,038,039,
 083,084,089,105
 De cultura 038
 De homens 036
 De idioma 036,039
 De psicologia 038
 De territórios 037

 Do real 048
 Geográfico 068
 Conjugação 077
 Conjunto 000,028,048,049,050,

 De vida 038
 Econômica 038
 Estatal 036
 Estável 039
 Nacional 036
 Racial 036
 Tribal 036
 Conceito OOI,008,043,046,
 053,058,060,116
 Temporal-espacial 008
 Concentração 011,028,085
 Capitalista 085
 De terras 028
 Metropolitana 011
 Concepção III,OIV,OIX,XII,XIV,047,
 054,060,069,071,072,074,075,079,
 109,115
 De conjunto XIV
 De integração OIV
 Nacional OIV
 Espacial 109
 Ortodoxa 115
 Relacional 054
 Concha 102
 Conciliação 117
 Conclusão OXI,048,077,101,
 102,108,109,113,117
 Concorrência 072, 100
 Concreção 061,110
 Abstrata 110
 Empírica 110
 Fenomenica 061
 Concretização 116
 Crítica 116
 Concreto VIII,055,059,094,117
 Empírico VIII
 Lógico VIII
 Concretude 055, 116
 Condensação 053
 Condição 051,052,055,056,060,
 061,064,088,116,117,
 118,119
 Goeconômica 118
 Conduta 107
 Configuração 005,079,082,
 083,086,090,106,109
 Conflito XIV,084,102
 Sino-vietnamita XIV
 Confronto 117
 Imperialista 117
 Conhecimento
 OIV,OIX,OOX,OXI,048,049,065,068,069,07
 8,088

 062,063,071,072,078,080,083,
 084,087,088,090,092,096,098,
 100,103,108,109
 Complexo 100

De desenvolvimento 028
 De relações 062, 103
 Localizadas 062
 De variações 062
 Do real 049
 Empírico 071
 Humano 088
 Regional 028
 Consciência OOX,050,062,064,
 065,084,095,098,100,120
 Comum 050
 Do espaço 095
 Internacional 120
 Nacional 120
 Consequência VII
 Consideração OOV,OIX,OXI,079,
 097,100,102,109
 Ontológica OIX
 Consistência XIII
 Da linguagem XII
 Histórica-moral XII
 Constante 101
 Constatação 098
 Constituição 117
 Construção XVIII,027,098,229
 De energia 027
 Contato 076
 Contagem 012
 Contemplação 070
 Contexto 029,095,097,099,226
 Global 099
 Sócio-econômico 029
 Conteúdo 046,061,068,087,109
 Continente 001,003,005,
 007,088,097
 Contingência 083,084
 Contingente 026
 Populacional 026
 Continuidade VII,081
 Contradição VII,VIII,OXI,XIV,044,056,
 060,061,107,119,120
 Epistemológica XIV
 Mediada 120
 Ontológica XIV
 Contrato 049
 Contribuição 054
 Controle 107,108
 Do dolo 107
 Convergência 076
 Conversão 056
 Coordenação OII
 Cor 106
 Corpo 060,075,076
 Social 060
 Correlação 073
 Correspondência 101,119
 Corrida 110
 Tecnológica 110
 Corumbá 014
 Costa 004
 Brasileira 004
 Cotonifício 015
 Crescimento OIV,007,023,024,025,
 026,028,029,038,074,075,084,119
 Da população 075
 Demográfico 025
 Econômico 025,026
 Nacional 025
 Industrial 023,028
 Natural 023
 Vegetativo 007,075
 Criação 066,093,105
 Humana 093
 Crime 050,051
 Crise OIV,XIII
 Da filosofia XIII
 Francesa XIII
 Cristalização 075
 Crítica 046,049,054,068,115
 Imanente 115
 Cuiabá 014
 Cultivo 096
 Cultura 035,038,065,078,104
 Comum 038
 Nacional 038
 Curitiba 029
 Curso 104
 Dado VII,056,061,062,063,064,
 065,072,079,090,091,092,
 093,096,098,099,111
 Complexo 096
 Do real 056,079
 Empírico 099
 Físico 091
 Inicial 111
 Natural 093
 Real 062
 Relativo 090,091
 Década OOV
 Decisão 119
 Decodificação OOO
 Decorrência VII,113,114,120
 Definição 079,084,088,090,107,108
 Degenerescência 094
 Degradação 084
 Democracia 117
 Burguesa 117
 Demonstração XII,114
 Óptica XII
 Densidade 002,053,074,081,089,091
 Da sociedade 053
 De população 074
 Material 053
 Moral 053
 Uniforme 081

Dependência OOX,043,048,051,
 052,058,063,080,114,120
 Depressão 027
 Demográfica 027
 Desafio 076
 Desagregação 077
 Descentralização 035
 Descobrimto 116
 Descontinuidade 078,081,090
 Descrição VIII,046,048,061
 Desemprego 016
 Desenraizamento 103
 Desenrolar OXI
 Desenvolvimento OOV,009,010,011,012,
 013,015,016,017,018,020,021,022,
 023,025,028,029,035,038,053,054,
 058,059,060,093,094
 Da agricultura 024
 Econômico 022,029,118
 Industrial 093
 Positivista 060
 Regional 021,028
 Social 054
 Técnico 094
 Urbano 023
 Deserto 013,092
 Absoluto 092
 Designação 118
 Desigualdade 060
 Deslocamento 032,034,080,088,095
 Espacial 032,034
 Desorganização 103
 Do ser 103
 Detalhamento XVI
 Determinação OIV,XIV,043,064,071,
 072,076,082,090,115,117,119
 Determinante 116
 Determinismo 070,074,090
 Dia 104
 Diacrônico 044,093
 Diadema 012
 Dialética XII,044,113,116
 Dicotomia XII,120
 Diferença OIV,046,101,102,118
 Diferenciação 072,095,096,097
 Dificuldade 101,102,109
 Dimensão 033,043,051,052,054,
 055,056,058,071,098,099,
 102,109,110,111,118
 Absoluta 055,056
 Continental 099
 Equivalente 056
 Histórica-genética 118
 Planetária 099
 Relacional 043,058
 Relativa 052,054,056
 Universal 110
 Diminuição 053
 Dinastia 084
 Dinheiro 059,105,108
 Direção 011
 Direito 049,050,051,107
 De propriedade 049
 De raiz 107
 De uso 107
 Penal 051
 Diretriz 043
 Metodológica 043
 Discriminação XII
 Discurso OOO,OVI,OVI,VIII,OXI,XIV,
 051,054,055,056,058,061,
 066,113,115,116,117
 Espacial OXI
 Goeconômico 066
 Geográfico OXI,XIV,066
 Histórico OXI
 Metodológico 115
 Objetivo 117
 Ontológico XIV
 Paralelo XIV
 Socialista OVI
 Discussão OOO,OVI,OIX,XII,
 XIII,046,054,061
 Estrutural OIX
 Substantiva XII
 Dispersão 009
 Disponibilidade 101
 Dissociação 094
 Distância VIII,053,083,089,
 102,106,114
 Abstrata 106
 Social 053
 Distinção 075,094,095,097
 Distribuição 002,006,027,
 035,074,098
 Da população 035
 Geográfica 006
 Populacional 027
 Distrito 035,047
 Divergência VIII
 Diversidade 045,048,049,051,
 052,053,054,055,058,059,
 069,092,093,095,097,105
 Do real 048,049,051,053,
 054,055,058
 Dos lugares 069
 Diverso 045,059
 Divisão 004,005,037,038,050,
 051,052,053,075,079,119
 Do trabalho 037,038,050,051,
 052,053,075,079,119
 Social 051,075
 Territorial 119
 Do trabalho 119
 Domesticção 093
 Dominação 082,107
 Dominância 088
 Domínio 008,021,063,071,073,

080,081,082,085
Atlântico 080
Da natureza 063

Da vida 081
Norte-alpino 080
Doutoramento 114

Ecletismo OOX,XII,120
Eclosão OVI
Ecologia 072,073,081,100
 Animal 100
Economia 003,008,009,010,012,016,
 019,021,022,028,078,079,
 091,092,093,094,095,096,
 107,108
 Agrícola 009,093
 Agroindustrial 009
 Agropastoril 009
 Brasileira 008
 Extrativista 019
 Florestal 009
 Geral 107
 Industrial 009
 Liberal 095
 Nacional 003
 Natural 078
 Pastoril 009
 Pecuária 093
 Política 079
 Primária 021
 Exportadora 021
 Regional 022
 Rural 092
Economia Política 054
Economista 087,088
Editora 014,018
Educação 104
Efeito 053,097
Efetivação 114
Efetivo 021,092
 Humano 021
 Populacional 092
Eixo 100
 De relação 100
Elaboração VIII,066,111,114
 Teórica 111
Elemento 007,048,054,057,058,
 069,070,083,084,088,
 090,103,107
 Branco 007
 De relação 057
 Dinâmico 084
 Fundamental 054
 Humano 069,070
 Indígena 007
 Isolado 048,069,070
 Mestiço 007
 Negro 007
 Psicológico 088
 Raro 107

Social 058
Eletrificação 014
Elitismo OOX
Elo 120
Embasamento 095,096
 Espacial 095,096
Emersão 117
Emigração 023
Empirismo 111
 Naturalista 111
Empresa 018,087,088
Empresário 011
Encadeamento 088
Encaminhamento VII
 De solução VII
Encadernação 059
 Do valor 059
Enclave 081
Energia 009,010,014,019,020,
 022,023,025,026,088,
 094,102
 Atômica 025
 Elétrica 019
 Hidráulica 022
 Hidrelétrica 024
 Térmica 024
Enfoque 053,099
 Sintético 099
Engenharia 014,019
Enigma 113
Enraizamento 103
Ensaio OOO,OOI,OII,III,OOV,
 OVI,VII,OIX,OOX,OXI,
 XII,XIII,XIV,XV,114
Entendimento OOI,VIII,OXI,XII,061
Prático OXI
Teórico OXI
Entorno 080,103,104
 Urbano 104
Entusiasmo 104
 Particular 104
Enumeração OXI,070
 Aristotélica 070
Envoltório 101
Envolvimento 099
Enxada 016
Epistemologia XII,XIII,XIV
Época OXI,088,114,117
Equação 057
Equilíbrio 028,072,075,077,
 080,081,084,100,101,102
Individual 100,102
Instável 072,075,077,080,081

Perfeito 084
Social 100
Equiparação 056
Equivalência OOX,OXI,043,054,058
Equivalente 055,056,057,059,087,095
 Geral 059
 Universal 059
Esboço OXI,061
Escala
OII,OOV,085,087,096,096,097,105,108
 De análise OII

Do globo 108
Espacial 105
Intercontinental 097
Local 096,097
Social 105
Escassez 086
Escola 089,114
Escolha 106
 Autoritária 106
Escritório 018,068

Esfera 069
Esforço OIV,OOV
Espacial 091
Espaço OOI,OOV,OVI,VII,VIII,OIX,XII,XIII,
 XVII,001,002,003,004,005,006,
 007,008,009,010,011,012,013,
 014,016,018,019,020,021,022,
 023,024,025,026,027,028,032,
 033,034,035,036,039,040,041,
 043,046,047,048,061,062,063,
 068,069,070,071,073,074,075,
 076,077,078,080,081,082,083,
 084,085,086,087,088,089,090,
 091,092,093,094,095,096,097,
 098,099,100,102,0103,104,105,
 106,107,108,109,110,118,119
Aberto VII,034,040
Abertura 040
Absoluto 043,047
Abstrato 040,109
Abstrato-concreto 032
Agrário 040
Amazônico 021,022
Argumento 041
Atmosférico 084
Autodeterminação VII,036
Autônomo 035
Base 033,034
Bloco 040
Brasil 003,004,005,006
 Geológico 003
 Hidrográfico 006
 Litorâneo 004
Central VII, 034,035
 Democrático 035
Centro 041
Circunscrito 096
Comparação 001,002
Complementar 034
Completo 040
Complexo 097
Conceito VII,039
Concentrado 034,041,096
Conclusão 041
Concreto 082,087,105,109

Geodésico 087
Consciência 041
Contexto 041 continente 003
Contínuo 079
Contradição 041
Continente 003
Contínuo 079
Contradição 041
Criado 068,090,100
Cultural VII,007,033, 034, 040
Cultural-jurídico 035
Da carta 085
Da nação 084
Da ação 088
De articulação 040
De burgueses VII,032
 E proletários VII,032
De existência 088
De expansão 081
De localização 085,-
91,094,095,098
De lugares 082
De manifestação 070,108
 De relações 070
 Humanas 070
De ocorrência 070,108
 De organização 070
 Social 070
 Do povoamento 070
De ocupação 040
De organização 040
De pontos 090
De produção 119
 Autônomo 119
 Próprio 119
De referência VIII,040,041
Meridional 040
De relação 092,097,098,099
Empírico 092
Organizado 092
De relações 068,069,071,
 090,098,099
Regionais 099
De representação 085,088

De retração 081		Do mapa 085
De tensões 082		Do proletariado 040
De um país 075		Dos camponeses
De	vida	040
070,071,077,081,082		Do socialismo 032
Debate 041		Dos outros 040
Definição 039		Ecológico 099,106
Densidade 002		Econômico
Desenvolvimento 041		003,085,087,088,094
Desocupação 040		Empírico 087
Determinação 003		Teórico 087
Diacrônico 040		Em expansão 084
Difuso 096		Em geral 110
Dinâmico 068,079,080,081,		Em movimento 040
082,090,100		Empírico 087
Disperso 033		Enigma 041
Distância 041		Epistemológico 039
Divergência 041		Estrutural 106
Diversificado 068,069,071		Étnico 002,007
Divisão 005		Espaço VIII,041
Do Estado 084		Específico 035
Do geógrafo 068,076		
Estrutura 040		Interno 041
Exclusivo 035		Instável 034
Existente 068,069,071,078,		Insular 040
079,080,090,100,110		Isolado 033, 080
Explorado 094,096		Jovem 002
Exterior 098		Jurídico VII,002,034,035
Fechado VII, 034		Lazer VIII,041
Fim 041		Leitura VII,034,035,041
Físico 021		Linguagem VII,034,035
Forma 039		Local 094
Funcional 095,097		Lógico 040
Geodésico 079,081,082		Lugar 034,041,109
Geoconômico 003,009		Marginal 034
Geográfico 083,086,087,088,092		Matemático 071,079
Geonômico 087		Mediterrâneo 040
Geopolítico 009		Meio 006
Geral 035,095		Meridional 040
Grande 041		Minoritário 035
Habitação 008		Nacional 035
Habitado 068,069,071		Modelagem 005
Habitual 098		Modernização 040,041
Heterogêneo 087		Momento 033,034
Histórico 040		Monopólio 041
Homogêneo 081,087		Nação 035,040
Horizontal 080,082,089		Nacional VII,034,083,085,099
Humano 071,085		Não isolado 080
Humanizado 097		Natural 071,079,080,
Identidade VII		081,083,090,100
Ideológico VII,036,040		Inorgânico 080,081,082
Imaterial 086		Orgânico 081
Império 003		No espaço 034
Improdutivo 096		Notícia
Indeterminado 082		VIII,009,011,012,013,014,016,018,019,020,
Individual 102		041
Interior 041		Número 041
Inter-nação 035		Objetivo 082,083,088
Internacional VII,034		Abstrato 082

Concreto 082
 Ocupado 068,094,096
 Ontológico VII,039,041
 Ordenado 097
 Orgânico 082
 Particular 035,040
 Particularista 035
 Pequeno 041
 Percebido 104,106,109
 Pergunta 041
 Percebido 104,106,109
 Pergunta 041
 Periferia 041
 Periférico VII
 Permanência 040
 Planejado 099,103,104,106,109
 Planetário 088
 Plano 021,023,040
 Plural 041
 Político VII,033,034,035,036,
 039,083,084,085,086,
 087,088,089,094,095,
 096,097,098,119
 População 002,007
 Potência 003
 Povoador 068,069,071
 Produtor 033,034
 Produzido 033

Próprio 095
 Qualificado 096
 Real 087
 Referência 041
 Região 003,022,025,026,
 027,028,040
 Centro-oeste 026,027
 Nordeste 022
 Sudeste 025
 Sul 028
 Regional 024,035
 Relação 040,041
 Relacional 043,047
 Relativo 043,047,048,091
 Quantitativo 091
 Residencial 095,097
 Resistência 041
 Rural 098
 Simples 091
 Singular 035
 Sistema 040
 Social 068,069,070,071,
 088,089,090
 Global 090
 Subdesenvolvimento 041
 Subjetivo 082,088
 Tema 039
 Tempo 041

Térmico 002
 Terrestre 071,079,082,091
 Topográfico 090
 Trabalho 033,041
 Único 035
 Urbano 089,097,119
 Valorizado 068,100,103,104,106
 Socialmente 103
 Vazio VII,040,041,068,081
 Vegetação 006
 Vertical 080,082,090
 Vital 084
 Vivido 094,095,099,100
 Vivo 077,100

Espécie 072,074,106
 Humana 074
 Especificidade OOX,OXI,073,091,109,118
 Geográfica 073
 Especulação 108
 Fundiária 108
 Espigão 014
 Espírito 019,028,079,090
 Empresarial 019,028
 Espírito Santo 010,011,012
 Essência XII,XIII,049,062,068,069,089
 Da realidade 069
 Estação 025
 Estado 001,002,035,036,077

Fixo 077
 Gigante 001
 Sanitário 002
 Temporário 077

Estado 010,011,012,013,014,
 016,017,018,019,020,
 025,026,049,052,084,
 085,086,087,113,116
 De Minas Gerais 025
 De São Paulo 113
 Do Acre 018
 Do Amazona 017,019
 Do Espírito Santo 025
 Do Maranhão 016,018,019,020
 Do Pará 018,019,020
 Do Paraná 026
 Do Rio 010,011
 Do Rio de Janeiro 025
 Nacional 084,087
 Socialista 086
 Estágio OIX,081
 Estandartização 107
 Estar 120
 Estatuto 105
 Estepe 072
 Estiagem 006
 Estilo 094,105
 Colonial 105

De vida 094, 105
 Estimativa 106
 Estímulo OOX
 Estratégia 016
 Estratificação 091
 Estrutura OIX,OOX,005,007,016,
 024,025,026,060,083,
 087,094,097,120
 Com dominante 060
 Complexa 005
 Espacial 026
 Matricial OOX
 Social 097
 Original 097
 Urbana 024
 Estudo OOX,045,048,049,068,
 069,070,071,081,082,085,
 086,100,110,114,115
 De caso 114
 Europa VII,040
 Evento 063,064
 Evidência OXI,085
 Evolução OII,OIV,OVI,OXI,
 028,074,094,097,
 111,114,117,119
 Alemã 117
 Contraditória 114
 Diacrônica 114
 Sincrônica 114
 Empírica 097
 Francesa 117
 Urbana OII
 Exame 100,111
 Macro-regional 111
 Exceção 051
 Excursão 068,069

Exemplo XIV
 Existência 060,062,063,064,072,
 074,075,078,081,083,
 086,087,089,091,092,
 094,098,101,102,105,119
 Familiar 102
 Humana 064
 Pública 102
 Existencialismo XII
 Existir 061,062,063,064
 Êxito 105
 Êxodo 019
 Rural 019
 Expansão 026,028,029,081,
 084,094,117,119
 Da produção 117
 Industrial 026
 Técnica 094
 Expedição 098
 Experiência 079,097,098,101,
 102,103,108,110,111
 Estética 103
 Incomunicável 103
 Individual 101,102,103
 Social 108
 Experimentação 049,078
 Explicação 043,061,074,
 081,085,111
 Do real 043
 Histórica 081
 Exploração 026
 Agrícola 026
 Exposição VIII,OOX,080,114,118,119
 Expressão 046,055,056,057,
 060,061,062,081,090,
 107,111,113,116,118

Absoluta 062
 Da forma 062
 Espacial 062
 Clássica 113
 Positiva 113
 Da forma 062
 Espacial 062
 Da magnitude 057
 Do valor 057
 Relativo 057
 De conjunto 046
 Do lugar 061
 Do valor 056,057,059
 Empírica 113
 Histórica 111
 Espacial 111
 Lógica 116
 Objetiva 108

Relacional 062
 Da forma 062
 Espacial 062
 De valor 058
 Simples 056,060
 Do valor 056
 Singular 058,059
 Subjetiva 090
 Extensão OOV,001,005,006,
 018,026,027,034,050,
 079,089,090,096,108
 Concreta 089,090
 Física 018
 Oceânica 005
 Territorial OOV,026,034
 Exterior 118
 Extração 008
 De pau-brasil 008

Extremo 003
 Fábrica 018,094
 Faculdade 076
 Faixa 080
 De degradação 080
 Família 049,108
 Familiaridade 094,102,103,106
 Fantasia OOX
 Fase 094
 De desenvolvimento 094
 Fato OII,OIV,VIII,052,089,090,091,107
 Fator 006,076,094
 Geográfico 006,076
 Fauna 096
 Febre 012,114
 Aftosa 012
 Fecundidade 092,105
 Natural 092
 Da terra 092
 Federação OII,015,019,035
 Fenômeno OOV, 063,074
 Fenomenologia XIII
 Fernando de Noronha 005
 Fernandópolis 010
 Ferro 011,012,057,058,059
 Ferrovia 100
 Feudalismo 038,117
 Fiação 018
 Figura 057,116
 Do valor 057
 Filiação 105
 Regional 105
 Filosofia VIII,060
 Analítica VIII
 Da história 060
 Filósofo 060,061
 Finitude 107
 Fisionomia 072
 Da vegetação 072
 Floresta 020,021,072,104
 Amazônica 020
 Clareira 072
 Galeria 072
 Relacional 060
 Relativa 055,056,057,059
 Do valor 058
 Unitária 059
 Formação III,OOV,OXI,XII,XIII,060,
 069,093,101,109,113,117
 Do pensamento OXI
 Geográfico OXI
 Empírica III
 Positiva III
 Naturalista III
 Espacial III,109
 Colonial III
 Concreta XIII
 Neo-positivista XII
 Fluminense 011
 Fluxo 074
 Fogo 074
 Folclore 016
 Fome 002
 Força OIV,010,077
 Da gravidade 077
 Política 010
 Forma XII,044,050,054,055,056,
 057,058,059,060,061,062,063,
 064,065,066,084,091,098,111,
 114,116,118
 Aparente 061
 Bismarkiana 118
 Do Estado 118
 Alemão 118
 De equivalente 057,058,059
 De manifestação 057,058
 De organização 050
 De valor 057
 Dinheiro 059
 Do valor 054,055,057,058,059
 Elementar 058,094
 Equivalente 055,056
 Espacial 044,061,062,063,
 064,065,066,084,111
 Concreta 062,063,111
 Goeconômica 062
 Geográfica 062
 Jurídica 084
 Particular 063
 Trabalho 066
 Específica 060
 Extensiva 059
 Física 056,057
 Geral 059
 Do valor 059
 Lógica 116
 Material 055
 Mercadoria 058
 Natural 057,059
 Preço 060
 Real 061
 Radical XII
 Social 060
 Universitária OOX
 Formulação OOX,115
 Fortaleza OVI,024
 Foz do Iguaçu 009
 Frações 093
 Do espaço 093
 Fragmentação OOV,VII
 Do espaço VII
 França 032,086
 Francês 012,034
 Freigem 117
 Freio 093
 Frente 006,029

Pioneira 029
 Fronteira 001
 Fuga 118
 Função 024,052,057,077,090,
 095,096,101,106,115
 Comercial 024
 De equivalente 057
 Social 115
 Funcionalidade 044
 Funcionamento 050

 Galícia 039
 Gama 106
 De valores 106
 Gaúcho 010
 Generalidades OOX
 Abstrata OOX
 Generalização 081,110
 Gênero 076,106
 De vida 076,106
 Gênese 049,115
 Gente 106
 Geoeconomia 044
 Geografia OIV,OIX,XII,XIII,XIV,001,003,
 008,012,032,044,045,046,047,
 048,061,062,063,065,066,068,
 069,071,072,073,078,079,082,
 084,085,091,096,098,099,110,
 111,113,114,118
 Botânica 072
 Cultural 098
 Do homem 070
 Dos grandes espaços 003
 Econômica 098
 Francesa XIII,068,069
 Geral 046
 Humana 069,071,072,073,
 078,082,084
 Natural 079
 Política 098
 Regional 046
 Sistemática 046
 Social 110
 Francesa 110
 Urbana 008
 Geógrafo OOO,OII,XVII,006,043,044,
 070,082,085,086,087,090
 Geóide 071
 Hegemonia 012
 Hemisfério 005
 Meridional 005
 Herança 076,081
 Hidrelétrica 029
 Hidrografia 021,027
 Hierarquia 022,068,099,106
 Abstrata 106
 Categorical 068
 Hierarquização 102
 Hinterlândia 023
 Hipótese OOV,VII

 Terrestre 079
 Geometria 090
 Clássica 090
 Geórgia 038,039
 Geração 038
 Geral 071,079,096,110
 Particular 110
 Globo 003,033,074,088
 Goiás 014
 Goioerê 009
 Gosto 104,105
 Governo 011,012,014,019,020,026,114
 Gradiente 106
 Espacial 106
 Grande 001,100
 Conjunto 100
 Potência 001
 Grande Rio 011
 Grande Sul 009,010
 Grandeza 057
 Grau 047,081,083,090
 De continentalidade 083
 De humanidade 090
 De vinculação 047
 Grupamento 099
 Grupo 050,051,063,075,083,
 084,085,088,089,095,
 096,098,101,106,116
 Equilibrado 101
 Familiar 089
 Humano 063,075,083,085,098
 Isolado 075
 Localizado 089
 Social 095,096
 Guanabara 010,011
 Guarujá 012
 Guarulhos 011

 Habitante 099
 Habitar 063,064,065
 Habitat 008,063,065,091,096
 Aglomerado 008
 Disperso 008
 Rural 008
 Hábito 060
 Social 060
 Haver 066,120

 História XII,XIV,013,014,016,046,
 061,064,065,068,070,081
 Do pensamento 068
 Geográfico 068
 Natural 064
 Social 064
 Histórico 116
 Material 116
 Social 116
 Historiografia XIV,114
 Hoje 098,100,104,105
 Homem 001,002,006,009,015,016,

018,023,033,045,046,047,
 048,061,063,064,065,069,
 070,071,072,073,074,075,
 076,077,078,079,085,086,
 089,090,094,109,116,115
 Antropológico 070
 Físico 070
 Branco 002
 Brasileiro 006
 Isolado 075,076
 Homenagem 104
 Homogeneidade 075,080
 Absoluta 080
 Homogeneização 107
 Homogêneo 082
 Horizonte 089,093,102
 Espacial 102
 Humano 089
 Individual 102
 Hostilidade 075
 Humanidade 072,075
 Humanização 064
 Humano 070,072,075

 Ibaiti 009
 Ideação 118
 Idéia III,OVI,OIX,XII,043,047,053,
 064,068,069,071,072,073,
 074,075,078,079,081,082,
 086,088,093,100,113,114,
 115,118
 Básica 074
 Certa 118
 Identidade 047,104
 Identificação 105,106,114
 Ideologia OOX,116
 Idioma 034,036,037,038
 Comum 036,037
 Oficial 036
 Igreja 015,016,089
 Igualdade 056,058
 Imagem 017,104
 Imaginação OOX
 Imigração 023,074
 Impacto 097,099
 Impasse OOI,XV,060
 Aristotélico XV
 Kantiano XV
 Imperativo 100,101,102
 Territorial 100,101,102
 Império 003
 Implantação 091,096

 Nacional 013,016,027,114
 Integralismo 114
 Intelectual OXI,XII
 Inteligência VIII,OIX,073,075
 Intensidade 075,099

 Importância OIX,XIV,098,115
 Imprensa OOO
 Impulso OIV,078
 Inclusão 099
 Incremento 023
 Demográfico 023
 Indeterminação 081
 Indicação XIV,114
 Indicador 050
 Índice 060
 Índio 016
 Individual 050
 Individualidade 047,051,052,072
 Indivíduo 049,050,051,088,089,
 095,098,101,102,104,115
 Humano 115
 Indústria 010,012,015,016,
 018,019,020,022,029,
 033,086,094,116
 Madeireira 017
 Têxtil 015
 Industrial OIV
 Industrialização 008,015,024,
 026,028,029
 Inércia 062
 Inferência 074
 Infiltração 096
 Inflação 108
 Informação OII
 Epistemológica OII
 Linguística OII
 Infra-estrutura 009,010,017,
 023,028,029
 Viária 023
 Inglaterra 032,037,038
 Iniciativa 008,015,017,076,086
 Empresarial 008
 Humana 086
 Privada 015,017
 Início 109,110,114
 Inorgânico 078
 Insalubridade 019
 Inserção 095
 Inspiração 074
 Instância OXI,085,113
 Empírica 113
 Instrumento OXI,095,108
 Analítico OXI
 Universal 108
 Integração
 013,016,017,018,025,027,028,047,048,114

 Integração 053,105
 Interconhecimento 102
 Intependência 033
 Universal 033
 Interesse OIV,115

Interior 007,022,025
 Interioridade 115
 Interiorização 027
 Do desenvolvimento 027
 Interpretação III,OIX,046,091,101
 Qualitativa 091
 Inter-regional 023
 Intervenção 077
 Intimidade 101
 Intra-regional 023
 Introdução OOO,OOX,083,093
 Inundação 019
 Inverno 025
 Inversão VIII
 Investigação 114
 Irlanda 038
 Irradiação 083
 Irrigação 096
 Islã 041
 Isolamento 021,038,076,083,
 098,109,114,119
 Econômico 038
 Total 098
 Itaipu 029
 Itália VII,032,040
 Italiano 012,034

 Jacareinho 009
 Jogo 077,098,103,113
 Da natureza 077
 Juízo 051
 De valor 051
 Jundiá 010
 Justiça 016
 Juta 018,019

 Laço 089
 De interesse 089
 Lago 019,105
 Lar 100
 Latitude 083
 Lavoura 012,015
 Legalidade 118
 Dialética 118
 Legalidade 118
 Dialética 118
 Legibilidade 104
 Lei III,017,073,118
 Da gravidade 118
 De tendência III
 Leite 010
 Leitor OOI,VIII,OIX,110,113
 Positivista 113
 Leitura OOI,XIV,104,109,113
 Do entorno 104
 Teórica 113
 Leste 004, 011
 Meridional 011
 Liberdade 115
 Ligação 052,095

 Limeira 010
 Limitação 107
 Limite 080,084,086,120
 De competência 084
 Territorial 084
 Linear 080
 Língua OOO
 Portuguesa OOO
 Linguagem OOO,OOI,VII,086,089,100,113
 Dos valores 100
 Lingüística 056
 Linha 005,079,089
 Da costa 005
 Liquidação 117
 Litoral 005,007,016,023
 Amazônico 005
 Das barreiras 005
 Das escarpas 005
 Cristalinas 005
 De sudeste 005
 Equatorial 005
 Meridional 005
 Nordestino 005
 Oriental 005
 Subtropical 005
 Litoral Norte 113
 Livre 015
 Empresa 015
 Livro OOI,VII,VIII,OIX,OOX,XIV,052,110
 Local 033
 Localismo 076
 Localização 045,062,063,079,085,096,101
 Locomoção 084
 Área 084
 Lógica OOO,OOI,OIX,XII,XIV,071,113,119
 De demonstração OOI
 Do texto OIX
 Formal 071
 Geral OOO,OIX,XIV
 Histórica 113
 Interna OOO,OOI,XII,119
 Logicismo OOX
 Lugar OXI,XII,XIV,XVII,001,032,
 033,034,035,039,040,044,
 045,047,048,061,062,063,
 064,065,066,068,071,072,
 073,075,076,080,091,092,
 101,103,108,109,110,111,118
 Certo 118
 De manifestação 032,033,039
 De ocorrência 032,033,039,
 063,064,066
 De trabalho 065,066
 Em si 032,033,039,064,066
 Goeconômico 063

Geográfico 063
 Histórico 063
 Idioma 034,035
 Natural 063
 Região 040
 Vazio 062
 Visual 032
 Luta OVI,079,081,117
 Luz 077
 Lyon 086

 Maceió 015
 Maciço 004
 Antigo 004
 Da Borborema 004
 Magnitude 057,059
 Do valor 057,059
 De mercadoria 059
 Relativo 057
 Malha 026
 Urbana 026
 Manaus 018,020,021
 Manifestação 058,059,061,062,
 064,066,069,111
 Da contradição 061
 Do lugar 062
 Geográfico 062
 Do trabalho 059
 Humano 059
 Em geral 059
 Social 069
 Manipulação 113
 Manutenção 094
 Material 094
 Mão-de-obra 009,021
 Mapa 012
 Maquinaria 033
 Mar 004,011,083
 Maranhão 004,015,016,017
 Marcha 076
 Marginalidade 114
 Marginalização 119
 Martin Vaz 005
 Massa 052,053,083,084
 Social 052,053
 Mate 014
 Matemática 071,087
 Moderna 087
 Matéria 052,062,085,107
 Prima 085
 Social 052
 Material 114
 Materialidade 055,058,062,063,064
 Sensível
 Materialização 057
 Do trabalho 057

 Humano 057
 Mato Grosso 013,016,017,018,029
 Matogrossense 014
 Matriz OXI, 043,044
 Mecanismo 077
 Média OOX,080,82
 Mediação OIV,XIV,116,120
 Medida 094,095,093,097,
 103,107,108,118
 Do valor 108
 Mediocridade 093
 Meio 009,052,070,071,072,073,074,
 075,077,078,079,081,084,
 086,099,103,104
 Ambiente 072
 De existência 094
 Físico 070,084
 Geográfico 009,095
 Inorgânico 081
 Natural 077,086
 Rural 097
 Social 052,103
 Meio-Norte 004
 Mentalidade 019,028
 Agrícola 019
 Conservadora 028
 Mente OOX,OXI
 Cartesiana OOX
 Mercado OOV,024,026,099,118
 Interno OOV,024,026
 Polarizador 118
 Mercadoria 054,055,056,057,058,059,060
 Dinheiro 059,060
 Mergulho 103
 Meridiano XIV
 Mérito 106
 Meta XIV
 Linguagem XIV
 Método VIII,OIX,OOX,XIV,045,
 053,073,087,113,120
 Abstrato 113
 Comparativo 053
 De exposição VIII
 De investigação VIII
 De ser e fazer VIII
 Em geral OIX
 Metodologia OIX,OOX,043,046
 De investigação OOX
 Especial 044
 Geral OIX,043
 Metrópole 003,029,099
 Regional 099
 Micromeio 094
 Profissional 094
 Minas Gerais 010,011,012,015
 Mineiro 012
 Mineração 007
 Minério 022
 De manganês 022
 Mistura OOX

Mito OOX
Miura 010
Mobilidade 074,080,090
 Social 090
Mobilização 094
Modalidade 088,100,117
Modelagem 004
Modelo 026,068,069,116,118

 Centro-periferia 026
 Exógeno 116
 Formal 069
Modernização OOV,028,029
Modificação 093
Modo OIV,OIX,OOX,054,061,
 062,063,076,098,099,
 109,110,111,116,117
 Abstrato 110
 Concreto 061,062,063
 De existência 117
 Urbano 117
 Industrial 117
 De produção OOX,054,109,
 111,116,117
 Capitalista 054,117
 De vida 076
 Prático-conceitual OOX
Moinho 018,093
 De vento 093
Molde 092
Momento III,OOV,060.069,071,
 073,077,079,085,087,
 096,100,116,117,119
 De avaliação 111
 Internacional 117
 Positivo 077
 Seguinte 119
Monarquia 015
Monografia 114
Monumento 103,104
Morar 065,066
Moradia 065,094
Moscou 041
Mossoró 015
Movimento OOI,XII,045,046,055,
 060,062,065,066,070,
 085,111,113,114
Mudança OIX,096
Multidão 077
Multiplicidade 062,063,068,
 069,072,104

 Do real 062,063,069
Mundo OOV,VIII.001,002,021,
 032,033,034,035,045,
 047,048,062,070,074,
 088,095,098,104,109
 Atual 095
 Citadino 033
 Empírico VIII
 Exterior 048,070,098,104
 Físico 062
 Natural 070,073
 Rural 033
 Social 048
 Tropical 002
Muro 102
Mutirão 013
Nação 001,033,036,037,038,
 039,083,084,087,088,102
 Continente 001
Nacional 033
Nacionalidade 035,084
 Checa 036
 Francesa 036
 Italiana 036
 Norte-americana 037
 Polonesa 036
Não normal 043
Não normalidade 050,051
Narrador VIII
Nascimento 038
Natural 065,072
Naturalismo OOX,073
Natureza OXI,XIV,007,021,045,
 062,064,065,066,070,
 074,077,078,079,090,
 096,103,105,111,116,117
 Do espaço 062
 Inorgânica 077
 Orgânica 077
 Primeira 064
 Real 117
Navegação 018,021,027,033
 A vapor 033
 Fluvial 021
 Interior 027
Necessidade 064,065,087,095,100,
 101,102,109,118
 Biológica 065
 Cultural 065
 Sensível 064
 Supra-sensível 064
Neo-positivismo XIII,069
Nihilismo XIII
Níveis 002,004,024,026,
 029,086,092,099,105
 De desenvolvimento 029
 De instrução 026
 De renda 024
 De vida 002,092

De mar 004
 Social 099
 Noção III, OOX, 047, 054, 061,
 071, 073, 074, 075, 076,
 077, 078, 079, 081, 087,
 088, 090, 094, 100, 102, 105, 109
 Abstrata 105
 Científica 074
 De espaço 099
 De processo 061
 Ecológica 078
 Nomadismo 019
 Nordeste 001, 014, 015, 016, 017, 023, 024
 Nordestino 023
 Normal 043
 Normalidade 050, 051
 Norte 012, 014, 015, 018
 Novo 117
 Núcleo 025
 Número 074, 091, 101, 108
 Nutrição 016

Objeção OII
 Objetivação 107
 Objetividade 116, 117
 Virtual 117
 Objeto XIV, 043, 044, 045, 048,
 049, 055, 061, 071, 073,
 078, 086, 099, 101, 109,
 110, 111, 114, 115, 116, 120
 De estudo 049
 Espacial 110
 Ideológico 115
 Material 055
 Obra OII, III, OIV, OOV, 048, 115
 Oficial OOV
 Observação 049, 074, 075, 098, 099
 Empírica 075
 Ocasão 103, 114
 Ocidente 083
 Ocorrência 073, 074, 080, 081, 119
 Ocupação OOV, .007, 008, 013,
 017, 018, 021, 022, 026,
 029, 063, 074, 078, 081,
 092, 110
 Descontínua OOV, 026
 Do solo 007
 Humana 092, 110
 Territorial 021
 Oeste 001, 003, 011, 012, 014, 024, 029

Nordestino 024
 Óleo 025
 Oliveira 080
 Onde 107
 Ônibus 015
 Ontologia VIII, 120
 Espacial VIII
 Opção XIII
 Política XIII
 Operação 107
 Operário XII
 Opinião OOO
 Pública OOO
 Oposição 058, 059, 073, 096
 Fundamental 096
 Ordem OOX, 077, 097, 107, 115
 Espacial 097
 Imanente 115
 Temporal OOX
 Ordenação III, OXI, 108
 Descritiva III
 Empírica OXI
 Espacial 108
 Orgânico 078
 Organismo 049, 071, 073, 077
 Vivo 049, 073
 Organização OIV, 020, 022, 025, 026,
 028, 029, 045, 069, 075, 076,
 086, 092, 093, 096, 097, 099,
 106, 119
 Agrária 026
 Do espaço 020, 025, 028,
 045, 092, 106
 Regional 025, 028
 Econômica 093
 Espacial OIV, 022, 119
 Sistemática 099
 Social 069, 075, 076, 093
 Orientação 068, 111
 Origem XIV, 070, 075, 078, 093, 119
 Original 113, 114
 Ótica 051, 068
 Empírica 068
 Lógica 068
 Ouro 008, 013, 018, 059, 060

Pacífico 016
 Pagamento 108
 País OOO, III, XIV, 001, 002, 003, 005, 007
 ,008, 010, 001, 012, 013, 022, 023
 ,024, 025, 026, 027, 028, 029, 033,
 034, 035, 037, 038, 047, 075, 076,
 087, 098, 107, 113, 114, 120
 Agro-industrial 003
 Tropical 002
 Paisagem 008, 046, 061, 065, 072,
 086, 093, 096, 100, 103,
 104, 105, 110
 De parque 072
 Humana 065

Humanizada 086
 Natural 008,065,110
 Regional 086
 Rural 008,093,096
 Palavra 056
 Palco 070,071,073
 Pantanal 003
 Papel OIV,018,020,055,100,116
 Pará 016,017,019
 Paraense 017
 Paraíba do Sul 011,015
 Paralelismo OIX
 Paralelo OIX
 Paraná 009,010,018,025,029
 Parcela 084,091,095,097
 De espaço 091,095
 Humanizado 095
 De humanidade 084
 De solo 084
 Do espaço 091
 Terrestre 091
 Parceria 014
 Parecis 004
 Parte OOX,XVII,XVIII,032,033,046,
 072,099,102,108,118.
 Participação 078
 Particular 043,059,071,079,
 096,102,111,116
 Abstrato 111
 Particularidade 054,059,060,117
 Passado OIV,074,076,204,113
 Passagem 077
 Patrimônio 001,075
 Paulista, 012,013,015
 Paulo Afonso 015
 Pecuária 012,013,017,018,028
 Pedágio 104

 Pedologia 006
 Brasileira 006

 Pena 049,051
 Penetração 096
 Pensamento OOV,VIII,XII,XIV,044,053,
 061,068,070,079,094,111,
 116,117,118
 Científico 070
 Contemporâneo XIV
 Dividido 068
 Francês XII
 Geográfico OOV
 Nacional OOV

 Pliniano 117
 Pensar 061,063
 Percepção VIII,XII,061,068,088,094,
 095,102,104,106,110
 Do espaço 094
 Estética 104
 Humana 110
 Social 110
 Perfil 006
 Pergunta VIII,OXI,XIV,101
 Periferia VII,028,118,120
 Avançada 120
 Imediata 028
 Regional 028
 Remota 028
 Período III,089,093,101
 Permanência 062,063,080,107
 Permutabilidade 060
 Pernambucano 015
 Pernambuco 014,016
 Perplexidade XIII
 Personalidade 102
 Perspectiva 098,100,109
 Fenomenológica 100
 Psicológica 100
 Pesca 009
 Peso 104,110
 Pesquisa OIX,061
 Empírica OIX
 Pesquisador OXI
 Pessoa 084,102,104
 Jurídica 084
 Petróleo 015,017,018
 Piauí 004
 Pioneiro 017
 Pirajú 012
 Planalto 004,013
 Atlântico 004
 Do Brasil 004
 Sudeste 004
 Brasileiro 004
 Central 004
 Da Borborema 004
 Do Maranhão-Piauí 004
 Do Meio-Norte 004
 Goiano-matogrossense 004
 Gonduânico 004
 Sul brasileiro 004
 Nordestino 004
 Oriental 004
 Sul-oriental 004
 Planejamento 008,009,011,016,
 017,018,020,119
 Global 020
 Regional 012
 Planície 022
 Plano 017,051,079,082,086,
 087,095,098,106
 Psicossocial 095
 Sociológico 095

Técnico 095
 Teórico 051
 Pluralidade 120
 Pobreza OIV,023
 Do campo OIV,023
 Poder 001,010,011,013,
 023,081,084,106
 De atração 026
 De expansão 081
 De sujeição 084
 Político 106
 Polarização 098
 Policultura 008
 Política 012,015,016,018,
 020,025,108,114
 Político 011
 Pólo 013,087
 Ponto OXI,063,075,079,083,086,
 089,092,094,097,098,
 104,108,109,111,114
 De chegada 109
 De impacto 094
 De partida 075,109,111
 De vista 092,093,097,098
 População OOV,002,007,011,013,
 020,021,022,023,053,063,
 074,075,091,094,099,101
 Brasileira 002,007
 Humana 074
 Porção 074
 Porto 011,018
 Porto Alegre 010,029
 Português 017
 Posição III,OXI,001,005,022,027,029,
 056,062,063,079,082,083,092,
 093,097,104,105,106
 Analítica OXI
 Central OXI
 Central 083
 Geográfica 005,022
 Industrial 029
 Periférica 083
 Positivismo VIII,XII,XIII,068
 Lógico VIII
 Naturalista XIII
 Posse 063,108
 Possibilidade XIV,074,117
 Possibilismo 077
 Possuir 064
 Postura OII
 Potássio 015
 Potência 001,003,078
 Mundial 003
 Potencial 001,024,025,027
 De espaço 001
 Hidráulico 024,025,027
 Povo 013,036,075
 Povoamento 007,008,029,
 045,072,092
 Brasileiro 008
 Colonial 029
 Rural 008
 Vegetal 072
 Pragmatismo OOX
 Prática 032
 Política 032
 Práxis XII,110
 Científica XII
 De pesquisa XII
 Intelectual XII
 Acadêmica XII
 Técnica XII
 Precipitação 006
 Preço 087
 Predominância OIV,OOV,063
 Preferência 106
 Cultural 106
 Pré-ideação 064,065
 Preocupação XIII
 Presença 099
 Familiar 099
 Presente 074,093,109
 Presidente 114
 Presidente Epitácio 012
 Pressuposto 071,082,091,095,097,109,110
 Prestígio 106,108
 Previsão OOX
 Primeira 065,109
 Guerra 109
 Mundial 109
 Natureza 065
 Primitivismo 103
 Princípio 060,100
 Territorial 100
 Problema OII,III,OVI,VII,OIX,OXI,XIII,
 XIV,047,050,051,054,060,
 069,071,073,079,082,097,
 101,108,113,114,116,117,
 118,120
 Da linguagem OIX
 Epistemológico OVI,120
 Franco-alemão XIII
 Histórico 117
 Ideológico III
 Linguístico 116
 Ontológico XIV
 Problemática 045,119
 Procedimento VIII,085
 Cartográfico 085
 Processo VIII,OOX,OXI,XII,008,023,
 024,026,028,029,040,052,075,
 078,114,115,116,117,118
 Comercial 026
 De humanização 008
 De investigação VIII

De pesquisa VIII
 De povoamento 008
 Espacial 114
 Histórico 114
 Litorâneo 114
 Histórico 116
 Total 116
 Horizontal 075
 Natural 078
 Real 118
 Alemão 118
 Brasileiro 118
 Urbano-industrial 026
 Vertical 075
 Produção 010,011,026,018,032,
 074,088,097,113,118,119
 Agrária 028
 Agrícola 011
 Do espaço 032
 Econômica 026
 Industrial 010
 Intelectual 011
 Produto 058
 Do trabalho 058
 Profissão 097
 Programação 101
 Cultural 101
 Instintiva 101
 Progresso OOV,010,014,027,052,
 059,071,109,120
 Proporção 056,057,074
 Proposição OIX,OOX,OXI,XIII,045,053,
 061,079,100,113,117,118
 Teórica 079,113,118
 Proposta OII
 Propriedade 057,058,107,118
 Eminente 107
 Natural 058
 Prosseguimento OIX
 Província 004
 Morfoclimática 004
 Da Amazônia 004
 Oriental 004
 Nordestina 004
 Psicologia XIII,038,108
 Individual XIII
 Social XIII
 Psiquismo 110
 Individual 110
 Social 110
 Quadro OIV,020,022,027,028,029,085,
 093,094,096,097,105
 Agrário 022
 Regional 022
 Demográfico 027,029
 De vida 096
 Geográfico 085,094
 Regional 085
 Nacional 020
 Natural 020,028
 Rural-natural OIV
 Qualidade 104,105
 Do meio 105
 Do entorno 105
 Qualificação 091,096
 Quantidade 056
 Quarto 101
 Quedas 077
 De água 077
 Questão OOO,OII,OIX,OOX,OXI,XII,
 XIII,046,047,048,056,060,
 073,094,101,109,113,116,
 117,118,120
 Epistemológica OIX
 Química 033
 Quociente 091
 De densidade 091
 Raça 036,075
 Raciocínio OOO,OII,OIX,OOX,XII,045,
 050,052,053,060,070,073,074,
 079,088,090,091,100,109
 Viezado OOX
 Raiz 070,107
 Do pensamento 070
 Rarefação 081
 Razão 054,120
 De ser 120
 Direita 054
 Reação 103
 Real VIII,OIX,OOX,OXI,043,049,
 052,053,055,056,061,
 068,069,072,086,088,
 109,110,111,113
 Espacial 109,113
 Realidade III,OIV,OOV,OOX,002,044,
 045,049,050,054,061,069,
 075,076,086,092,094,098,
 110,116
 Atual 076
 Brasileira OIV
 Concreta 094
 Espacial 110
 Fragmentada 110
 Geográfica 002
 Individual 049
 Mundial OOV
 Percebida 061
 Social 069
 Realização 113,114

Rebanho 012
 Bovino 012
 Recife 024
 Reconhecimento 110
 Recurso 053,061
 Recusa 120
 Rede 006,008,021,023,025,028
 ,029,079,082,083,086,
 088,089,090,096,099
 Auxiliar 083
 De circulação 029,096
 De relações 090
 Complexa 090
 De transportes 028,096
 Hidrográfica 006,021
 Brasileira 006
 Rodoviária 023
 Urbana 008,083,099
 Viária 021
 Rediscussão XIV
 Redivisão 117
 Territorial 117
 Do mundo 117
 Redução 107
 Referência 000,001,011,XIV,044,062,
 065,075,079,081,084,085,
 101,106,110
 Absoluta 062
 Particular 110
 Reflexão 103
 Reflexo 088
 Reflorestamento 012
 Região 003,009,011,012,018,019,020,021,
 022,023,024,025,026,027,028,029,
 047,062,063,066,068,069,072,073,
 076,080,086,097,099,102,113,114,
 118,119,120
 Central 119,120
 Centro-Oeste 026,027
 Complementar 113,120
 Econômica 009
 Fluminense 011
 Goeconômica 009,019,120
 Central 119,120
 Centro-oeste 026,027
 Complementar 113,120
 Econômica 009
 Fluminense 011
 Goeconômica 009,119,120
 Central 119,120
 Isolada 113
 Marginal 113
 Norte 021,022,027
 Nuclear 025
 Periférica 029,113,118,119,120
 Sudeste 012,028
 Sul 028,029
 Trânsito 027
 Regime 006,022,025
 Do rio 025
 Fluvial 022
 Regionalização 026
 Regra 051,075,085
 Regressão OOV
 Ideológica OOV
 Regressividade 114
 Regulamentação 100
 Relação 011,00V,01X,0X1,XIV,045,049,
 050,051,052,054,056,057,058,
 060,061,062,063,064,072,073,
 074,075,076,078,079,080,081,
 082,086,090,091,093,096,099,
 102,105,107,111,115,119,120.
 Centro 119
 Periferia 119
 De dependência 050
 De troca 054
 De valor 056
 Geral 060
 Homem-meio 064,074,076
 Natural 074
 Recíproca 115
 Social 054
 Vertical 081
 Relacional 044,051,052,053,
 054,055,057,060
 Relacionamento 053,072,116
 Moral 053
 Produtivo 116
 Básico 116
 Relativa 051
 Realtividade 052,092,094,095
 Do espaço 095
 Relativo 044,056,057,058,060
 Relato XIV
 Relevância 116
 Relevo 004,005,006,027,077
 Continental 004
 Submarino 005
 Religião 082,083
 Católica 082
 Romana 082
 Universalista 082
 Repartição 082,092,108
 Repouso 065
 Repertório 094
 Represamento 023
 Representação 032,061,062,082
 Cartográfica 032
 República 015
 Repulsão 087
 Resíduo 077
 Responsabilidade 049
 Resposta OOX,101,110,114
 Resultado 106,109,110,111,113,117,119

Teórico 113,119
 Retensão 082
 Retração VII,084
 Do espaço VII
 Reunião 116
 Abstrata 116
 Revestimento 027
 Vegetal 027
 Revolução OOV,OVI,093
 Agrícola 093
 Contemporânea OVI
 Moderna OOV
 Rigor VIII
 Rio 019,063,104
 Rio de Janeiro 011
 Rio Grande do Norte 015,029
 Riqueza 064,086,105
 Risco 107
 Rocas 005
 Rodovia 013
 Roncador 004
 Rondônia 017
 Rota 104
 Ruptura VII,XIII,103
 Rural OIV,OOV
 Rússia VII,034,036,039
 Russo 034

 Saber 120
 Abstrato 120
 Concreto 120
 Salgema 015
 Salvador 024
 Sanção 050
 Restitutiva 050
 Santa Catarina 009,010
 São Caetano do Sul 012
 São Francisco 025
 São José dos Campos 010
 São Mateus do Sul 026
 São Paulo 005,010,011,012,013,
 014,015,020,114
 São Pedro 005
 Sardenha 040
 Saúde 013
 Savana 072
 Século 085,104
 Sedimentação 005
 Segmento 048,052
 Segunda 064,065,110
 Guerra 110
 Mundial 110
 Natureza 064,065
 Segurança 100
 Seleção 048
 Selva 014,017,072
 Selvageria 104
 Semelhança 051
 Senhor 107
 Do clava 107

 Do fogo 107
 Sensação 102,103
 De segurança 102
 Sensibilidade 064,065,079
 Sentido 086,105,107,115,119
 Da familiaridade 105
 Geométrico 086
 Sentimento 083,084,103,105
 De calma 103
 Religioso 105
 Sentir 061
 Separação 076
 Sequência VIII,OOX,OXI,XIV
 Ser OVI,061,062,063,064,065,
 066,111,117,118,120
 Capitalismo 118
 Série 058,107
 Sertão 016,023
 Setor OOV,009,010,029
 Agropecuário 010
 Primário OOV,029
 Sicília 040
 Siderurgia 014
 Siderúrgica 018
 Significação 008,083,093,097,103,107
 Espacial 083
 Geográfica 008
 Qualitativa 093
 Do espaço 093
 Universal 107
 Significado OOO,OII,OIX,051,064,
 100,102,105,108,113
 Absoluto 064
 Do real 113
 Relacional 064
 Relativo 064

 Temático OII
 Significante OOO,064,113
 Símbolo 051,093
 Simples 074,075,079,092,111
 Simplificação 107
 Sincrônico 044,093
 Singular 043,116
 Singularidade 043,048,110,120
 Síntese XIII,046,055,059
 Da análise XIII
 Sistema OVI,024,026,027,029,052,
 095,097,098,100,107,109,110
 Aberto 120
 De relações 097,098,109
 De trocas 097
 Energético 024
 Global 024
 Espacial 026

Fechado 120
 Linear 100
 Segmentado 052
 Socialista OVI,110
 Mundial OVI
 Solitário 052
 Urbano 026
 Viário 027
 Sítio 062,063,105
 Situação III,OIV,OXI,003,005,
 060,062,063,083,119
 Brasileira OIV
 De desenvolvimento OIV
 De modernização OIV
 Especial III
 Intermediária III
 Internacional OIV
 Soberania 084
 Sobredeterminação OXI,XIV,060
 Sobreleitura 113
 Sociabilidade 064,065,089
 Social 050,054,061,065,
 070,071,092,103
 Socialismo 032
 Socialização 104
 Sociedade 013,048,049,050,051,052,053,
 090,091,092,093,096,099,100,
 101,103,104,105,106,107,108,
 115,116
 Estratificada 090
 Global 090
 Industrial 096
 Rural 096
 Tradicional 107
 Urbana 096,097
 Sociologia 049,070,079,096,097,108,114
 Do trabalho 097
 Econômica 079
 Sociólogo 043,049,053,082,090
 Sol 014
 Solidão 076
 Solidariedade 050,075,076
 Mecânica 050
 Orgânica 050
 Solo 003,006,072,081,106,017,108
 Brasileiro 003
 Solução OOI,III,VII,OIX,OOX,OXI,
 045,047,048,051,054,058,
 073,101,113,114,117,120
 Complexa 051
 Progressista 117
 Reacionária 117
 Teórica 114
 Subcategoria 114
 Subdesenvolvimento VIII
 Subsolo 012,017
 Substância 049,054,055,056,077
 Social 054,055
 Viva 049
 Substituição 093
 Subtotalidade 061,120
 Sucessão 115
 Sudeste 001,004,005,010,011,
 022,025,026,028,029
 Suíça 034,035
 Sujeito 116
 Sul 001,015,029
 Sul-americano 019
 Sumaré 010
 Superfície 027,045,046,047,048,063,
 074,077,078,079,084
 Centro 027
 Oestina 027
 Da terra 045,046,047,048,063,084
 Terrestre 077
 Superioridade 106
 Psicológica 106
 Superposição 080,088,099
 Suporte 083,088,091,100,103,108
 Financeiro 088
 Nacional 084
 Territorial 083,100
 Supressão 053
 Sustento 092,094
 Humano 092,094
 Talhe 115
 Histórico 115
 Genético 115
 Tamanho 087
 Tautologia 055,057
 Taxa 101
 De crescimento 101
 Demográfico 101
 Tecelagem 018
 Técnica OVI,010,086,088
 Técnico 099
 Tecnologia 017,019,093
 Telégrafo 033
 Elétrico 033
 Tema XV, 043,054,060,102,117,118
 Temática OVI
 Temperatura 072
 Tempo 057,062,063,073,075,076,092,
 093,094,095,096,102
 De trabalho 057
 À produção 057
 Tendência OOX,101,120
 Tensão 084,101
 Tentação 107
 Tentativa OIX
 Teoria OOO,VIII,OIX,XII,043,044,049,
 053,054,061,109,116,120
 Analítica XII
 Concreta 120
 Do conhecimento XII
 Do equilíbrio 053,054
 Do lugar OIX,XII,061
 Do valor 044,109
 Estrutural XII

Teórico OOI
 Ter 064,065,066,120
 Termo OOO,VIII,XII,086,091
 Terra 001,007,009,011,013,014,016,
 017,021,026,069,070,071,
 073,074,076,077,078,082,
 107,108,117
 Terreno 101
 Territorialidade 101
 Território 001,003,006,012,020,026,032,
 033,037,039,040,062,063,066,
 068,080,081,083,084,085,087,
 100,102,103,119
 Brasileiro 020
 Comum 037
 Contínuo 084
 Do acre 003
 Nacional 026,087
 Político 084,085
 Região 081
 Território-Estado 001
 Tese XIII,XIV,103,113,114
 Norte-americana 103
 Texto OII,III,OIV,VII,VIII,XIV,XV,
 XVII,053,060,113,115
 Título 014,057,058
 Tipo OOI,OOX,002,003,007,050,
 051,052,053,057,063,
 070,080,085,087,094,
 095,096,108,110,119
 Aristotélico OOI
 Brasileiro 007
 Coletivo OOX,050,051
 Colonial 003
 Comum OOX,051
 De civilização 096
 De economia 094
 De espaço 110
 De mercadoria 057
 De sociedade 095,096
 Global 095,096
 De solo 063
 Europóide 002
 Funcional 053
 Médio 080
 Mediterrâneo 080
 Psíquico 051
 Segmentar 052
 Social 050
 Tipologia OOI,OXI,096
 Geográfica 096
 Sociológica 096
 Tipológico OXI
 Título III
 Totalidade OOX,XIII 047,048,049,054,059,
 060,062,064,071,096,109,111,
 115,116,118,120
 Acabada 120
 Concreta 118
 Em processo 115

Todo OOX,XVII,XVIII,049,050,051,
 052,056,060,071,072,078,111,115
 Complexo 060
 Estruturado 060
 Com dominante
 060
 Relacional 056
 Topografia 096,106
 Trabalhar 065,066
 Trabalho 054,055,056,058,059,064,
 065,066,069,109,110,111,1
 13,
 114,118,120
 Concreto 058
 Em forma 058
 Social 058
 Epistemológico 120
 Humano
 054,055,056,058,111
 abstrato 058
 natural 111
 Ontológico 120
 Privado 058
 Traçado 086
 Tradição XVII,069,070,110
 Positivista 069
 Tradução 085,102
 Cartográfica 085
 Tradutor OOO
 Tráfico 088
 Planetário 088
 Trajetória 110
 Transformação 064,094,115
 Quantitativa 094
 Transgressão 080
 Climática 080
 Transição 087
 Transmutação 087
 Transporte 018,021,026,095
 Tratamento 043,044,060
 Do tema 044
 Metodológico 043
 Tríade 113
 Dialética 113
 Tribo 036
 Trigo 018,059
 Trindade 005
 Troca 052,059,078
 Comum 059
 De energias 078
 Fortuita 059

Habitual 059
 Tropical 020
 Tropicalidade 002
 Tumucumaque 017
 Turismo 014,017
 Turquestão 041

 União 051
 Unicidade OIX,043,047,058,087,092,
 097,099,104,107,108,110,
 115,117,120
 Da terra 071
 De produção 108
 De superfície 092
 Do conhecimento 073
 Do diverso 055,059
 Econômica 087
 Simples 087
 Federativa 011
 Local 092
 Mais simples 072
 Nacional 117
 Regional 092
 Social 051
 Terrestre 071
 Unificação 038
 Uniformidade 105
 Universal 033,043,116
 Universalidade 059
 Universidade 015,017,019
 Universo 099
 Urbanismo 099
 Urbanização 028,094
 Urbano OIV,OOV
 Usina 026
 Uso 093,097
 Utilidade 073,089,105
 Utilização 006,026,027,093,096
 Agrícola 006,027
 Dos solos 027
 Da terra 026
 Do espaço 093

 Vale 011,019
 Médio 011
 Validade OXI

Valor 034,054,055,056,057,058,059,
 061,063,064,065,069,070,
 075,083,102,103,104,105,
 107,108,109,110,111
 De troca 054,055,110
 De uso 057,058,109,110
 Fundamental 105
 Geoeconômico 064,065
 Geográfico 064,065
 Real 061,061,111
 Relativo 055,057,059
 Simbólico 105
 Territorial 034
 Valorização 017,024,101,108,110
 Do espaço 024
 Econômica 017
 Psicológica 101
 Do espaço 101
 Subjetiva 108
 Do espaço 108
 Vantagem 115
 Variação OIX,045,046,047,048,
 057,058,059,080,081,
 087,095.
 De densidade 101
 Do real 058
 Espacial 046,047,048
 Específica 047
 Recorrente 059
 Relacional 059
 Relacional 059
 Relativa 057
 Única 047
 Variedade OIV
 Várzea Grande 014
 Vazão 006
 Vazio VIII,013,016,018,027
 Econômico 027
 Populacional 027
 Vegetação 045,063,081,096
 Velho 117
 Vento 009
 Verão 025
 Verdade OXI,096
 Verdadeiro 118
 Verificação XIV,115
 Vertical 074
 Vertigem OOX
 Vestuário 002,024
 Via 027,092,096,100,117,118,120
 Colonial 120
 De passagem 027
 Férrea 100
 Prussiana 117
 Vida 002,003,021,033,037,038,039,
 049,051,052,062,070,071,
 073,077,085,090,094,096,
 097,103,105,107,108,115
 Colonial 120
 De passagem 027

Férrea 100
Prussiana 117
Vida 002,003,021,033,037,038,039,
049,051,052,062,070,071,
073,077,085,090,094,096,
097,103,105,107,108,115
Agrícola 003
Comum 094
Cotidiana 094
Econômica 038,039,085
Do país 038
Familiar 097
Individual 097
Regional 021
Social 051,052,105,107,108
Vigência 117
Virtualidade 116
Visão OII,072
De todo OII
Vitória 011,012,017
SP 21/07/79

Vizinhança 083,097
Volume XV,054
Vontade 083,084,097

Votorantin 011

Xingu 018,019
Xisto 025

Zona 002,080
Internacional 002
Limite 080
Zona franca 018,020